

Cynthia Levart Zocca

# O que não está lá?

## Um estudo sobre morfologia flexional em elipses

Dissertação apresentada ao Departamento de  
Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem  
da Universidade Estadual de Campinas como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Jairo Morais Nunes

Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Estudos da Linguagem  
2003

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

2003.2.6349

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	UNICAMP 7720
V	EX
TOMBO BC/	55007
PROC.	16-124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	05/08/03
Nº CPD	

CM00186909-2

BIBID 296030

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Zocca, Cynthia Levart

Z72o

O que não está lá? : um estudo sobre morfologia flexional em elipses / Cynthia Levart Zocca. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientador: Jairo Morais Nunes

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Minimalismo. 2. Gramática gerativa. 3. Morfologia. 4. Sintaxe (gramática) I. Nunes, Jairo Morais. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Este exemplar e a redação final da tese  
defendida por Cynthia Levant  
Zocca.

**Banca Examinadora**

e aprovada pela Comissão Julgadora em  
27/05/2003.

Jairo Morais Nunes

Jairo Morais Nunes  
Professor/Doutor Jairo Morais Nunes (UNICAMP)  
Orientador

Professora Doutora Mary Aizawa Kato (UNICAMP)

Professora Doutora Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes (UFSC)

Professora Doutora Evani Viotti (USP)  
(suplente)

*À Ci e ao Dô.  
A cada dia me dou mais conta da importância  
de vocês na minha vida.*

## Agradecimentos

O homem é um ser histórico. Infelizmente (ou será que felizmente?) não pude deixar meu contexto histórico de lado enquanto escrevia esta dissertação. Isso significou ter que lidar com inúmeros conflitos, invasões, perdas, destruições, mudanças radicais, separações etc. etc. ao mesmo tempo em que tentava entender que diabos Chomsky estava querendo dizer. Como por outro lado a história também é feita de conquistas, alianças, evoluções e crescimento, gostaria de agradecer às instituições e pessoas que foram meus aliados durante essa era da minha vida. A maioria dessas pessoas não faz a menor idéia do que se trata esta dissertação e faz perguntas bem construtivas do tipo: “Gramática geriátrica estuda como os velhinhos usam a língua? Elipse é uma forma geométrica? Como você conseguiu escrever mais de 100 páginas só sobre... o quê mesmo? Mas pra que serve isso?” Nunca é demais enfatizar que sem essas pessoas este trabalho jamais teria se realizado. Portanto lá vão, meus mais profundos agradecimentos...

Em primeiro lugar, ao Jairo, meu “mestre Jedi”. Acho que esta simples *padawan* nunca vai conseguir expressar toda gratidão por tudo. Além de ter sido um orientador brilhante, paciente e extremamente dedicado, nunca deixou de me surpreender pela pessoa que é: divertido, generoso, encorajador e de uma humildade sem tamanho. Soube me fazer avançar e ao mesmo tempo entendeu minhas limitações. Apesar de eu às vezes reclamar dos trabalhos que sempre voltavam “todos rabiscados”, sou extremamente grata pelo cuidado com que leu cada versão a cada etapa do meu trabalho. “Mentors have a way of seeing more of our faults than we would like to. It’s the only way we grow.” (Senadora Amidala em *Star Wars Episódio 2: Ataque dos Clones*).

À Mary Kato pelas contribuições inestimáveis a este trabalho, seja no exame de qualificação, na banca de defesa e em tantas outras ocasiões anteriores. Além disso, por ter sido esse exemplo de serenidade e equilíbrio, que unidos ao seu brilhantismo acadêmico me fazem sempre dizer que quero ser que nem ela quando eu crescer!

À Ruth Lopes por ter aceitado o convite de participar da banca de defesa desta dissertação e pelos valiosos comentários.

À Evani Viotti pelos comentários no exame de qualificação e em apresentações anteriores. Além disso, pelo apoio moral que sempre me deu (a não ser pela cor das unhas, é claro).

À Charlotte Galves por ter sido a professora do meu primeiro curso de Minimalismo e pelas contribuições que fez a este trabalho em várias ocasiões.

Aos meus professores do IEL, Edson Françoze, Rodolfo Ilari, Luiz Carlos Cagliari, Maria Cecília Perroni, além do Jairo, da Mary e da Charlotte, pela excelente formação que me proporcionaram.

Aos professores e palestrantes convidados Norbert Hornstein, Željko Bošković, Hajime Hoji, Sonia Cyrino, Gabriela Matos e Gertjan Postma pelas palestras e pelos valiosos comentários em apresentações de versões anteriores deste trabalho.

À Fapesp, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo apoio financeiro.

Ao pessoal da USP, principalmente Esmeralda Negrão e Ana Müller, por organizarem inúmeros cursos e palestras que complementaram minha formação.

À Zó, minha irmãzinha (mas que é maior que eu!), pelo apoio sempre, nas mais diversas situações. E, claro, pela ajuda em áreas que pra mim às vezes são mais complicadas que sintaxe: roupa, cabelo, maquiagem, baladas... enfim, por ser um exemplo vivo de que dá pra ser inteligente e bonita ao mesmo tempo! Ter me aproximado mais de você de novo foi a melhor coisa de ter voltado pra casa.

À toda a minha família, em especial à Dê, ao Cláudio, à Carol e ao Fernando por serem essas pessoas maravilhosas que estão sempre do meu lado e compreendem que às vezes eu acabo “sumindo”.

À minha avó Ana por ser esse exemplo de vida e por sempre mostrar tanto orgulho desta neta. Não sei escrever isso, mas *Spasiba, Babshka!*

Ao Marcello, meu irmãozão querido, que esteve do meu lado sempre, sempre, me dando força, me ouvindo, me levantando. Tudo que eu puder te dizer ainda vai ser pouco. Muito obrigada por ser sempre essa pessoa incrível, verdadeiro companheiro de travessia, não só academicamente, mas acima de tudo na vida. O mundo seria um lugar bem melhor se cada pessoa pudesse contar com uma amizade incondicional como a sua!

Ao Roberto pela grande amizade e principalmente por ter me ajudado quando eu mais precisei, abrindo a casa e o coração para mim.

Ao Adriano pela amizade, pelos anos de convivência e por ter me ensinado tanto.

À Trinity e à Lili pela companhia em tantas tardes solitárias e pelo carinho que me deram. E à Nina que em menos de um ano de passagem por este mundo já me fez ver tanto sobre a vida.

À Carla por sempre me ajudar a ver o meu melhor lado e me ajudar a crescer. Obrigada por nunca me deixar desistir de fazer o que eu quero (e por me ajudar a descobrir afinal de contas o que eu quero).

Aos amigos e “abbigos” na Força: Fernando The Jedi Master, Fabiola Borangos, Marcelo Chewie, Fábio Wedge, Lu Baçã, Mary Organa, Mara Skywalker, Yuri Lady Lethal, Zé Lelé, Léo, Cybele, Fabricio, Fernanda Fofs, Sílvia Libão, Samanta, Bruna,

Kadu Círdan, Nice Belancia, Carlos Spider, Ester, Mariana Magrela, Igor, Snorks, Fred e Edi. Valeu pela diversão, pelo trabalho em conjunto, pela amizade e por dividirem comigo a paixão pela Saga de George Lucas. Ah, claro, e por tantas vezes me ajudarem a esquecer desta dissertação!

Ao Caio por ter sido um dos protagonistas do meu fim de ano fim-de-novela.

Ao pessoal da Seven, em especial os “Joselitos” Aninha, Vagnão, Karina, Adriene e Sílvia, pela paciência com os meus ires e vires e por fazerem de lá um lugar tão gostoso.

À Debora por ter me dado tantas oportunidades profissionais e pelo apoio.

A todos os meus alunos, que foram minha maior motivação para trabalhar ao mesmo tempo em que escrevia esta dissertação.

Aos meus colegas de vários cursos na Unicamp, Sílvia, Telma, Lurdinha, Alba, Maria Clara, Hely, Flávia, Mateus, Manoel, Mônica, Irê, Ana Paula, Evani, Ronald, Marina, Juan, Adriana, Érica. Obrigada pelos ótimos momentos nas aulas e fora delas.

Às “Meninas de Campinas”, Ana Cláudia, Cristina, Jéssica, Brenda e Simone, pela amizade, pelo apoio, pelos desabafos, pela diversão, pela hospedagem, por tudo mesmo!

Com certeza esqueci de muita gente, mas definitivamente por problemas de performance, pois todos têm a minha mais profunda gratidão!

*“Try not. Do or do not. There is no try.”*

*Master Yoda*

## RESUMO

Esta dissertação trata da relação entre sintaxe e morfologia que pode ser observada através de sentenças contendo elipses. A análise proposta tem como base o arcabouço teórico do Programa Minimalista de Chomsky (1995, 1999, 2000) e a Morfologia Distribuída de Halle e Marantz (1993). A principal questão levantada diz respeito à necessidade de identidade entre o elemento elidido e seu antecedente.

Em primeiro lugar faço a distinção entre dois processos anafóricos descritos por Hankamer e Sag (1976): anáforas profundas, que não têm conteúdo sintático, e anáforas superficiais, que têm conteúdo sintático. Aponto que um dos critérios para identificar anáforas superficiais, identidade estrita entre o antecedente e a elipse, nem sempre parece se aplicar.

Mostro que a falta de identidade entre o antecedente e a elipse é apenas aparente, pois existe um ponto da derivação sintática em que são idênticos, sendo que nos dois locais o que existe é um radical e afixos de Caso, tempo ou concordância. Tais afixos são valorados através da operação *Agree* de Chomsky (1999, 2000).

Dentro do Programa Minimalista, existem duas formas de eliminar traços não-interpretáveis: através do movimento coberto de traços, *Move F* (Chomsky 1995) ou de concordância local sem movimento, *Agree* (Chomsky 1999, 2000). Mostro que os dados de elipse apresentados favorecem uma análise através de *Agree*.

Além disso os dados também favorecem uma abordagem para a derivação de elipses que se vale de apagamento em PF, e não reconstrução em LF.

Por fim, analiso casos de elipses envolvendo expressões inerentemente negativas ou positivas e os verbos *ser* e *estar*, que parecem ser contra-exemplos para a análise com *Agree* e apagamento em PF proposta. Mostro, no entanto, que tais casos podem ser explicados dentro da análise proposta considerando-se que se tratam de elementos inerentemente especificados.

Palavras-chave: elipses; Programa Minimalista; *Agree*; *Move F*; Morfologia Distribuída; anáforas superficiais

## ABSTRACT

This thesis deals with the relationship between syntax and morphology that can be established from sentences containing ellipsis. The proposed analysis is based on the theoretical background of Chomsky's (1995, 1999, 2000) Minimalist Program and the Distributed Morphology of Halle and Marantz (1993). The main issue raised concerns the necessity of identity between the elided element and its antecedent.

First of all I distinguish between two anaphoric processes described by Hankamer and Sag (1976): deep anaphora, which has no syntactic content, and surface anaphora, which has syntactic content. I point out that one criterion used to identify surface anaphora, i.e. strict identity between the antecedent and the ellipsis, does not always apply.

I argue that the lack of identity between the antecedent and the ellipsis is just apparent, for there is a point in the syntactic derivation in which both sites are actually filled with a root plus Case, tense or agreement affixes. Such affixes enter the derivation unvalued and have their values set under the operation *Agree* Chomsky (1999, 2000).

In the Minimalist Program, there are two ways of checking and eliminating uninterpretable features: through covert feature movement, *Move F* (Chomsky 1995) or local agreement with no movement, through the operation *Agree* (Chomsky 1999, 2000). I show that the ellipsis data presented favor an analysis using *Agree*.

Furthermore, the data also favor an approach for the derivation of ellipsis using PF deletion instead of LF reconstruction.

Finally, I analyze cases of ellipsis involving inherently negative or positive expressions and the verb *be*, which seem to be counter-examples to the *Agree* – PF deletion analysis. I show, however, that these cases can be explained under the proposed analysis, taking into account that these elements are inherently specified.

**Key-words:** ellipsis; Minimalist Program; *Agree*; *Move F*; Distributed Morphology, surface anaphora

# Índice

1. Introdução .....	1
2. Elipses e Processos Anafóricos .....	6
2.1. Anáfora profunda e anáfora de superfície .....	7
2.1.1. Testes para diferenciar anáforas profundas e de superfície ....	7
2.1.1.1. Antecedente lingüístico ou pragmático? .....	8
2.1.1.2. Antecedente ausente .....	9
2.1.1.3. Paralelismo sintático estrito com os antecedentes .....	12
2.1.1.4. Extração .....	13
2.2. A questão da identidade em anáforas superficiais em português .....	15
2.3. Derivação de anáforas superficiais .....	18
2.3.1. Reconstrução em LF .....	18
2.3.2. Desacentuação e apagamento em PF .....	19
2.3.3. Apagamento em PF ou reconstrução em LF? .....	24
2.4. Conclusão .....	31
3. Análises Anteriores .....	32
3.1. A Proposta de Lasnik (1999) .....	32
3.2. A proposta de Oku (1998) .....	35
3.3. Problemas com as duas análises .....	37
3.4. Conclusão .....	43
4. Pressupostos Teóricos .....	44
4.1. O Programa Minimalista .....	45
4.2. <i>Move F e Agree</i> .....	47
4.3. A Projeção de Tempo .....	55
4.4. A Morfologia Distribuída .....	59
4.5. Conclusão .....	63

5. A Proposta .....	64
5.1. <i>Agree</i> com apagamento em PF .....	65
5.2. Mais evidências para <i>Agree</i> com apagamento em PF .....	77
5.2.1. Gênero e número .....	77
5.2.1.1. Adjetivos .....	77
5.2.1.2. NPs predicativos .....	79
5.2.2. Caso em lacunas parasitas e construções ATB em polonês ..	88
5.2.3. Itens de polaridade negativa e positiva .....	93
5.2.3.1. Realização morfológica de alguns quantificadores ..	93
5.2.3.2. Itens de polaridade negativa .....	99
5.2.3.3. Expressões inerentemente negativas .....	103
5.2.3.4. Itens de polaridade positiva .....	116
5.3. Outras possibilidades de análise .....	125
5.3.1. <i>Move F</i> com apagamento em PF .....	125
5.3.2. Reconstrução em LF .....	127
5.7. Conclusão .....	132
6. Os verbos <i>ser</i> e <i>estar</i> .....	133
6.1. Potsdam (1997) .....	135
6.2. Lightfoot (2000) .....	142
6.3. Stjepanović (1997) .....	148
6.4. A cópula na proposta com <i>Agree</i> .....	152
6.5. Conclusão .....	154
7. Considerações Finais .....	155
7.1. Identidade entre a elipse e seu antecedente .....	156
7.2. Relação entre sintaxe e morfologia .....	157
7.3. Contribuições para a teoria da gramática .....	158
8. Referências Bibliográficas .....	159

## 1. Introdução

---

Ao se observar sentenças em que há elipse de VP em inglês, é possível notar alguns contrastes interessantes, como ilustrado nos exemplos abaixo, com os verbos elididos entre colchetes.<sup>1</sup>

- (1) John will sleep and Mary will too. [sleep]
- (2) John slept and Mary will too. [sleep]
- (3) John will be here and Mary will too. [be here]
- (4) \*John was here and Mary will too. [be here]
- (5) \*John slept and Mary was too. [sleeping]

O padrão destoante está no uso do verbo *be*, que ele só pode ser elidido quando há uma forma idêntica não elidida, como em (3). Quando as formas são diferentes, não pode haver elipse, como mostrado em (4). Entretanto, esse tipo de elipse é permitido com outros verbos, como em (2). Em (5), nota-se que também não pode haver elipse do verbo principal quando há um auxiliar *be* e as formas do verbo principal são

---

<sup>1</sup>(1)-(5) foram adaptados de exemplos apontados em Lasnik (1999).

diferentes. Um padrão semelhante é observado em português,<sup>2</sup> tanto com o verbo *ser* quanto com *estar*.

- (6) A Maria estudou muito, mas o João não vai. [estudar]  
(7) O João vai estar aqui e a Maria também vai. [estar aqui]  
(8) \*O João era famoso, e o filho dele também vai. [ser famoso]  
(9) \*O João esteve aqui e a Maria também vai. [estar aqui]  
(10) \*O João estudou e a Maria também estava. [estudando]

Outro contraste a respeito da necessidade de identidade entre o antecedente e a elipse pode ser observado em (11) e (12) abaixo.<sup>3</sup>

- (11) a. John doesn't have any money, but Bill does.  
b. O João não tem nenhum dinheiro, mas a Maria tem.
- (12) a. \*John doesn't have a red cent, but Bill does.  
b. \*O João não tem um tostão furado, mas a Maria tem.

Tanto em português quanto em inglês, é possível que a elipse seja diferente no caso dos quantificadores *some/algum* e *any/nenhum*, mas não no caso de expressões como *a red cent* e *um tostão furado*.

Além disso, em sentenças envolvendo adjetivos em português, diferenças de

---

<sup>2</sup> Nesta dissertação, trato apenas do português brasileiro e não do português europeu. Portanto, toda menção ao português deve ser entendida como português brasileiro.

<sup>3</sup> Este contraste foi apresentado por Uriagereka (1994:4).

concordância entre o antecedente e a elipse resultam em sentenças aceitáveis, como em (13).

(13) O João é bonito e a Maria também é.      [bonita]

Esta dissertação pretende investigar a natureza dos contrastes apresentados acima, verificando suas conseqüências para o estudo da morfologia verbal e observando se as diferenças morfológicas relevantes têm um fundo sintático. Serão apresentados também outros contrastes, envolvendo traços de concordância e elipses de outras categorias.

As perguntas que desencadeiam as discussões aqui presentes estão em (14), e serão consideradas tendo por base principal o arcabouço teórico do Programa Minimalista nas versões de Chomsky (1995, 1999, 2000).

- (14) a. Por que às vezes é possível haver elipses com formas diferentes no antecedente e na elipse?
- b. Qual é a relação entre sintaxe e morfologia que resulta nos contrastes em (1)-(12)?

A dissertação está organizada da seguinte maneira. No capítulo 2, discuto elipses e processos anafóricos. Primeiramente, apresento a classificação proposta por Hankamer e Sag (1976) para os processos anafóricos, testando sua aplicação para o português. A seguir, discuto duas hipóteses para o processo de formação das elipses:

reconstrução em LF e apagamento em PF, mostrando que os argumentos apresentados não são conclusivos.

No capítulo 3, discuto duas análises recentes que tentam dar conta dos contrastes apresentados acima, a de Lasnik (1995, 1999) e de Oku (1998), mostrando que ambas têm limitações ao serem aplicadas ao português.

O capítulo 4 traz os pressupostos teóricos deste trabalho. Em primeiro lugar, apresento resumidamente o Programa Minimalista, segundo Chomsky (1995, 1999, 2000). Em seguida, contrasto a eliminação de traços formais não-interpretáveis através da operação *Agree* de Chomsky (1999, 2000) com o modelo anterior de movimento coberto de traços, *Move F*, de Chomsky (1995). Discuto também o estatuto da projeção de tempo no Programa Minimalista. Por fim, apresento alguns aspectos da Morfologia Distribuída, segundo Halle e Marantz (1993), que serão necessários para a análise proposta no capítulo 5.

No capítulo 5, proponho uma análise para dar conta da possibilidade de não haver identidade entre a elipse e seu antecedente. Primeiramente, investigo uma proposta usando *Agree* e apagamento em PF, mostrando que essa proposta dá conta dos dados tratados até então. Trago em seguida outras evidências que sustentam a análise apresentada, estendendo a aplicação da proposta para elipses de outros constituintes não verbais. Por fim, mostro que não há como dar conta dos dados vistos neste capítulo através de *Move F* nem de reconstrução em LF.

No capítulo 6, discuto os casos com os verbos *be* e *ser/estar*, apresentando propostas anteriores e testando sua compatibilidade com o português e com a análise apresentada no capítulo 5.

Finalmente, no capítulo 7, retomo as perguntas em (14), resumindo como as propostas deste trabalho lidaram com elas.

Existe ainda um contraste, apontado por Kato (1981:97), entre a possibilidade de elipses de VP em sentenças coordenadas e subordinadas, como ilustra a autora nos exemplos abaixo.

- (15) a. João toca piano, mas Pedro não Ø.  
b. João sabe matemática mais do que Pedro Ø.  
c. \*Nós visitaremos a Torre Eiffel se eles Ø.  
d. \*Nós fizemos a reclamação porque eles não Ø.  
e. \*Comprei o livro que você Ø.  
f. \*Eu entreguei a ficha de inscrição depois que você tinha Ø.

Nas sentenças coordenadas, como em (15a-b), a elipse de VP é possível mesmo sem a presença do verbo principal ou de um auxiliar modal. Já nas sentenças subordinadas é necessário que haja o verbo principal ou um auxiliar modal para que a elipse seja licenciada, e por isso os exemplos (15 c-f) são inaceitáveis. Nesta dissertação, tratarei apenas dos casos de elipses em sentenças coordenadas, deixando o contraste com elipses em subordinadas para outro estudo futuro. Também estão excluídos desta dissertação casos de objeto nulo em português.

Gostaria de frisar ainda que não discuto nesta dissertação as razões, possivelmente pragmáticas, que levam um falante a elidir um constituinte. Trato apenas das condições sintáticas e morfológicas que licenciam essa elipse.

## **2. Elipses e Processos Anafóricos**

---

Neste capítulo, apresento a classificação de Hankamer e Sag (1976) de processos anafóricos entre anáforas profundas e anáforas de superfície. Mostro que, em alguns casos de elipses, os critérios de classificação apresentados apontam para anáfora de superfície, com exceção de um: paralelismo sintático estrito com o antecedente.

Em seguida, analiso duas correntes para a derivação de elipses, reconstrução em LF e apagamento em PF. Apresento argumentos para as duas hipóteses, mostrando que não são conclusivos.

## **2.1. Anáfora Profunda e Anáfora de Superfície**

Hankamer e Sag (1976) dividem os processos anafóricos em dois grupos: *deep anaphora* (anáfora profunda) e *surface anaphora* (anáfora superficial).<sup>1</sup> A diferença entre os dois processos é que a anáfora profunda não é derivada transformacionalmente enquanto que a anáfora superficial é. Isso significa que a anáfora superficial tem conteúdo sintático, que, segundo os autores, é apagado quando é idêntico ao do antecedente. Já a anáfora profunda pode ser gerada com uma posição vazia ou com uma expressão que retome o conteúdo anafórico, como *do so* em inglês e *fazê-lo* ou *fazer isso* em português.

### **2.1.1. Testes para diferenciar anáforas profundas e de superfície**

A seguir estão listados testes para diferenciar anáforas profundas de anáforas de superfície. Os três primeiros testes (antecedente lingüístico ou pragmático, antecedente ausente e paralelismo estrito com os antecedentes) foram propostos por Hankamer e Sag (1976) e o quarto (extração), por Depiante (2000).

---

<sup>1</sup> Para uma discussão sobre anáfora profunda e de superfície em espanhol, ver Depiante (2000).

### 2.1.1.1. Antecedente lingüístico ou pragmático?

Uma anáfora superficial exige que haja um antecedente lingüístico presente. Já em construções com anáfora profunda, esse antecedente não é necessariamente lingüístico, podendo ser pragmático. Portanto, um antecedente sintático é possível nos dois casos, não sendo obrigatório na anáfora profunda. Os exemplos abaixo, de Hankamer e Sag (1976:392), ilustram essa diferença. O símbolo # significa que a sentença é incompatível com o contexto.

(1) [Hankamer attempts to stuff a 9-inch ball through a 6-inch hoop]

Sag: #It's not clear that you'll be able to.

(2) [same context]

Sag: It's not clear that you will be able to do it.

Consideremos agora os exemplos do português em (3) e (4) abaixo.

(3) A Maria vai pagar a conta, mas o João não vai. [pagar]

(4) A Maria pagou a conta, mas o João não vai. [pagar]

Colocando-se a oração que contém a elipse em um contexto pragmático e eliminando-se o antecedente lingüístico, obtemos (5) e (6) abaixo.

(5) [observando Maria aproximando-se com a conta e o dinheiro na mão]

# O João não vai.

(6) [depois de Maria ter pago a conta]

# O João não vai.

A impossibilidade de (5) e (6) sem um antecedente lingüístico indica que ambos são casos de anáfora de superfície. Já (7) e (8) são possíveis dentro do mesmo contexto, o que mostra que são casos de anáforas profundas.

(7) [observando Maria aproximando-se com a conta e o dinheiro na mão]

O João não vai fazer isso.

(8) [depois de Maria ter pago a conta]

Mas o João não vai fazer isso.

#### **2.1.1.2. Antecedente ausente**

Este fenômeno, descrito originalmente por Grinder e Postal (1971) e Bresnan (1971), é possível apenas em anáforas de superfície. Através deste teste, determina-se se um elemento nulo pode conter um antecedente para um pronome que venha a

seguir. Em (9) abaixo, de Hankamer & Sag (1976:403), o local da elipse pode conter o antecedente para o pronome *it* que o segue, mostrando que o antecedente estava presente no ponto da derivação em que pronomes são interpretados. Portanto, a elipse em (9) é um caso de anáfora de superfície.

(9) I've never ridden a camel, but Ivan has ~~ridden a camel~~ and he says *it* stank horribly.

À primeira vista, o pronome *it* do exemplo em (9) poderia ter tomado *a camel* da primeira oração como antecedente, o que invalidaria o exemplo como evidência para a existência de estrutura na elipse. No entanto, Hankamer e Sag (1976:404) apontam que o exemplo reproduzido em (10), que não envolve elipse, é inaceitável, mostrando que *a camel* da primeira oração não pode ter servido como antecedente para o pronome *it*.

(10) \*I've never ridden *a camel* but Ivan says *it* stank horribly.

Do mesmo modo, o pronome *it* em (9) não pode ter seu antecedente no *a camel* da primeira oração. Assim, *it* só poderia ter sido licenciado se seu antecedente, *a camel*, estivesse no local da elipse.

No caso de construções envolvendo anáfora profunda, como observado por Hankamer e Sag (1976), não há momento na derivação em que o antecedente esteja presente. Portanto, a anáfora profunda não pode servir como antecedente para um

pronome. Nos contrastes apresentados nos exemplos abaixo, verifica-se que quando não há elipse, como em (11a) e (12a), de Hankamer e Sag (1976:412), o pronome *it* é licenciado pelos antecedentes *her seat* e *a camel*, respectivamente. Já nos exemplos em que há elipse, ou seja, (11b) e (12b), não há nada que sirva como antecedente para *it*, mostrando que, diferentemente do exemplo em (9), essas elipses não têm conteúdo sintático.

(11) a. He said that one of us had to give up his seat, so Sue volunteered to give up her seat, because it was too narrow for her anyway.

b. \*He said that one of us had to give up his seat, so Sue volunteered, because it was too narrow for her anyway.

(12) a. I never managed to ride a camel, but Sue succeeded in riding a camel, and it was the two humped variety.

b. \*I never managed to ride a camel, but Sue succeeded, and it was the two humped variety.

Quanto ao português, o contraste em (13) mostra que (13a), por conter uma anáfora de superfície, permite o antecedente ausente, enquanto que (13b), por conter uma anáfora profunda, não o permite.

(13) a. O Pedro nunca paga a conta de telefone, mas o Pedro sim ~~paga a conta~~  
~~de telefone~~ porque *ela* não é abusiva.

- b. \*O Pedro nunca paga a conta de telefone, mas o Pedro faz isso porque  
ela não é abusiva.

### **2.1.1.3. Paralelismo sintático estrito com os antecedentes**

Hankamer e Sag (1976:413) mostram que no caso da anáfora superficial é necessário haver identidade entre o segmento antecedente e o local da anáfora. Em (14a) abaixo, que contém uma anáfora superficial, o antecedente é a forma *taken* e o conteúdo da elipse é a forma *take*. Sendo as duas formas diferentes, não há paralelismo estrito e portanto a sentença é inaceitável. Já em (14b) e (14c), que são casos de anáfora profunda, não é necessário haver identidade estrita. Portanto, as sentenças são possíveis mesmo que o antecedente *taken* seja diferente da forma que poderia ocupar o local da elipse, ou seja, *take* em (14b) e *to take* em (14c).

(14) The oats had to be taken down to the bin.

- a. \*so Bill did.
- b. so Bill did it.
- c. so Bill volunteered.

Em português, a necessidade de paralelismo sintático pode ser observada nos exemplos abaixo.

(15) O João viajou ontem

- a. \*e a Maria está agora. [viajando]
- b. e a Maria está fazendo isso agora mesmo. [viajando]
- c. e a Maria também deveria. [viajar]

Em (15a), a forma *viajando* não licencia a elipse por ser diferente da forma *viajou*, mostrando que este exemplo é um caso de anáfora superficial. Já (15b) e (15c) são possíveis, apesar de as formas *viajando* e *viajar* serem diferentes da forma *viajou*, mostrando que são casos de anáforas profundas.

A questão da identidade, no entanto, precisa ser esclarecida no sentido de quão idênticas as formas da elipse e do antecedente precisam ser. Problemas quanto a essa questão estão levantados na seção 2.2.

#### 2.1.1.4. Extração

Depiante (2000:12) aponta que a possibilidade ou não de extração é mais um critério para diferenciar anáforas profundas e de superfície. Segundo a autora, anáforas profundas não permitem extração de dentro delas, enquanto que anáforas de superfície o permitem. O teste está exemplificado através de (16a) e (16b) abaixo, respectivamente exemplos de anáfora de superfície e profunda.

(16) a. I know which book Mary read and Peter knows which book Sally did.

- b. \*I know which book Mary volunteered to read and Peter knows which article Sally volunteered.

Em (16a), o *which book* da segunda oração foi extraído de dentro da elipse, como mostrado esquematicamente em (17). Para que isso possa ocorrer, é necessário que exista estrutura sintática no local da elipse de onde a extração possa ser feita.

(17) ... and Peter knows [which book]<sub>i</sub> Sally did read-t<sub>i</sub>

Já em (16b), *which article* deveria ter sido extraído do conteúdo da elipse da oração *Sally volunteered*. O fato de a sentença ser inaceitável é indício de que não há conteúdo sintático no local da elipse de onde *which article* tenha sido extraído.

Os exemplos em (18) mostram o mesmo contraste no português.

- (18) a. Eu sei que livro a Maria vai ler e o Pedro sabe que livro o João vai.  
b. \*Eu sei que livro a Maria se voluntariou para ler e o Pedro sabe que livro o João se voluntariou.

### 2.1.2. A questão da identidade em anáforas superficiais em português

O exemplo em (4), repetido abaixo em (19), foi usado como exemplo de anáfora de superfície por não permitir antecedente pragmático.

(19) A Maria pagou, mas o João não vai. [pagar]

Se adaptarmos o mesmo exemplo para submetê-lo ao teste do antecedente ausente, vemos que continua sendo classificado como anáfora de superfície. O contraste em (20) mostra que (20a), por conter uma anáfora de superfície, permite o antecedente ausente, enquanto que (20b), por conter uma anáfora profunda, não o permite.

- (20) a. ?O Pedro nunca paga a conta, mas o João vai pagar-a-conta dessa vez porque disse que *ela* não é abusiva.
- b. \*O Pedro nunca paga a conta, mas o João vai fazer isso dessa vez porque disse que *ela* não é abusiva.

O teste da extração também confirma que se trata de uma anáfora de superfície, como mostrado no contraste em (21).

- (21) a. Eu sei qual das contas a Maria pagou e sei também qual delas o João não vai.

- b. \*Eu sei qual das contas a Maria pagou e sei também qual delas o João não vai fazer isso.

No entanto, a anáfora em (19) não passa no teste do paralelismo estrito, ou seja, a forma que estaria no lugar da elipse (*pagar*) não é idêntica à de seu antecedente (*pagou*), e mesmo assim a sentença é possível. Hankamer e Sag (1976: 395) afirmam que “(...) there is evidence (for certain anaphoric processes) that what appears on the surface as a (null) anaphor must **at some stage** have a representation as a syntactically complex segment identical to the antecedent segment” (grifo meu). Eles assumem que a identidade requerida não precisa estar no conteúdo da derivação que é enviado para PF, mas pode estar em algum outro ponto.<sup>2</sup> Do mesmo modo, nas análises de Lasnik (1999) e Oku (1998) que serão apresentadas na seção 3, a identidade não precisa estar na forma foneticamente realizada. Neste trabalho, mostro que realmente há identidade entre as duas formas em casos como (19), explicando assim porque são possíveis.

Por outro lado, com os verbos *ser* e *estar*, exemplos similares a (19) nunca são possíveis, como mostrado em (22) e (23).

(22) \*O João era famoso, e o filho dele também vai. [ser famoso]

(23) \*O João esteve aqui e a Maria também vai. [estar aqui]

---

<sup>2</sup> No entanto, Hankamer e Sag não especificam em que ponto exato da derivação seria computada essa identidade.

Para que seja válida a hipótese de que há identidade em (19), e por isso a anáfora superficial é permitida, é necessário explicar por que essa hipótese não se aplica a casos de verbo *ser* e *estar*.

Em suma, nesta dissertação mostrarei que é possível haver apagamento sob identidade mesmo quando o antecedente e o local da elipse possuem formas verbais aparentemente diferentes. Além disso, mostrarei que os verbos *ser* e *estar* têm comportamento diferente de outros verbos principais, explicando assim por que elipses envolvendo a cópula funcionam diferentemente de elipses envolvendo outros verbos.

## **2.3. Derivação de Anáforas Superficiais**

Uma das questões que surgem no estudo das elipses diz respeito a como são formadas na língua. As duas principais correntes sugerem que a elipse seja resultado de apagamento em PF (Sag 1976, Chomsky 1995, Tancredi 1992, Lasnik 1999, Depiante 2000, Stjepanović 1999a,b, entre outros) ou reconstrução em LF (Jackendoff 1972, Williams 1977, Fiengo e May 1994, Oku 1998, López 1999, Cyrino 2001, Matos 1992, entre outros). Abaixo está uma breve descrição das duas abordagens e argumentos a favor e contra elas.

### **2.3.1. Reconstrução em LF**

Em linhas gerais, reconstrução em LF significa que até *Spell-Out* existe uma estrutura vazia incorporada na derivação, como em (24).

(24) O João cantou e a Maria também  $\emptyset$ .

Entre *Spell-Out* e LF, uma operação reconstrói um elemento do antecedente dentro do elemento vazio, possibilitando assim que a sentença com a elipse seja interpretada.

No entanto, a existência de um elemento vazio na derivação não é condizente com o Programa Minimalista em um modelo de *bare phrase structure*, em que a derivação é o resultado de operações de *Merge* entre itens de uma Numeração

(Chomsky 1995). Se o local da elipse for literalmente vazio, não há como ter ocorrido uma derivação, pois não poderia ter havido *Merge*. No exemplo em (24), *Maria* ou *também* não se concatenaram a nada. Assim, não haveria como a derivação prosseguir.

Para evitar esse problema técnico, alguns autores como Zagana (1988), Bruccart (1987), Lobeck (1995), Chao (1988), Hardt (1993) e López (1999), entre outros, consideram que no caso das elipses de VP haja uma proforma verbal,  $pro[v]$ , que precisa ser licenciada. Por exemplo, López (1999) argumenta que  $\Sigma^0$  licencia essa proforma verbal e que isso pode ser implementado no Programa Minimalista assumindo-se que  $pro[v]$  é licenciado por conter um traço- $\Sigma$  que é checado com  $\Sigma^0$ . Assim, em (24), existe um elemento que é concatenado a *Maria* ou *também*.

### **2.2.2. Desacentuação e apagamento em PF**

Dentro dos objetivos do Programa Minimalista seria desejável poder dar conta dos casos de elipse sem precisar recorrer à postulação de elementos vazios, como uma proforma verbal. Portanto, uma análise que dê conta dos mesmos fatos sem postular novas categorias vazias enquadra-se melhor dentro do Programa Minimalista.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Tentar dar conta dos dados empíricos sem utilizar elementos vazios não significa que elementos vazios não precisem existir. Mesmo dentro do Programa Minimalista, muitas análises ainda se valem de elementos vazios, como operadores nulos, PRO e pro. O que quero dizer é que se uma análise dá conta dos mesmos dados empíricos sem utilizar elementos nulos, esta análise é em princípio preferível.

Chomsky e Lasnik (1995:125) e Chomsky (1995:252) apontam que há um Requerimento de Paralelismo sobre a interpretação de um elemento elidido.<sup>4</sup> Em (25), a parte entre colchetes é a parte elíptica de sentença. Segundo o Requerimento de Paralelismo, se o *he* da sentença que é realizada tiver Peter como referência, o *he* da sentença entre colchetes também deve ter Peter como referência. Do mesmo modo, se a *cat* não tiver referência específica, a *cat* elíptico também deve ter referência não específica.

(25) John said that he was looking for a cat, and Bill did [say he was looking for  
a cat] too

Chomsky e Lasnik (1995:125) apontam que o Requerimento de Paralelismo é uma condição sobre LF, mas que em vez de assumir um processo em LF que reconstrua a parte entre colchetes, é mais simples assumir que PF apaga a parte entre colchetes, que tem uma entonação plana característica.

Chomsky (1995, capítulos 1, 3 e 4) adota esta análise de que a elipse seja um caso de apagamento em PF de elementos com entonação plana (*low-flat*) marcados como “sujeitos a interpretação de paralelismo” (Chomsky 1995:252), em uma operação similar à que apaga cópias resultantes de movimento. Estar sujeito a interpretação de paralelismo significa que os elementos que tiverem entonação plana devem ser interpretados de acordo com algum elemento com estrutura semelhante, no caso, o antecedente da elipse. Assim, ele associa o apagamento de cópias com o apagamento

---

<sup>4</sup> Para a aplicação do Requerimento de Paralelismo em estruturas coordenadas, ver Ximenes (2002).

sob identidade do conteúdo da elipse. O elemento entre colchetes em (26b) é a parte da sentença que pode ser desacentuada e também elidida.

- (26) a. John said that he was looking for a cat, and Bill did too  
b. John said that he was looking for a cat, and Bill did [say he was looking for a cat] too

No entanto, algumas restrições podem ser colocadas quanto à visão de Chomsky. Em primeiro lugar, Chomsky e Lasnik (1995:127) admitem que há casos que são inaceitáveis com entonação plana, mas perfeitos com elipses, como mostrado em (27) abaixo.

- (27) a. John likes poetry, but not Bill  
b. John likes poetry, but not Bill [likes poetry]

Em (27a), a elipse é possível, mas (27b) mostra que o mesmo exemplo não é possível se o elemento entre colchetes for dito com entonação plana.

Merchant (2001:15) traz exemplos do inverso, ou seja, casos em que é possível haver entonação plana ou desacentuação, mas não elipse, como mostrado em (28) em contraste com (29) (letras maiúsculas indicam ênfase e itálico indica desacentuação).

- (28) a. Abby was reading the book while BEN *was reading*.  
b. Abby ate a sandwich after BEN *ate*.  
c. Abby left the party because BEN *left*.

- (29) a. \*Abby was reading the book while Ben.  
b. \*Abby ate a sandwich after Ben.  
c. \*Abby left the party because Ben.

Merchant (2001:56) apresenta outros exemplos desse contraste. IP pode ser dito com entonação plana, mas não pode ser elidido (e indica a elipse).

- (30) a. She was there, but Ben didn't know [<sub>CP</sub> that [<sub>IP</sub> she was there]].  
b. \*She was there, but Ben didn't know [<sub>CP</sub> that [<sub>IP</sub> e]].

- (31) a. It was painted, but it wasn't obvious [<sub>CP</sub> that [<sub>IP</sub> it was painted]].  
b. \*It was painted, but it wasn't obvious [<sub>CP</sub> that [<sub>IP</sub> e]].

Nunes (a sair) aponta ainda que o fato de Chomsky e Lasnik (1995:127) considerarem que material com entonação plana pode opcionalmente ser apagado traz conseqüências para a computação de economia. Segundo ele, dentro do quadro minimalista, opcionalidade significa que os mesmos custos derivacionais foram atribuídos a opções diferentes. Portanto, a proposta de Chomsky e Lasnik pressupõe que em algum ponto da derivação apagamento e entonação plana tenham o mesmo custo, o que segundo Nunes não é plausível na ausência de evidência independente, já que apagamento e entonação plana não parecem formar uma classe natural.

Nunes (a sair) também questiona a proposta de Chomsky (1995:203) de que o apagamento de elipses seja um subcaso de apagamento de cópias resultantes de

movimento. Em primeiro lugar, o autor mostra que enquanto que o apagamento em elipses não é obrigatório, o apagamento de cópias é, como mostrado em (32).

- (32) a. [ that John said he was looking for a cat ]<sup>i</sup> is believed [ that John said he was looking for a cat ]<sup>i</sup> by everyone
- b. \*That John said he was looking for a cat is believed that John said he was looking for a cat by everyone.
- c. That John said he was looking for a cat is believed by everyone.

(32b) não é possível mesmo com entonação plana, não havendo explicação independente para isso. Além disso, o autor também aponta que no caso de apagamento de cópias, os itens apagados são não-distintos dos itens não apagados, enquanto que nos casos de elipses todos os itens são listados separadamente na Numeração.

Outro argumento levantado por Nunes (a sair) contra o tratamento de elipses como um subcaso de apagamento de cópias é o de que a elipse e seu antecedente não satisfazem Último Recurso e nem a condição de c-comando, não formando cadeias como é o caso de cópias. Mesmo que seja possível que elipses formem cadeias com seus antecedentes na mesma sentença, Nunes observa que não é óbvio como isso se daria em casos de elipses formadas no discurso, como em (33).

(33) A: — John said that he was looking for a cat.

B: — So did Bill.

Com base nessas observações, Nunes conclui que apagamento de cópias e elipse são fenômenos independentes. Pode-se concluir que mesmo se considerarmos elipses como casos de apagamento em PF, trata-se de outro tipo de apagamento, diverso do mecanismo que apaga cópias.

### **2.3.3. Apagamento em PF ou reconstrução em LF?**

Merchant (1999, 2001), seguindo Ross (1969), aponta várias evidências para apagamento em PF e contra a hipótese de que o elemento elidido esteja vazio durante a derivação. O primeiro é o que ele chama de correspondência de Caso (*Case matching*): em línguas com flexão aberta de Caso, em contexto de *Sluicing*,<sup>5</sup> o Caso da expressão remanescente é o mesmo que a expressão-Wh teria na forma não elíptica. O exemplo em (34) (Merchant 2001:91) é do alemão.

(34) Er will jemandem schmeicheln, aber sie wissen nicht  
he wants someone.DAT flatter but they know not

\*wer / \*wen / wem  
who.NOM who.ACC who.DAT

'He wants to flatter someone, but they don't know who.'

Em (34), o verbo *schmeicheln* atribui dativo e o verbo *wissen* atribui acusativo. Na elipse, o elemento-Wh tem o mesmo Caso que teria se fosse selecionado por

---

<sup>5</sup> *Sluicing* é um tipo de elipse em que o IP é elidido após um elemento WH.

*schmeicheln*, e não por *wissen*. Se o que fosse selecionado por *wissen* fosse apenas o elemento-Wh, seria esperado que o Caso fosse acusativo. O fato de o Caso do elemento-Wh ser dativo mostra que o local da elipse contém toda a sentença do antecedente. Segundo Merchant, a análise para esse caso é a de que o elemento-Wh se moveu para fora dela e o IP restante foi apagado. Para ele, Caso é irrelevante para LF. Portanto, se algo é inserido em LF, não deveria apresentar efeitos fonológicos de Caso. Se (34) fosse instância de reconstrução em LF, o Caso do Wh- da elipse não precisaria ter o Caso correspondente ao do antecedente.

O segundo argumento de Merchant baseia-se em casos de *preposition stranding* com movimento-Wh. Em línguas que permitem *preposition stranding*, o resíduo de *Sluicing* pode ser o objeto sem a preposição, enquanto que em línguas que não o permitem, o objeto precisa da preposição. (35), de Merchant (2001:92) é um exemplo do inglês, uma língua que permite *preposition stranding*, e (36), de Merchant (2001:94) é um exemplo do grego, que não permite *preposition stranding*.

(35) Peter was talking with someone, but I don't know who

(36) I Anna milise me kapjon, alla dhe ksero \*(me) pjon  
the Anna spoke with someone but not I.know with who

'Anna spoke with someone, but I don't know who'

Segundo Merchant, a correlação entre a possibilidade de *preposition stranding* em contextos abertos e de elipse mostra que dentro da elipse está ocorrendo o mesmo que ocorreria se não houvesse elipse. Seguindo a hipótese de que todas as línguas são

iguais com relação a LF, neste nível todas as línguas deveriam apresentar *preposition stranding*. Assim, se elipses fossem licenciadas em LF, através de reconstrução, mesmo línguas que não permitem *preposition stranding* abertamente deveriam permiti-lo antes da elipse. Portanto, para Merchant, a impossibilidade de *preposition stranding* em elipses é evidência para apagamento em PF.

Merchant (2001:110) menciona ainda efeitos de Superioridade em línguas que permitem mais de um elemento-Wh movido como evidência para apagamento em PF. Os dados relevantes, do búlgaro, estão em (37) e (38).

(37) a. Koj kogo e vidjal?  
who whom AUX seen

b. \*Kogo koj e vidjal?  
whom who AUX seen

‘Who saw who?’

(38) a. Njakoj e vidjal njakogo, no ne znam koj kogo.  
someone AUX seen someone but not I.know who whom

b. \*Njakoj e vidjal njakogo, no ne znam kogo koj.  
someone AUX seen someone but not I.know whom who

‘Someone saw someone, but I don’t know who saw who.’

(37) mostra, em sentenças sem elipse, efeitos de Superioridade, ou seja, a ordem dos elementos-Wh movidos deve ser *koj kogo* e nunca *kogo koj*. (38) mostra que o mesmo se dá em contexto de *Sluicing*. Segundo Merchant (2001:110), Superioridade é resultado de restrições derivacionais e não representacionais, então o fato de que

efeitos de Superioridade apareçam em *Sluicing* é evidência de que o apagamento do IP ocorreu depois de ocorrer movimento-Wh aberto, que é sujeito a restrições de Superioridade.

Bošković (notas de curso, Unicamp, abril de 2002) apontou a análise de Stjepanović (1999a,b) para o servo-croata, baseada em efeitos de Superioridade, como evidência para apagamento em PF em vez de reconstrução em LF. Os exemplos relevantes estão em (39).

(39) a. Ivan je nekoga nekako poljubio.  
Ivan is someone somehow kissed

'Ivan kissed someone somehow.'

b. Koga kako? \*Kako koga?  
whom how how whom

c. Neko je nekoga nekako poljubio  
someone.nom is someone.acc somehow kissed

'Someone kissed someone somehow.'

d. Ko koga kako? Ko kako koga? \*Kako ko koga?  
who whom how who how whom how who whom

(39) mostra que a ordem dos elementos-Wh não é livre, mesmo em contextos de *Sluicing*. Bošković argumenta, assim como Merchant, que tais efeitos de Superioridade dependem de uma análise derivacional. Segundo ele, cópia em LF não envolveria movimento no elemento elidido. Como efeitos de Superioridade dependem de ter havido movimento, então tais efeitos não deveriam aparecer em casos de elipse.

Assim, para ele, o fato de haver efeitos de Superioridade em *Sluicing* é evidência em favor de apagamento em PF e contra reconstrução em LF.

Os argumentos de Merchant e Bošković para apagamento em PF são baseados em dois pressupostos. Em primeiro lugar, na idéia de que efeitos de Superioridade resultam de restrições derivacionais sobre movimento-Wh,<sup>6</sup> e que os sintagmas-Wh remanescentes atinjam sua posição nos contextos de *Sluicing* através dos mesmos processos que derivam movimento-Wh aberto. Além disso, estão baseados na idéia de que cópia em LF é uma noção representacional e, portanto, evidência de processos derivacionais em elipses seria evidência contra reconstrução em LF. No entanto, não é óbvio que não seja possível capturar os mesmos efeitos representacionalmente, principalmente em termos de localidade entre elos de uma cadeia.

Por exemplo, na correspondência de Caso apontada por Merchant, é possível analisar o exemplo em (34), repetido abaixo em (40), representacionalmente, da maneira mostrada em (41), com o elemento elidido entre colchetes e as cópias sublinhadas.

(40) Er will jemandem schmeicheln, aber sie wissen nicht  
he wants someone.DAT flatter but they know not

\*wer / \*wen / wem  
who.NOM who.ACC who.DAT

‘He wants to flatter someone, but they don’t know who.’

---

<sup>6</sup> Merchant cita como exemplo de restrição derivacional a Condição do Elo Mínimo de Chomsky 1995. Ver Merchant (2001) e referências citadas.

(41) Er will jemandem schmeicheln, aber sie wissen nicht wem [er will schmeicheln wem]

Assim como em uma análise derivacional, em uma análise representacional a cópia de cima de *wem* só pode ser licenciada em LF se tiver Caso dativo. Portanto, um análise derivacional não é a única possível. Além disso, Norbert Hornstein (notas de curso, Unicamp, maio de 2001) apontou que numa teoria baseada em checagem e não atribuição, o elemento-Wh já entra na derivação flexionado para poder ser checado em LF. Assim, *wem* já entra na derivação com essa forma e pode ser reconstruído em LF. Portanto, uma análise de reconstrução em LF é possível para explicar (40).

As mesmas condições sobre cadeia podem se aplicar representacionalmente também nos casos de Superioridade. Já nos casos de *preposition stranding*, poderia se assumir, por exemplo, que um PP seja uma barreira nas línguas que não o admitem, e por isso nenhum elemento poderia formar cadeia com seu vestígio com um PP intervindo, o que explicaria a impossibilidade de (36) em grego sem a preposição. Além disso, Jairo Nunes (c.p.) salientou que o argumento de Merchant é enfraquecido através de exemplos do português, em que *preposition stranding* não é possível abertamente, como mostrado em (42), mas é possível em casos de *Sluicing*, como mostrado em (43) e (44).

(42) \*Eu não sei quem o Pedro estava falando com.

(43) O Pedro estava falando com alguém, mas eu não sei (com) quem.

(44) A: O Pedro estava falando com alguém.

B: Com quem?

B: Quem?

Concluindo, os dados que fornecem argumentos em favor da visão de que elipse se dá por apagamento em PF podem também ser explicados dentro de uma visão de reconstrução em LF, e vice-versa, como mostrado acima nos casos de *Sluicing*. Portanto, a escolha entre uma e outra visão não decorre de argumentos empíricos.

## **2.4. Conclusão**

Neste capítulo, mostrei através de argumentos de Hankamer e Sag (1976) que existe conteúdo sintático em elipses que sejam casos de anáfora superficial, ao contrário dos casos de anáfora profunda. Apresentei também testes para diferenciar anáforas profundas de anáforas superficiais. Nesta dissertação, exploro como elipses podem ajudar a explicar o comportamento da morfologia flexional. Por isso, é essencial que sejam considerados apenas casos de anáforas superficiais, pois anáforas profundas, por não terem conteúdo sintático, não mostram reflexos morfológicos.

Em seguida, discuti a questão da identidade em anáforas superficiais. Um dos requerimentos para o licenciamento de anáforas superficiais é que haja identidade estrita entre a elipse e seu antecedente. No entanto, há sentenças que podem ser classificadas como anáforas superficiais, mas não passam no teste da identidade estrita. Uma abordagem para a solução desse problema será descrita no capítulo 5.

Por fim, discuti duas abordagens para explicar como ocorrem as elipses: apagamento em PF ou reconstrução em LF. Mostrei que os dados apresentados na literatura como argumentos em favor da visão de apagamento em PF podem também ser explicados através de reconstrução em LF e portanto não são conclusivos. No capítulo 5, apresentarei dados empíricos que favorecem a hipótese de apagamento em PF. Mostrarei que os dados apresentados no capítulo não podem ser explicados como reconstrução em LF. Enfatizo novamente que este apagamento em PF sofrido pelas elipses é um processo diferente da operação de apagamento de cópias de elementos movidos.

### **3. Análises Anteriores**

---

#### **3.1. A Proposta de Lasnik (1995, 1999)**

Chomsky (1995: cap. 3) propõe uma abordagem lexicalista-minimalista para a morfologia verbal, segundo a qual os verbos entram na numeração totalmente flexionados e checam seus traços de tempo e concordância com os núcleos Agr e T. Análises anteriores propunham que os itens de Infl fossem morfemas que deveriam se afixar aos verbos, que entrariam nus (sem afixos) na derivação (cf. Chomsky 1957, Chomsky 1981 e Pollock 1989, entre outros). Lasnik (1995, 1999) une essas duas visões propondo a abordagem híbrida formulada em (1) (Lasnik 1999:105, tradução minha).

(1) Infl é livremente um afixo ou um conjunto de traços abstratos.

(2) Infl afixal deve concatenar-se com um V, um processo em PF (distinto de movimento de núcleo) que requer adjacência.

Para dar conta da diferença entre o comportamento dos verbos em inglês e francês (estudada por Emonds 1978 e Pollock 1989, entre outros), Lasnik (1995, 1999:105) faz a proposta em (3).

- (3) a. Os verbos do francês estão totalmente flexionados no léxico.
- b. *Have* e *be* estão totalmente flexionados no léxico.
- c. Todos os outros verbos do inglês estão nus no léxico.

Segundo Lasnik, para que a derivação seja convergente, a combinação deve sempre ser Infl de traços com verbo flexionado ou Infl afixal com forma verbal nua. Se Infl de traços ocorrer com uma forma verbal nua, os traços de Infl não serão checados, o que resulta numa derivação não convergente, já que o componente fonológico não será capaz de interpretar esses traços. Também não haverá convergência se Infl for afixal e o verbo já vier flexionado, pois os traços flexionais do verbo não podem ser checados. Portanto, Infl em francês deve sempre ser de traços, assim como o do inglês no caso dos verbos *be* e *have*. Já em construções com verbos principais no inglês, Infl deve ser afixal.

Lasnik busca evidências a favor de sua abordagem nas elipses de VP, que ele analisa como instâncias de apagamento. Assumindo que uma forma de um verbo V só pode ser apagada sob condições de identidade, Lasnik propõe que o apagamento dos constituintes parcialmente idênticos em (4)-(6), envolve na verdade identidade total, mas em um ponto da derivação antes de a raiz nua se associar ao afixo flexional.

(4) a. John slept and Mary will too

b. John -ED sleep and Mary will sleep too

(5) a. John was sleeping and Mary will too

b. John was -ING sleep and now Mary will sleep

(6) a. John has slept and now Mary will sleep

b. John has -EN sleep and now Mary will sleep

(4b) mostra *sleep* sendo apagado no local da elipse antes de o verbo *sleep* da oração anterior receber o afixo *-ed*. (5b) e (6b) são exemplos do mesmo fenômeno.

A impossibilidade de (7) pode ser explicada através do Filtro do “Afixo Órfão” (*Stranded Affix Filter*), proposto em Lasnik (1981) e replicado em (8) (Lasnik 1999:98).

(7) a. \*Mary won't leave, but John is.

b. \*Mary will not leave, but John is -ING leave.

(8) Um afixo morfológicamente realizado deve ser dependente sintaticamente de uma categoria realizada morfológicamente, em estrutura de superfície.

O apagamento de *leave* em (7) deixa o afixo *-ing* órfão, e a sentença não é possível.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Entretanto, a sentença (i), que também tem um afixo isolado, é possível.

### 3.2. A Proposta de Oku (1998)

Segundo Oku (1998), a elipse deve obedecer alguma condição de recuperabilidade ou identidade em LF. Isso significa que o local da elipse deve ser reconstruído em LF para que possa ser interpretado. Baseando-se no movimento coberto de traços de Chomsky (1995), Oku (1998:19, tradução minha) propõe o princípio em (9).

#### (9) *Princípio da Cópia de Subconjunto*

Cópia em LF pode copiar um subconjunto dos traços do antecedente para construir o conteúdo do local da elipse.

A proposta de Oku dá conta do que ocorre em (10) e também da impossibilidade da sentença em (11).

#### (10) John slept and Mary will too.

John [sleep + past] and Mary will [sleep] too

- 
- (i) a. Mary will leave, and John already has.  
b. Mary will leave and John already has EN leave.

Lasnik não dá uma explicação definitiva para esse fato, associando-o a possíveis propriedades morfofonológicas idiossincráticas do afixo *-en* (cf. Lasnik 1999:110). Oku (1998) mostra que em casos de VPs deslocados para a frente, como em (ii), a forma nua é usada em vez da forma com *-en* que seria esperada com o auxiliar *has*.

- (ii) Mary once predicted that John would pass an exam eventually, and pass one he now has.

Para discussão de casos como (ii), ver Oku (1998:21-30).

(11) \*Mary won't leave, but John is.

• Mary won't [leave], but John is [leave + ing]

Em (10), *sleep*, que é um subconjunto de [*sleep* + *past*], é copiado da primeira oração e reconstruído em LF na segunda oração. Já em (11) isso não é possível porque na segunda oração seria necessário acrescentar o afixo *-ing*, que não faz parte do conjunto da primeira oração, composto apenas por *leave*.

### 3.3. Problemas com as Duas Análises

Segundo Lasnik (1999:105), o fato de o francês ter Infl de traços está ligado à inexistência de formas nuas nessa língua, uma vez que até o infinitivo tem uma terminação. Como infinitivos em português também não são formas nuas, de acordo com a análise de Lasnik essa língua deveria ter Infl de traços e ter seus verbos flexionados no léxico. Outra característica do português que o classifica como tendo Infl de traços é o fato de o verbo se mover. Se Infl fosse afixal e houvesse salto de afixo, não haveria necessidade de o verbo se mover.<sup>2</sup>

A análise de Lasnik prevê que línguas de Infl de traços, como o francês, não permitam elipse de VP. É o que pode ser observado em francês, mesmo havendo identidade entre a forma elidida e o antecedente, como mostrado nos exemplos (12), de Lightfoot (2002:14), e (13), de Matos (1992:10).

(12) a. ?\*Jean peut visiter Pierre et Marie peut aussi.

b. \*Jean peut visiter Pierre et Marie visite aussi.

---

<sup>2</sup>A posição dos advérbios, que costuma ser uma importante ferramenta para determinar como se dá o movimento do verbo, apresenta várias possibilidades em português brasileiro, como se pode observar em (i) (Figueiredo Silva 1996: 48), por exemplo, tomando difícil saber onde estão na estrutura em relação aos verbos.

- (i) a. O João dificilmente lê os jornais.  
a'. O João lê dificilmente os jornais.  
b. O João sempre lê os jornais.  
b'. O João lê sempre os jornais.

Figueiredo Silva (1996) argumenta que os verbos no português brasileiro sobem até uma posição mais alta que os verbos em inglês. Sendo essa a análise que se faz do francês, por analogia seria também possível dizer que os verbos do português brasileiro se comportam como os do francês dentro da proposta de Lasnik, isto é, possuem Infl de traços e os verbos já vêm flexionados no léxico.

- (13) a. \*On a demandé s'ils ont déjà mangé et ils ont [-].  
b. \*Claudine est une bonne étudiante et Marie est [-] aussi.

Como já foi apontado anteriormente, elipses de VP são, no entanto, possíveis em português, como mostra (14) e isso não é previsto pela análise de Lasnik.

- (14) a. O João pode visitar o Pedro e a Maria também pode.  
b. A Cláudia é uma boa aluna e a Maria também é.<sup>3</sup>

Além disso, levando-se em conta que Infl de traços implica que as formas verbais entrem já flexionadas na derivação, uma sentença como (15) deveria ser agramatical segundo a análise de Lasnik, pois para ele elipses são casos de apagamento sob identidade, e não há identidade entre o VP da primeira oração e o da segunda. No entanto, a sentença é possível em português.

- (15) O João dormiu e a Maria também vai [dormir]

A proposta de Oku, por sua vez, pressupõe que a forma infinitiva do verbo seja sua forma nua, o que não é tão evidente, especialmente em línguas como o português, nas quais existe um sufixo para o infinitivo (-r) e até mesmo um infinitivo flexionado. Esse sufixo presumivelmente não estaria presente na forma nua do verbo, o que faz com que a Teoria de Cópia de Subconjunto não dê conta do exemplo (15) acima, que é

---

<sup>3</sup> (14b) pode ser analisado como elipse de VP, considerando-se que o verbo é subiu para I e o VP remanescente é *uma boa aluna* é elidido.

possível apesar de os conjuntos da primeira e da segunda oração conterem elementos diferentes, como mostrado em (16).

(16) O João [*dorm-*+passado+3<sup>a</sup> p.sg.] e a Maria também vai [*dorm-*+infinitivo]

O conjunto que foi reconstruído em (16), [*dorm-* + *infinitivo*], não é um subconjunto de [*dorm-* + *passado* + *terceira pessoa*], o que levaria à previsão errônea de que a sentença fosse agramatical.

Oku também não faz menção à concordância, o que deixa sem explicação exemplos como (17), que também parecem contradizer o Princípio da Cópia de Subconjunto.

- (17) a. Ele sempre comprava aqui, mas nós não.      [comprávamos]  
      b. Eles nunca fariam isso e nem nós.            [faríamos]

Nesses exemplos, o elemento reconstruído em LF teria um traço de concordância que não está presente no subconjunto copiado.<sup>4</sup>

Os exemplos em (17) também são problemáticos para a análise de Lasnik. Se, como o francês, o português já tem seus verbos flexionados no léxico, não há ponto na derivação em que haja identidade entre o verbo realizado e o verbo elidido nesses exemplos, o que faria com que fossem agramaticais.

---

<sup>4</sup> A não ser que traços de concordância não precisem ser copiados e possam ser ignorados na computação da identidade, como, por exemplo, em Stjepanović (1997). Essa hipótese faz sentido, já que traços de concordância são não-interpretáveis. Na análise a ser desenvolvida no capítulo 5, no entanto, não é necessário assumir que traços não-interpretáveis sejam desconsiderados na computação de identidade.

Os exemplos (18)-(25) abaixo também trazem problemas para as duas análises.

(18) a. Meu irmão fede, mas eu não.

b. \*Eu não fedo.

(19) a. Minha irmã colore os cabelos, mas eu não.

b. \*Eu não coloro os cabelos.

(20) a. Eu me adequava a qualquer situação antes, mas agora não.

b. \*Eu não me adequo.

(21) a. Eu extorquia dinheiro dos contribuintes, mas hoje em dia não.

b. \*Hoje em dia eu não extorco.

(22) a. Eu abolia muitas regras antes, mas agora não.

b. \*Agora não abolo.

(23) a. Ele discerne o certo do errado, mas eu não.

b. \*Eu não discerno/discirno.

(24) a. Nós sempre nos precavemos para o inverno, mas ele não.

b. \*Ele não se precave.

(25) a. Nós sempre reavemos o que perdemos, mas você não.

b. \* Você não reave.

(15)-(25) acima são todos exemplos de anáforas de superfície. Por exemplo, nenhum deles aceita antecedente pragmático, como mostram os testes abaixo em (26) e (27) para os exemplos (15) e (18), respectivamente.

(26) [observando o João dormindo]

# A Maria também vai.

(27) [fazendo gesto de mau-cheiro e apontando para o irmão]

# Mas eu não.

Apesar de serem julgadas mal formadas no português as formas *fedo*, *coloro*, *adequo*, *extorco*, *abolo*, *discerno/discirno*, *precave* e *reave*, é possível recuperá-las de alguma forma. Isso é problemático para a análise de Oku, já que os conjuntos [*abol-* + *pretérito imperfeito* + *primeira pessoa do singular*] e [*abol-* + *presente* + *primeira pessoa do singular*] são diferentes. Na análise de Lasnik, que envolve apagamento, as formas *fedo*, *coloro*, *adequo*, *extorco*, *abolo*, *discerno/discirno*, *precave* e *reave* deveriam entrar na derivação assim flexionadas para depois serem apagadas. Entretanto, como mostrado em (18)-(25), tais formas não são aceitas no português.<sup>5</sup> Não é possível dizer que a concordância possa ser ignorada, já que em (20)-(25) o que é diferente no

---

<sup>5</sup> Apesar de alguns falantes poderem aceitar marginalmente algumas dessas formas, o padrão geral se mantém.

antecedente e no local da elipse é o tempo, considerado traço interpretável.

Em suma, nenhuma das duas análises apresentadas dá conta inteiramente de algumas formas do português. É necessário, portanto, uma análise que explique tanto os casos explicados pelas análises de Lasnik e Oku quanto os exemplos do português discutidos nesta seção.

### **3.4. Conclusão**

Neste capítulo, apresentei duas propostas para dar conta de elipses que são ocorrências de anáforas superficiais e que são possíveis apesar de não haver identidade estrita entre o elemento no local da elipse e seu antecedente.

Apontei também problemas que tais análises apresentam ao tentar aplicá-las ao português. Fica, portanto, a necessidade de uma análise que dê conta dos dados apresentados nas duas propostas e também dos dados do português que ficaram sem explicação. No capítulo 4 a seguir, apresento os pressupostos teóricos que servem como base para a análise proposta no capítulo 5, que dá conta desses dados.

## 4. Pressupostos Teóricos

---

Neste capítulo apresento os pressupostos teóricos que fundamentam a análise proposta no capítulo 5 desta dissertação. Na primeira seção descrevo brevemente o quadro teórico da Teoria de Princípios e Parâmetros dentro do modelo do Programa Minimalista de Chomsky (1995, 1999, 2000). Na seção seguinte apresento em mais detalhes um contraste quanto ao processo de eliminação de traços formais não-interpretáveis de itens lexicais, a saber, entre o movimento coberto de traços (*Move F*), característico da versão do Programa Minimalista de Chomsky (1995), e a operação *Agree*, trazida em Chomsky (1999, 2000). Em seguida, discuto o estatuto da projeção de tempo no Programa Minimalista. Por fim apresento o modelo da Morfologia Distribuída, de Halle e Marantz (1993).

## 4.1. O Programa Minimalista

O Programa Minimalista parte do pressuposto de que a faculdade da linguagem é um sistema não-redundante, no sentido de que fenômenos lingüísticos não são determinados por mais de um princípio, e econômico, sujeito a condições de economia impostas pela Gramática Universal.<sup>1</sup>

Uma língua L precisa prover informações para outros sistemas cognitivos externos à faculdade da linguagem. Chomsky (1995) propõe que esses sistemas de desempenho sejam de dois tipos: sistemas sensório-motores, também chamados de sistema articulatório-perceptual (AP), e sistemas de pensamento, também chamados de sistema conceitual-intencional (CI). Uma língua L provê informações a AP e CI através de níveis de representação lingüística, que são níveis de interface entre L e os sistemas de desempenho. O nível de representação que faz interface com o sistema AP é PF (do inglês *Phonetic Form*), e com o sistema CI é LF (do inglês *Logical Form*). Esses dois níveis de representação são os únicos motivados diretamente pelos sistemas de desempenho, e portanto os únicos dois níveis de representação assumidos dentro do Programa Minimalista.<sup>2</sup> Além disso, Chomsky (a partir de 1986b) também propõe o princípio de Interpretação Plena (*Full Interpretation*, ou FI), que diz que todos os traços que chegam a um determinado nível de interpretação devem poder ser legíveis nesse nível. PF só interpreta traços fonológicos e LF só interpreta traços semânticos e traços formais interpretáveis. Chomsky (1995:219) considera que uma

---

<sup>1</sup> Essas condições resumem-se basicamente em economia de derivações e economia de representações. Para detalhes, ver Chomsky (1995:cap.2).

<sup>2</sup> Ver Chomsky (1995:cap.3) para motivação para eliminação dos níveis Estrutura-D e Estrutura-S, assumidos dentro da Teoria de Princípios e Parâmetros nos modelos de Chomsky (1981, 1982, 1986a,b).

derivação *converge* se em ambos os níveis de interface gerar uma representação que satisfaça FI; caso contrário, *fracassa*.

No entanto, Chomsky (1995:316) aponta uma característica da faculdade da linguagem humana que parece uma “imperfeição”: itens que aparecem deslocados da posição onde são interpretados. A explicação de Chomsky (1995:317) sugere que essa imperfeição se deva a condições externas à gramática, baseadas no uso da língua, como a facilitação do processamento, a diferenciação entre estruturas de tema e rema e relações temáticas determinadas na base, e outros.

Além do movimento, a existência de traços não-interpretáveis é uma segunda imperfeição do sistema, pois parecem não ter razão de ser, já que devem ser eliminados antes de LF para que não haja violação do Princípio de Interpretação Plena. Existe uma relação entre traços não-interpretáveis e movimento: na versão de 1995 do Programa Minimalista, todo movimento é motivado pela necessidade de eliminar traços não-interpretáveis. Já segundo Chomsky (2000:121), a existência de traços não-interpretáveis pode ser motivada pela necessidade de que certos elementos sejam deslocados, o que reduz as duas aparentes imperfeições do sistema a apenas uma: a propriedade do deslocamento, que, como mencionado acima, é motivada independentemente da sintaxe. Essa possibilidade condiz com os pressupostos minimalistas de relacionar o funcionamento da língua com exigências externas, e por isso é adotada por Chomsky (2000).

## 4.2. Move F e Agree

Uma das características do modelo de Chomsky (1995) é a existência do movimento coberto de traços. Como mencionado na seção anterior, neste modelo todo movimento é motivado pela necessidade de checagem de traços não-interpretáveis para que sejam eliminados. *Spell-Out* é a operação que separa os traços que ainda estão presentes na derivação entre os que serão relevantes para PF e LF. Antes de *Spell-Out*, os traços formais que se moveram para checagem de traços não-interpretáveis carregam os traços fonológicos e semânticos, um fenômeno conhecido como *pied-piping*. O argumento usado no modelo (Chomsky 1995:262-264) para justificar o *pied-piping* é o de que se os traços se moverem sozinhos, serão “impronunciáveis” em PF, ou em outras palavras, ilegíveis para esse nível de representação, o que viola o princípio de Interpretação Plena. Além disso, Chomsky também parte do pressuposto de que a morfologia não tolera fragmentos de palavras espalhados, ou seja, não poderia trabalhar com traços sem matriz fonética.<sup>3</sup> No entanto, no percurso da derivação entre *Spell-Out* e LF, os traços formais podem se mover sozinhos, já que não precisam ser lidos por PF. Esse movimento de traços é chamado de *Move F* (de *Move Feature*, ou seja, ‘mover traço’).

Um dos problemas com *Move F* é que, se antes de *Spell-Out* os movimentos funcionam diferentemente de depois de *Spell-Out*, é preciso assumir que a derivação ocorra em dois ciclos, ou seja, um antes e um depois de *Spell-Out*. Além disso, há uma diferença entre movimento antes e movimento depois de *Spell-Out*, o que acaba

---

<sup>3</sup> Entretanto, *pro*, por exemplo, é um conjunto de traços sem matriz fonética e presumivelmente pode se mover abertamente[0].

criando regras específicas para cada etapa da derivação. Assim, Chomsky pode estar transformando essa operação em um nível de representação, similar a Estrutura-S. Esta é uma consequência indesejada, já que o Programa Minimalista tenta eliminar níveis de representação não justificados independentemente pelas interfaces.

Uma possível razão para que movimentos funcionem diferentemente antes e depois de *Spell-Out* é a necessidade de que haja *pied-piping* antes de *Spell-Out* por razões de morfologia e legibilidade em PF. No entanto, essa justificativa depende de um *look-ahead* muito grande, ou seja, a derivação precisa chegar até a morfologia ou até os níveis de interface para que se determine se ela é ou não convergente. (Chomsky 1995:346) propõe uma alternativa, dizendo que "... at a particular stage  $\Sigma$  of a derivation from numeration  $N$ , we consider the reference set  $R(N, \Sigma)$  from a highly 'local' point of view, selecting the best possible (most economical) move available in  $R(N, \Sigma)$  at stage  $\Sigma$ . This more restrictive approach is preferable on conceptual grounds for the usual reasons of reduction of computational complexity;...". Entretanto, mesmo essa abordagem mais restritiva requer *look-ahead*, pois para Chomsky (1995:219), convergência é uma propriedade de derivações: mesmo que o passo mais econômico seja escolhido em um certo ponto da derivação, apenas nas interfaces é possível computar se ela converge ou não.

*Move F* é também um tipo de movimento acíclico. Em outras palavras, para que *Move F* ocorra, a derivação precisa voltar a passos que já haviam ocorrido. No entanto, não é o único tipo de movimento acíclico do modelo, pois para haver movimento de núcleo também é necessário voltar a passos anteriores da derivação. Como aponta Nunes (2001a:324), dentro do sistema de Chomsky (1995) movimento de núcleo só

pode ser acíclico, pois assumindo que *Mover* opere com constituintes de um único marcador frasal, movimento de núcleo só pode proceder depois que as projeções do destino final do movimento e a fonte de movimento forem constituintes do mesmo marcador frasal.

Chomsky (1995:270) toma *Move F* como uma operação de adjunção (traços verbais que se adjungem a T, por exemplo), e não de substituição. Movimento de núcleo também é uma operação de adjunção. Assim, para ele, a Condição de Extensão, que garante a ciclicidade do modelo ao requerer que operações de concatenar e mover sempre estendam seu alvo, não precisa ser respeitada em casos de adjunção. Esta é uma conclusão com motivação interna à teoria, necessária para que o sistema funcione. Mais adiante será apresentada uma explicação alternativa para casos de *Move F* e movimento de núcleo, que não precisa violar a Condição de Extensão.

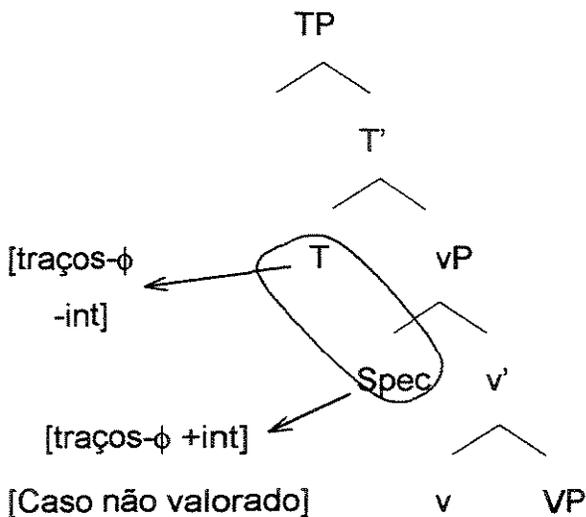
Nos modelos de 1999 e 2000, Chomsky tentou eliminar essas inconsistências do sistema. Em primeiro lugar, convergência é definida para expressões, e não para derivações como no modelo de 1995. Assim, em vários pontos da derivação uma expressão pode ser considerada não convergente, não havendo necessidade de essa derivação chegar até o final. A noção de convergência passa a aplicar-se dentro do que Chomsky chama de *fases*, ou seja, partes da derivação que segundo ele têm valor proposicional. Esse valor proposicional é determinado por *v* ou *C*, o que faz com que uma fase seja formada por um subconjunto da numeração que contenha um *v* ou um *C*. Uma fase é mandada para *Spell-Out* assim que a fase seguinte é formada, havendo assim múltiplas aplicações de *Spell-Out*. Se dentro de uma fase que foi mandada para

*Spell-Out* não houver convergência, a derivação fracassa.

Além disso, nos modelos de 1999 e 2000, traços não-interpretáveis entram no sistema não valorados. Uma nova operação, *Agree*, estabelece uma relação de concordância entre os traços de um núcleo e os de um constituinte no domínio deste núcleo. O núcleo funciona como uma *sonda* (no original *probe*) que busca seu *alvo* (no original *goal*). Através de *Agree*, os traços que se moveriam depois de *Spell-Out* no modelo de 1995 são checados abertamente em um domínio local, eliminando assim a necessidade de movimento coberto.

Consideremos, a título de exemplo, como o Caso nominativo de um sujeito é checado. O DP em Spec *vP* tem um traço de Caso não valorado e traços- $\phi$  interpretáveis, ao mesmo tempo em que T tem traços- $\phi$  não-interpretáveis, como simplificadaamente ilustrado em (1).

(1)

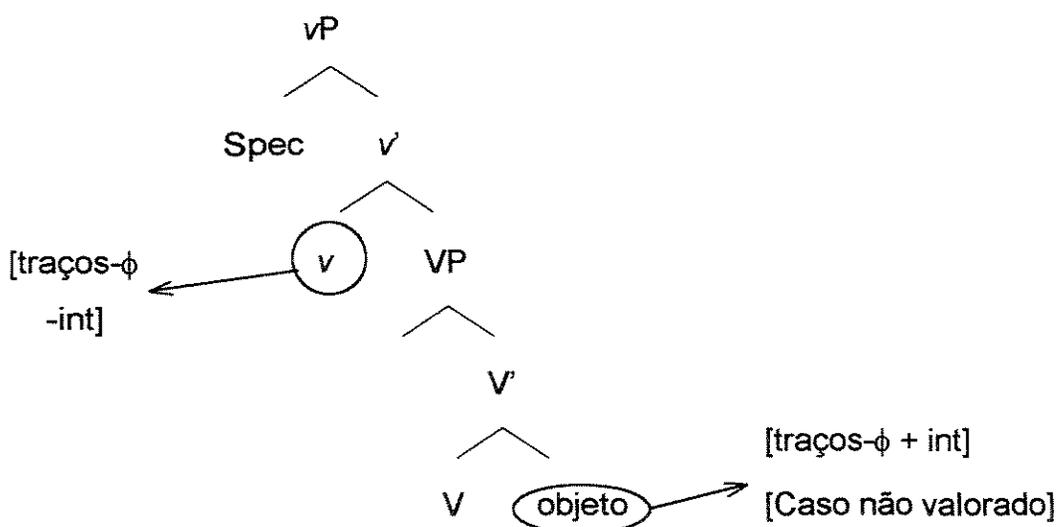


Com a aplicação de *Agree*, a sonda T concorda com o alvo, ou seja, o elemento em

Spec vP, processo que elimina os traços- $\phi$  não-interpretáveis da sonda e valora o traço de Caso do alvo como nominativo.

O mesmo acontece entre *v* e o elemento em posição de objeto: antes de *Agree*, o elemento em posição de objeto tem um traço de Caso não valorado e traços- $\phi$  interpretáveis, enquanto que *v* tem traços- $\phi$  não-interpretáveis. Tal configuração está explicitada em (2).

(2)



Depois de *Agree*, *v* elimina seus traços não-interpretáveis e o objeto recebe o valor de acusativo para seu traço de Caso antes não valorado.

Chomsky, no entanto, não apresenta evidência empírica em favor de *Agree*, sendo os seus argumentos todos de ordem conceptual. Além disso, Jairo Nunes (notas de curso, Unicamp, 2001) apontou que *Agree* também viola a cilcicidade da derivação, assim como *Move F*, pois uma sonda tem sempre que buscar seu alvo em camadas mais baixas que ela e especificar os traços não-interpretáveis deste alvo, ou seja,

serão feitas modificações em objetos já formados.

Por outro lado, é possível respeitar a ciclicidade em um modelo que assume *Move F*, se adotarmos o sistema de movimento lateral (*sideward movement*) de Nunes (2001a, a sair). Nesse sistema, movimento é resultado de quatro operações primitivas que podem ocorrer independentemente: Copiar (*Copy*), Concatenar (*Merge*), Formar Cadeia (*Form Chain*) e Redução de Cadeia (*Chain Reduction*). Para que uma cadeia seja formada, é necessário que haja uma relação de c-comando entre dois elos dessa cadeia. A operação de Redução de Cadeia, que apaga as cópias que não são pronunciadas, é necessária para que o LCA (Kayne 1994) possa linearizar a sentença, pois se mais de uma cópia estiver presente na derivação, um “mesmo” elemento ao mesmo tempo precederá e seguirá a si mesmo, impossibilitando a linearização. Dentro desse sistema, não há nada que impeça que um elemento seja copiado de um objeto sintático para ser concatenado em outro que esteja sendo formado em paralelo. Se ao final da derivação as condições necessárias para Formar Cadeia forem satisfeitas, Redução de Cadeia pode se aplicar e a derivação converge. Assim, movimento de núcleo e movimento de traços podem ocorrer de maneira cíclica.

No caso de movimento de núcleo, Nunes (2001a:321, a sair) mostra como ocorre, por exemplo, movimento de verbo. A derivação está esquematizada em (3)-(5).

(3) a.  $K = [_{VP} \dots V \dots]$

b.  $L = T$

(4) a.  $K = [_{VP} \dots V^i \dots]$

$$b. M = [T^0 V^i [T^0 T]]$$

$$(5) [TP [T^0 V^i [T^0 T]] [VP \dots V^i \dots]]$$

Dados o VP e o núcleo T em (3), o sistema computacional faz uma cópia do verbo e o adjunge a T (movimento lateral) para checar o traço forte de T, como em (4). Depois de K e M se concatenarem, como mostrado em (5), as duas cópias do verbo podem formar a cadeia CH = (V<sup>i</sup>, V<sup>i</sup>), pois satisfazem os requerimentos de Formar Cadeia. Sobre essa cadeia é aplicada Redução de Cadeia para que a estrutura em (5) possa ser linearizada, e assim a cópia de dentro do VP é apagada no componente fonológico. Dessa forma, houve movimento do verbo sem que houvesse a necessidade de operações acíclicas, já que toda operação de movimento expandiu o alvo desse movimento.<sup>4</sup>

O sistema de Nunes (2001a, a sair) também pode explicar movimento de traços de maneira cíclica. Para Chomsky (1995:233), movimento aberto só pode ocorrer para checar traços fortes. Nunes (2001a:322-323) propõe que em vez de haver movimento coberto acíclico de traços formais (FF), há movimento lateral aberto desses traços. Partindo do passo derivacional em (3), ele explica que em uma língua em que T tenha um traço V fraco, o sistema computacional copia os traços formais do verbo e os adjunge a T (através de movimento lateral), como em (6), e depois concatena o VP e o núcleo complexo T, como em (7). A cadeia CH = (FF(V<sup>i</sup>), FF(V<sup>i</sup>)) pode ser formada e Redução de Cadeia elimina o segundo elo no componente fonológico.

---

<sup>4</sup> Ver Nunes (2001a:321-322) para demonstração de que tal processo não gera derivações indesejáveis.

(6) a.  $K = [_{VP} \dots V^i \dots]$

b.  $M = [_{T^0} FF(V^i) [_{T^0} T]]$

(7)  $[_{TP} [_{T^0} FF(V^i) [_{T^0} T]] [_{VP} \dots V^i \dots]]$

Desse modo, os traços formais foram checados abertamente sem que houvesse a necessidade de movimento coberto.

Através do sistema de Nunes (2001a), os principais argumentos técnicos de Chomsky (1999, 2000) para propor *Agree* em vez de *Move F*, ou seja, eliminar operações de movimento no componente coberto e fazer com que o sistema ficasse mais cíclico, são anulados. Na falta de argumentos empíricos a favor de *Agree*, tecnicamente *Move F* parece ser uma opção tão plausível quanto *Agree*.

Neste trabalho, proponho uma análise que pode prover evidência empírica para *Agree*, já que os dados que apresento não podem ser explicados através de *Move F*.

### 4.3. A Projeção de Tempo

Para a análise a ser apresentada no capítulo 5, pressuponho que os verbos tenham traços de tempo não-interpretáveis e não-valorados, que são valorados por T. Nesta seção, mostro argumentos a favor de que T é uma categoria realmente necessária, diferentemente de Agr, e tem traços de tempo interpretáveis que podem valorar os traços do verbo.

Consideremos primeiramente Agr. Chomsky (1995:349-355) discute o estatuto da categoria Agr no Programa Minimalista. Segundo ele, as categorias funcionais T, C e D têm traços interpretáveis, provendo informações para ambos os níveis de interface. Agr, por outro lado, é composto apenas de traços não-interpretáveis e não tem relação direta com os níveis de interface. Ele então argumenta que Agr só está presente por razões internas à teoria: é apenas uma indicação de uma posição que precisa existir para algumas operações abertas de movimento. Sendo assim, essa categoria só é necessária quando tem traços fortes, já que traços fracos não desencadeiam movimento aberto. Chomsky mostra ainda que essa função de posição de alvo para tais operações de movimento pode ser desempenhada por T e v. Em suma, ele conclui que a categoria Agr pode ser eliminada da gramática universal, tendo como principal argumento a idéia de que é a única categoria funcional que não tem propriedades intrínsecas manifestadas nos níveis de interface.

Quantos ao efeito das outras categorias funcionais nas interfaces, C e D têm evidência lexical: C existe como *que* em português, por exemplo, e D é manifestado como artigo e como demonstrativo, por exemplo. Dentro de um modelo lexicalista,

assumido no Programa Minimalista, não é necessário que haja uma projeção para cada morfema do verbo. Assim, a manifestação morfológica de tempo está diretamente no verbo, e não em T. No entanto, há evidências de que a interpretação do tempo nas línguas naturais não é baseada apenas da morfologia verbal e depende da existência de uma categoria de tempo.

Em primeiro lugar, como aponta Hornstein (1990:8), as línguas naturais expressam as relações de tempo diferentemente. Algumas línguas usam advérbios, outras marcam o tempo na morfologia, outras dependem do contexto. Mesmo em línguas que usam marcas morfológicas existem diferenças. Por exemplo, um só tempo, o *present perfect* do inglês, é expresso em português através de três tempos: o presente simples, o presente composto ou o pretérito perfeito do indicativo, dependendo de sua interpretação temporal e aspectual. As sentenças em (8), todas no *present perfect*, têm seus correspondentes em português em (9), com os três tempos correspondentes.

(8) a. He has lived here for three years.

b. He has worked a lot lately.

c. He has visited Paris twice.

(9) a. Ele mora aqui há três anos. (presente simples)

b. Ele tem trabalhado muito ultimamente. (presente composto)

c. Ele visitou Paris duas vezes. (pretérito perfeito)

Em sua análise dos tempos verbais do inglês, Hornstein (1990) assume a proposta de Reichenbach (1947), que propõe que a interpretação de sentenças finitas depende de três pontos: E, que é o momento do evento em si; e S, que é o momento da fala, e R, um ponto de referência que serve para mediar a relação entre E e S. Segundo Reichenbach, é a relação entre S e R que constitui a relação primária dos tempos verbais. R está ligado a E e a ligação entre S e E é derivada, dependendo da relação entre R e E.

Os efeitos interpretativos de R podem ser vistos em tempos mais complexos. Hornstein (1990:12-13) mostra a relação entre R, S e E no futuro perfeito do inglês, como na sentença abaixo.

(10) John will have left at three o'clock.

E, ou seja, o evento de John sair, está em algum lugar do futuro em relação ao momento de fala, S, mas antes do ponto de referência R indicado por *three o'clock*. Em outras palavras, E está localizado entre S e R.

Em suma, um tempo verbal para Reichenbach é um complexo de três pontos, S, R e E, ordenados temporalmente um em relação ao outro. Esses pontos têm reflexo na interface semântica, o que sugere que estejam representados sintaticamente. Neste trabalho, não explorarei uma estrutura sentencial contendo os três nós correspondentes aos pontos de Reichenbach.<sup>5</sup> Entretanto, assumo que existe pelo menos uma projeção funcional responsável pela interpretação do tempo nas línguas naturais, que corresponde a T. Por ter reflexos semânticos, a existência de T está de

---

<sup>5</sup> Ver Thompson (1996).

acordo com os pressupostos do Programa Minimalista.

Há, no entanto, uma redundância em línguas que têm traços morfológicos de tempo no verbo além da projeção T, o que é indesejável dentro de propostas minimalistas. Uma possível explicação que elimina essa redundância é a de que os traços morfológicos de tempo no verbo sejam reflexos de concordância entre traços de tempo do verbo e de T, assim como Caso morfológicamente marcado é reflexo da concordância com T (nominativo) ou *v* (acusativo).

No caso das elipses que são licenciadas sem identidade com o antecedente, a análise apresentada no capítulo 5 mostra que em uma sentença como (11), as formas *dormiu* e *dormir* são na verdade o reflexo da concordância de um afixo de tempo não especificado com T passado ou infinitivo.

(11) o João dormiu e a Maria também vai ~~dormir~~

#### 4.4. A Morfologia Distribuída

Nesta dissertação, exploro como uma elipse pode ser licenciada apesar de aparentemente ser diferente de seu antecedente. A análise apresentada no capítulo 5 mostra que na verdade há identidade entre a elipse e o antecedente no ponto da derivação em que a elipse é licenciada. Por exemplo, em (12) é necessário assumir que uma forma verbal como *dormiu* seja idêntica à forma *dormir* em algum ponto da derivação.

(12) o João dormiu e a Maria também vai ~~dormir~~

Assim, é preciso assumir a hipótese de que os verbos *dormiu* e *dormir* só tenham essa forma depois que a elipse foi licenciada. O modelo da Morfologia Distribuída, proposto por Halle e Marantz (1993), provê a base teórica para essa hipótese.

Segundo a Morfologia Distribuída, “a maquinaria do que tradicionalmente era chamado de morfologia não está concentrada em um único componente da gramática, mas está distribuída entre diversos componentes” (Halle e Marantz 1993:111, tradução minha). Harley e Noyer (1999) apresentam as três propriedades principais do modelo. A primeira delas é a inserção tardia, que diz que categorias sintáticas são feixes de traços sem conteúdo fonológico, e apenas depois da sintaxe as expressões fonológicas, ou Itens de Vocabulário, são inseridas. A segunda é a subespecificação, que diz que as expressões fonológicas não precisam estar totalmente especificadas para as posições sintáticas onde podem ser inseridas. Em outras palavras, não há

necessariamente um certo conjunto de traços fonológicos que corresponde exatamente a um certo conjunto de traços morfológicos: Itens de Vocabulário são inseridos quando não há outra forma mais específica que possa ser inserida num dado contexto. A terceira propriedade é a estrutura sintática hierárquica, que diz que elementos dentro da sintaxe e dentro da morfologia entram nos mesmos tipos de estrutura de constituinte.

Além disso, não há um Léxico na Morfologia Distribuída, o que faz com que o que era atribuído ao Léxico nas teorias lexicalistas seja distribuído entre outros componentes. Um item de Vocabulário é uma relação entre um fragmento fonológico e uma informação sobre onde esse fragmento pode ser inserido. Itens de Vocabulário são o conjunto de sinais fonológicos disponíveis em uma língua para a expressão de morfemas abstratos. Um morfema é um nó terminal sintático (ou morfológico) e seu conteúdo. Morfemas não têm conteúdo fonológico, que é atribuído através de um Item de Vocabulário inserido por *Spell-Out*.<sup>6</sup>

No modelo de Chomsky (1995), *Spell-Out* é a operação que separa os traços da derivação entre os que serão enviados para PF e os que serão enviados para LF. Como na Morfologia Distribuída traços fonológicos não estão presentes na derivação, *Spell-Out* então é a associação de itens de Vocabulário a morfemas abstratos. Nos casos de alomorfia, itens de Vocabulário competem para realizar os nós terminais (morfemas), sendo que o “vencedor” é o alomorfe que aparece no contexto mais complexo e mais especificado, em detrimento de alomorfes que aparecem em contextos menos complexos.

Para ilustrar, resumirei a seguir como, Halle e Marantz (1993:124-129) dão conta

---

<sup>6</sup> As definições apresentadas neste parágrafo e no seguinte são adaptadas de Harley e Noyer (1999).

da morfologia verbal do inglês. Em primeiro lugar, os autores (p. 124) propõem a ordem expressa em (13) para os alomorfes do sufixo de passado no inglês.

(13) *Tns*

[+past] ↔ ∅ / [+ strong] \_\_\_\_\_

[+past] ↔ /-t/ / [- strong] \_\_\_\_\_

[+past] ↔ /-d/

O sufixo ∅ é o que tem mais restrições, pois só aparece nos chamados verbos de radical forte, ou verbos irregulares. Por exemplo, o verbo *think* tem a forma *thought* no passado, com a mudança no próprio radical, sem a adição de nenhum sufixo. O sufixo /-t/ aparece nos verbos de radical fraco, ou regulares, mediante algumas condições fonológicas, ou seja, quando o último som do radical é surdo. Esse é o sufixo que se adiciona a verbos como *stop* e *laugh*. Os sufixos ∅ e /-t/ têm precedência sobre /-d/ porque impõem condições sobre o radical verbal, enquanto que /-d/ é inserido nos contextos restantes. /-d/ é a entrada *default* para o traço [+passado].

Segundo a regra de subespecificação, um Item de Vocabulário é inserido quando não há outra forma mais específica que possa ser inserida em um certo contexto. No caso do passado dos verbos em inglês, o morfema *default* a ser inserido no radical é /-d/, quando não houver nenhuma informação mais específica. Se houver uma especificação maior, por exemplo, o verbo tem o radical forte, uma forma mais específica do radical será inserida, no caso o morfema ∅.

Chomsky (1999:8, 2000:118-119) admite que o pressuposto de que traços

fonológicos possam ser inseridos depois de Spell-Out é compatível com o Programa Minimalista. No modelo de Chomsky (1999), traços não-interpretáveis, como traços de Caso, por exemplo, entram sem valor na derivação e são valorados pela operação *Agree*. Em outras palavras, ao entrar na derivação são traços morfológicos não associados a nenhum traço fonológico. Esse traço fonológico só pode ser definido depois da operação *Agree*. Assim, é necessário assumir um modelo nos moldes da Morfologia Distribuída ao assumir a operação *Agree*.

Em (12), repetido abaixo em (14), só é possível haver identidade entre *dormir* e *dormiu* se no momento do licenciamento da elipse, tanto no antecedente quanto na elipse o que existe na verdade são os traços do radical verbal mais os traços de um afixo de tempo não especificado.

(14) o João dormiu e a Maria também vai ~~dormir~~

Assim, as formas do antecedente e da elipse serão idênticas, ou seja um radical mais um afixo de tempo não especificado. Em linhas gerais, essa é a análise explorada no capítulo 5.

## 4.5. Conclusão

Neste capítulo, delineei as bases teóricas necessárias para a análise a ser apresentada no capítulo 5. O Programa Minimalista de Chomsky (1999, 2000), a abordagem do tempo nos verbos apresentada em 4.3 e a Morfologia Distribuída têm em comum preverem que em (15) é possível aparentemente sem que haja formas idênticas no radical e na elipse.

(15) o João dormiu e a Maria também vai ~~dormir~~

Não há as formas *dormiu* e *dormir*, mas sim um radical mais um afixo em ambas as orações. Essa análise está implementada no capítulo 5.

Entretanto, é necessário explicar por que existem casos em que formas diferentes na elipse e no antecedente não são possíveis, como em (16) e (17).

(16) \*O João não tem um tostão furado, mas a Maria tem.

(17) \*John was here and Mary will too. [be here]

Os casos de expressões idiomáticas serão tratados na seção 5.2.3 e os verbos *be*, *ser* e *estar* no capítulo 6.

## 5. A Proposta

---

Levando-se em conta tanto uma análise que pressuponha apagamento em PF ou reconstrução em LF, é preciso explicar por que um exemplo como (1), é possível apesar de haver formas diferentes do verbo *dormir* no antecedente e no local da elipse.

(1) O João dormiu e a Maria também vai [dormir]

Os mecanismos possíveis para a geração de sentenças com elipses como em (1) são quatro: *Agree* com apagamento em PF, *Agree* com reconstrução em LF, *Move F* com apagamento em PF e *Move F* com reconstrução em LF.

Neste capítulo, apresentarei primeiramente uma proposta para explicar a possibilidade de haver essa diferença usando a operação *Agree* e apagamento em PF. Em seguida, apresentarei outras evidências, envolvendo não só elipses de VP, mas também de outros constituintes, que suportam essa proposta. Finalmente, mostrarei que não é possível dar conta dos dados apresentados através de uma análise envolvendo reconstrução em LF ou *Move F*.

## 5.1. Agree com apagamento em PF

Para Chomsky, (1999, 2000), traços formais não-interpretáveis, como traços de Caso, por exemplo, entram na derivação não valorados. Como mostrado na seção 4.1.2, *Agree* ocorre entre uma sonda e um alvo e atribui valores aos traços não-interpretáveis do alvo. Na seção 4.1.3, mostrei que os traços de tempo do verbo são não-interpretáveis, sendo que a interpretação do tempo de uma sentença depende de pelo menos uma projeção funcional de tempo. Assim, é possível propor uma relação sonda-alvo entre T e o traço de tempo do verbo.

Segundo Chomsky (1999:4, tradução minha), os valores dos traços não-interpretáveis “são determinados por *Agree*, ponto no qual os traços devem ser apagados da sintaxe estreita (ou serão indistinguíveis de traços interpretáveis em LF) mas permanecer disponíveis para a fonologia (já que podem ter efeitos fonéticos)”. Ele completa que *Match* (a relação entre uma sonda e um alvo) não é estritamente identidade, mas sim não-distintividade, ou seja, o mesmo traço, independente de valor.

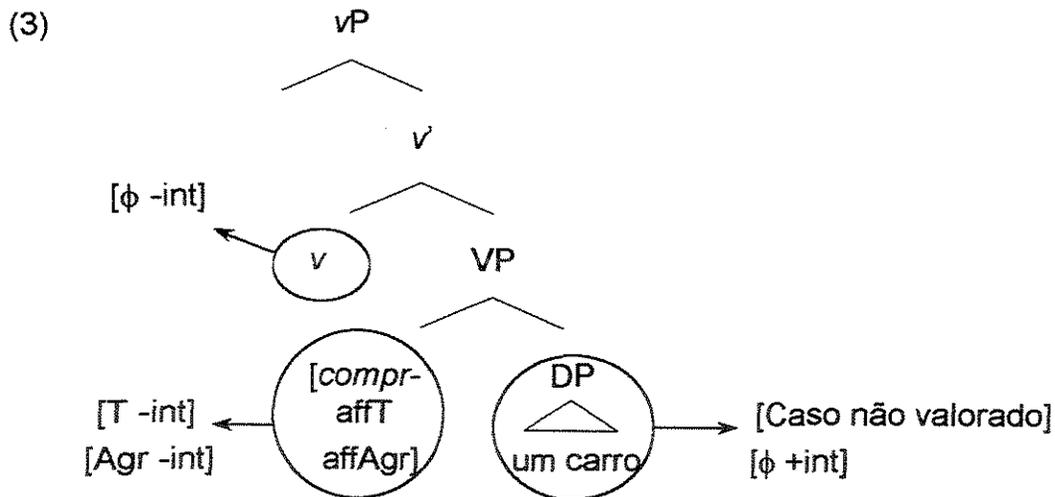
*Agree* tem função dupla: valorar traços não-interpretáveis para efeito de PF e eliminá-los para efeito de LF. A eliminação dos traços não-interpretáveis será relevante apenas para LF, pois apenas traços interpretáveis, que são legíveis para LF, deverão chegar nesse nível de interface. Já a valoração dos traços não-interpretáveis será relevante apenas para PF ou, mais precisamente, para a morfologia, pois pode ter efeitos fonéticos ou morfológicos, como por exemplo nas línguas que têm marcação morfológica de Caso.

A seguir apresento uma derivação simplificada da sentença em (2) usando o

modelo de *Agree* como descrito acima.<sup>1</sup>

(2) O João comprou um carro.

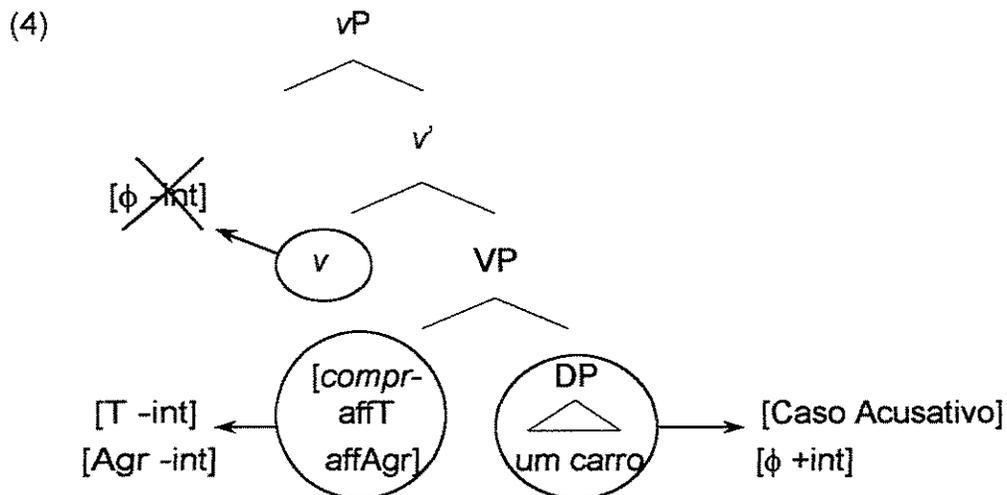
Em primeiro lugar, *um* e *carro* são retirados da Numeração e conectados, formando um DP. Este DP tem um traço de caso não valorado. Em seguida, o radical *compr-* entra na derivação com afixos de tempo (*affT*) e concordância (*affAgr*) com traços não valorados. O próximo passo é a introdução do verbo leve *v*, que tem traços- $\phi$  não-interpretáveis. Até esse passo, a derivação se encontra como no esquema em (3).



Nessa configuração, *v* funciona como sonda que concorda com o alvo, DP, através da operação *Agree*, conforme o esquema em (4). Desse modo, *v* elimina seus traços- $\phi$

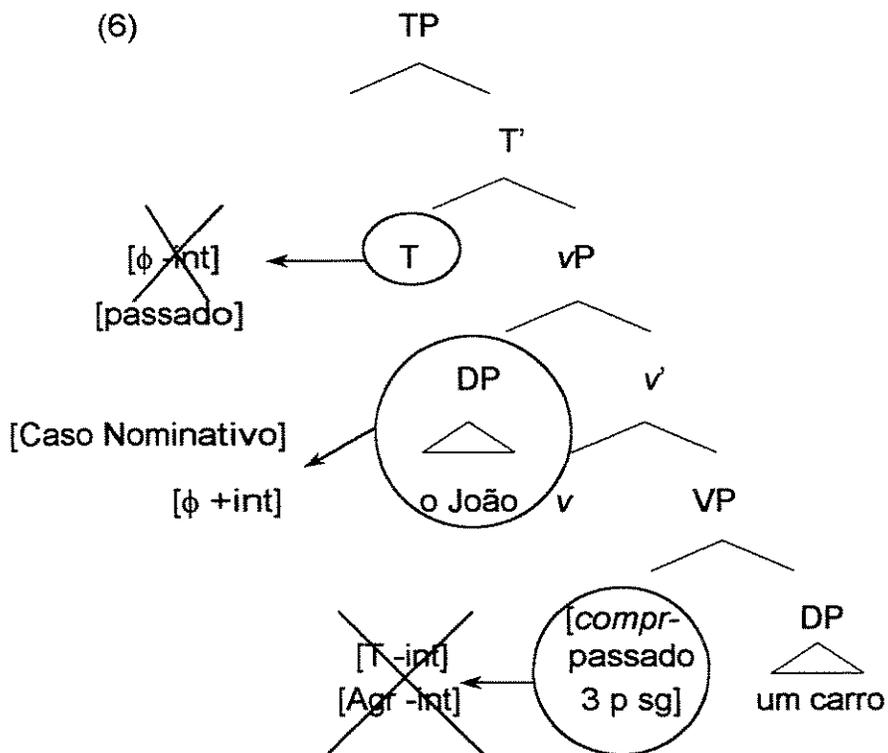
<sup>1</sup> Para maior clareza na exposição do ponto relevante dessa derivação, ou seja, a valoração de traços não-interpretáveis, não estou considerando o movimento do verbo nem a derivação por fases (cf. Chomsky 1999). Além disso, para facilitar a representação das derivações, estou usando os itens lexicais plenos. Assumindo o modelo da Morfologia Distribuída, não há itens lexicais na derivação, mas sim feixes de traços. Por fim, também por conveniência de exposição, uso a estrutura X-barra, apesar de estar assumindo um modelo de *Bare Phrase Structure* (cf. Chomsky 1995).

não-interpretáveis e valora o Caso do DP como Acusativo.

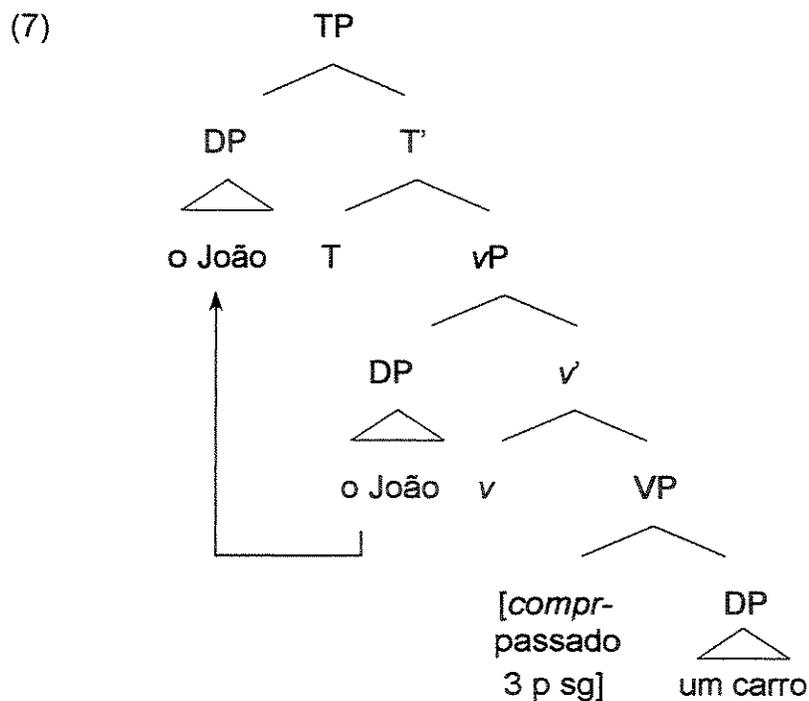


O passo seguinte é concatenar o DP *o João* com o  $v$ . Esse DP tem traços- $\phi$  interpretáveis e um traço de Caso não valorado. A seguir, T é retirado da Numeração e concatenado a  $vP$ . Esse T tem traços- $\phi$  não-interpretáveis e um traço de tempo especificado como passado. Nesse momento, a derivação se encontra como no esquema em (5).





Por fim, o DP *o João* se move para spec TP para checar o traço EPP de T, resultando na estrutura mostrada em (7).



Depois de *Spell-Out*, em direção a PF, a operação Redução de Cadeia apaga a cópia de baixo do DP *o João*. Por fim, os Itens de Vocabulário são inseridos pela morfologia, e [*compr-* + passado + 3 p.sg.] é realizado como *comprou*.

Como pôde ser observado na derivação acima, as formas verbais entram na derivação como um radical mais afixos de tempo e concordância não-valorados. No caso das elipses, há identidade, pois tanto no antecedente quanto no local da elipse, o que há é o radical do verbo mais afixos de tempo e concordância. Como mostrado resumidamente em (8), ambas as formas de *dormir* são na verdade o radical mais afixos. Por haver identidade, o verbo no local da elipse pode ser apagado, e uma sentença como (1) é possível.

(8) [<sub>TP</sub> *o João* [<sub>VP</sub> [<sub>VP</sub> *dorm-* + afixos]]] e [<sub>TP</sub> *a Maria também vai* [<sub>VP</sub> [<sub>VP</sub> *dorm-* + afixos]]]

A derivação da sentença em (1) pode seguir os passos mostrados esquematicamente em (9). Para deixar a derivação mais clara, apenas os afixos de tempo, abreviados como *affT*, são discutidos neste exemplo, e a palavra *também* não foi incluída.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Também por conveniência de exposição, não analiso a estrutura de *vai*. Além disso, uso os itens lexicais na derivação. Como apresentado na seção 4.1.4, no modelo da Morfologia Distribuída, que assumo neste trabalho, não existem itens lexicais nem traços fonológicos durante a derivação.

(9)

Antes de Spell-Out:

a. T com traço de tempo valorado e verbo com afixo de tempo não valorado

[<sub>TP</sub> [T + pass.][<sub>VP</sub> O João [<sub>VP</sub> *dorm-* + aff T]]] e [<sub>TP</sub> vai [T + inf.][<sub>VP</sub> a Maria [<sub>VP</sub> *dorm-* + aff T]]]

b. Agree (valora os afixos para PF e elimina os traços não-interpretáveis para LF)

[<sub>TP</sub> [T + pass.] [<sub>VP</sub> O João [<sub>VP</sub> *dorm-* + aff T]]] e  
[aff =passado]

[<sub>TP</sub> vai [T + inf.] [<sub>VP</sub> a Maria [<sub>VP</sub> *dorm-* + aff T]]]  
[aff =infinitivo]

c. operações de movimento aberto

[<sub>TP</sub> O João [T + pass.] [<sub>VP</sub> O João [<sub>VP</sub> *dorm-* + aff]]] e  
[aff =passado]

[<sub>TP</sub> a Maria vai [T + inf.] [<sub>VP</sub> a Maria [<sub>VP</sub> *dorm-* + aff]]]  
[aff =infinitivo]

Entre Spell-Out e PF:

d. Redução de Cadeia para apagamento de cópias

[<sub>TP</sub> O João [<sub>VP</sub> ~~e João~~ [<sub>VP</sub> *dorm-* + aff]]] e [<sub>TP</sub> a Maria [<sub>VP</sub> vai ~~e Maria~~ [<sub>VP</sub> *dorm-* + aff]]]  
[aff =passado] [aff =infinitivo]

e. apagamento sob identidade do VP no local da elipse

o João [<sub>VP</sub> *dorm-* + aff] e a Maria vai [<sub>VP</sub> *dorm-* + aff]  
[aff =passado] [aff =infinitivo]

f. inserção do afixo de tempo

o João dormiu e a Maria também vai

Antes de *Spell-Out*, o T das duas orações tem um traço de tempo interpretável – passado ou infinitivo – e o verbo tem um afixo de tempo não valorado, como mostrado em (9a). Em seguida, *Agree* valora o afixo como passado e elimina o traço de tempo não-interpretável, como em (9b). O próximo passo são as operações de movimento aberto, como em (9c).<sup>4</sup> Depois de *Spell-Out*, no caminho para PF, Redução de Cadeia se aplica para o apagamento das cópias resultantes das operações de movimento, como em (9d).<sup>5</sup> A seguir, o VP no local da elipse é apagado, como em (9e). Tal operação é licenciada porque a forma no antecedente e do local da elipse são idênticas. Por fim, a morfologia insere o afixo de tempo *-iu*, resultando na forma *dormiu*, como em (9f). Com relação a LF, os traços de tempo não-interpretáveis foram eliminados na sintaxe aberta. Os afixos em questão são relevantes apenas para PF, e por isso *Spell-Out* não os envia para LF.

Passos derivacionais semelhantes aos de (9) também dão conta de sentenças como (10), com diferença de concordância entre o antecedente e a elipse, como discutidas na seção 3.3. Um esquema da derivação está em (11). Estou assumindo que os traços- $\phi$  interpretáveis do sujeito funcionam como sonda, que valora os traços- $\phi$  não-interpretáveis do verbo. Para maior clareza na exposição, vou ignorar a valoração do afixo de tempo, já discutida acima, e apenas os afixos de pessoa, abreviados como *affAgr*, estão representados.

(10) Ele sempre comprava aqui, mas nós não.                    [comprávamos]

<sup>4</sup> Para efeitos de exposição, não estou considerando movimento do verbo.

<sup>5</sup> Redução de Cadeia deve ocorrer antes do apagamento das elipses, caso contrário haverá elementos diferentes (o *João* e a *Maria*) no antecedente e na elipse, o que não licenciaria o apagamento da elipse.



os afixos de pessoa. Em (11c), ocorrem as operações de movimento aberto. Em (11d), as cópias de operações de movimento são apagadas. Em (11e), o verbo da elipse é apagado sob identidade. Finalmente, (11f) mostra o resultado final da derivação, após a inserção do afixo de pessoa, que no caso é nulo.

Esta análise também explica porque em sentenças como (12), uma forma que não existe na língua pode aparecer no local da elipse, como discutido na seção 3.3. Um esquema simplificado dos passos derivacionais está em (13).

(12) Eu abolia muitas regras antes, mas agora não.

(13)

Antes de Spell-Out:

a. radical do verbo com afixos não valorados

[<sub>TP</sub> [T+pret.imp.] [<sub>VP</sub> eu[1p.sg.] [<sub>VP</sub> [abol- + affT + affAgr] muitas regras]]] mas  
 agora [<sub>TP</sub> [T+pres.] não [<sub>VP</sub> pro[1p.sg.] [<sub>VP</sub> [abol- + affT + affAgr] muitas regras]]]

b. Agree

[<sub>TP</sub> [T+pret.imp.] [<sub>VP</sub> eu[1p.sg.] [<sub>VP</sub> [abol- + ~~affT~~ + ~~affAgr~~ muitas regras]]] mas  
 [aff=pret.imp., aff=1p.sg.]  
 agora [<sub>TP</sub> [T+pres.] não [<sub>VP</sub> pro[1p.sg.] [<sub>VP</sub> [abol- + ~~affT~~ + ~~affAgr~~ muitas regras]]]  
 [aff=pres., aff=1p.sg.]

c. operações de movimento aberto

[<sub>TP</sub> eu[1p.sg.] [T+pret.imp.] [<sub>VP</sub> eu[1p.sg.] [<sub>VP</sub> [abol- + ~~aff~~ + ~~aff~~ muitas regras]]] mas  
 [aff=pret.imp., aff=1p.sg.]  
 agora [<sub>TP</sub> pro[1p.sg.] [T+pres.] não [<sub>VP</sub> pro[1p.sg.] [<sub>VP</sub> [abol- + ~~aff~~ + ~~aff~~ muitas regras]]]  
 [aff=pres., aff=1p.sg.]

## Depois de Spell-Out:

### d. Redução de Cadeia para apagamento de cópias

[<sub>TP</sub> eu [<sub>VP</sub> ~~eu~~ [<sub>VP</sub> [*abol-* + ~~*aff*~~ + ~~*aff*~~ muitas regras]]] mas  
[*aff*=pret.imp., *aff*=1p.sg.]

agora [<sub>TP</sub> pro não [<sub>VP</sub> ~~pro~~ [<sub>VP</sub> [*abol-* + ~~*aff*~~ + ~~*aff*~~ muitas regras]]]  
[*aff*=pres., *aff*=1p.sg.]

### e. apagamento do VP no local da elipse

eu [<sub>VP</sub> [*abol-* + ~~*aff*~~ + ~~*aff*~~ muitas regras] mas agora pro não [<sub>VP</sub> [*abol-* + ~~*aff*~~ + ~~*aff*~~ muitas regras]  
[*aff*=pret.imp., *aff*=1p.sg.] [ ~~*aff*=pres., *aff*=1p.sg.~~ ]

### f. inserção dos afixos de tempo e pessoa

Eu abolia algumas regras, mas agora não.

O que realmente está no local da elipse são a raiz *abol-* com um afixo de tempo, que foi valorado como presente, e um afixo de pessoa, que foi valorado como primeira pessoa do singular. A forma *abolo* não precisa existir na língua, já que a [*abol-* + presente + 1ª pessoa do singular] nunca é atribuído nenhum Item de Vocabulário.

Na seção 3.1, apresentei argumentos de Nunes (a sair) mostrando que apagamento de vestígios/cópias e elipses são fenômenos diferentes. Esses argumentos baseavam-se principalmente na observação de que o apagamento de elipses é opcional, ao contrário do apagamento de cópias, que em geral é obrigatório por razões de linearização, e de que não é necessário haver c-comando entre o antecedente e a elipse para que esta possa ser apagada. Como pôde ser notado nas derivações em (9), (11) e (13), vestígios (ou cópias) não foram relevantes para a computação da identidade que licencia o apagamento dos elementos no local da elipse. Por isso, assumo que a operação que apaga cópias resultantes de movimento

ocorre antes do apagamento das elipses, o que é mais um argumento em favor de que apagamento de cópias e apagamento de elipses são realmente fenômenos independentes.

Nas próximas sessões apresentarei evidências de elipses de outros constituintes não verbais que podem ser explicadas através da análise aqui proposta. Em seguida, mostrarei que uma análise com reconstrução em LF e com *Move F* não dá conta dos dados apresentados.

## 5.2. Mais Evidências para Agree e Apagamento em PF

### 5.2.1. Gênero e Número

#### 5.2.1.1. Adjetivos

A hipótese para estudar elipses de VP descrita acima também pode se aplicar a outros constituintes. Consideremos a diferença de gênero em adjetivos, ilustrada em (14), por exemplo.

(14) O João é bonito e a Maria também é. [bonita]

Nesse caso, o que entra na derivação tanto no antecedente quanto no local da elipse são a raiz do adjetivo e um afixo de gênero não valorado, representado como *affGen*, como em (15a). Por conveniência, apenas o afixo de gênero está representado. (15b) mostra a estrutura depois de *Spell-Out*, quando o radical *bonit-* mais o afixo de gênero podem ser apagados na elipse por serem idênticos ao antecedente. (15c) mostra a sentença depois da Inserção de Vocabulário.

- (15) a. [DP O [NP João[masc]]] é [AP [*bonit-* + *affGen*]] e [DP a [NP Maria[fem]]]  
também é [AP [*bonit-* + *affGen*]]
- b. O João [masc] é [*bonit-* + *aff*] e a Maria [fem] também é [~~*bonit-* + *aff*~~]
- c. O João é bonito e a Maria também é.

Do mesmo modo, diferenças de número também são possíveis entre o antecedente e a elipse, como mostrado abaixo em (16). A derivação de (16a) está brevemente esquematizada em (17), sendo que *affNum* significa um afixo de número não-valorado. Por conveniência, só o afixo de número está representado.

(16) a. Aquele menino é bonito e aqueles rapazes também são.

b. Esses rapazes são bonitos e aquele menino também é.

(17) a. Aquele menino [sg] é [*bonit-* + *affNum*] e aqueles rapazes [pl] também são [*bonit-* + *affNum*].

b. Aquele menino [sg] é [*bonit-* + *aff*] e aqueles rapazes [pl] também são [~~*bonit-* + *aff*~~].

c. Aquele menino é bonito e aqueles rapazes também são.

Esse processo também está de acordo com o que é previsto pela Morfologia Distribuída, já que segundo este modelo a raiz do adjetivo e o morfema de gênero ou número não contêm traços fonológicos durante a derivação sintática, recebendo-os apenas depois de Spell-Out através de Inserção de Vocabulário.

### 5.2.1.2. NPs predicativos

A análise com *Agree* pode também ser aplicada a casos de elipses envolvendo NPs predicativos. Nesta seção, exploro essa aplicação. Em primeiro lugar, descrevo alguns contrastes e em seguida os explico à luz da hipótese proposta neste trabalho.

Os exemplos (18a-d) mostram que diferenças de número entre os NPs predicativos do antecedente e da elipse resultam em sentenças possíveis.<sup>6</sup>

- (18) a. O Pedro e o João são médicos e o Paulo também é. [médico]  
b. A Maria e a Joana são médicas e a Suzana também é. [médica]  
c. O João é médico e o Pedro e o Luís também são. [médicos]  
d. A Suzana é médica e a Maria e a Joana também são. [médicas]

Mesmo variações de número mais irregulares não afetam a aceitabilidade da sentença quando o antecedente é diferente da elipse, como mostra (19).

- (19) a. O Pedro e o João são atores e o Paulo também é. [ator]  
b. O Paulo é ator e o Pedro e o João também são. [atores]  
c. Acho que esse é um fóssil, mas aqueles lá não são. [fósseis]<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Todas as sentença desta seção são possíveis com o verbo *ser* elíptico, ou seja, não pronunciado, como no exemplo abaixo.

- (i) O Pedro e o João são médicos e o Paulo também. [é médico]

<sup>7</sup> Jairo Nunes (c.p.) apontou que a ausência do artigo na elipse parece indicar que não há identidade com o antecedente. Uma hipótese para explicar a possibilidade dessa diferença é assumir que a presença ou não do artigo em DPs genéricos está condicionada a número. Em outras palavras, se o DP genérico for singular, como *fóssil*, o determinante é realizado como artigo indefinido, *um*; se o DP for

d. O lagarto é um réptil e os dinossauros também eram. [répteis]

Por outro lado, diferenças de gênero causam um contraste: quando o antecedente tem um NP masculino e a elipse tem um NP feminino, como em (20a), a sentença é melhor do que quando o antecedente tem um NP feminino e a elipse tem um NP masculino, como em (20b). Mesmo os falantes que aceitam a sentença em (20b) concordam que ela é pior que a sentença em (20a).

(20) a. O João é médico e a Maria também é. [médica]

b. %A Maria é médica e o João também é. [médico]

Em substantivos com a flexão de gênero um pouco menos regular do que *médico/médica*, ou seja, em que a diferença de gênero não seja a alternância *-a/-o*, verifica-se que a mudança de gênero causa mais estranhamento do que no caso de flexão de gênero regular. Os exemplos em (21) ilustram esse contraste, em que o símbolo ?% significa que alguns falantes acham a sentença inaceitável e outros, aceitável mas marginal.

---

plural, como *fósseis*, o determinante é nulo. Assim, tanto no antecedente quanto na elipse o que existe é um determinante não valorado. Note que essa explicação só é válida para DPs genéricos, que presumivelmente têm um tipo diferente de determinante. Nos casos aqui em questão, os DPs genéricos são possíveis também sem o determinante, como em (i).

- (i) a. Esse é fóssil, mas aqueles não são.  
b. O lagarto é réptil e os dinossauros também eram.

Além disso, o uso de um artigo definido não permite que o elemento elíptico em (ii) seja interpretado como plural tendo o antecedente singular, mostrando que esse tipo de DP funciona diferentemente dos DPs genéricos.

- (ii) Aquele é o fóssil do pterodátilo, mas aqueles lá não são. [o fóssil do pterodátilo] [\*os fósseis do(s) pterodátilo(s)]

(21) a. O João é cantor e a Maria também é. [cantora]

b. \*A Maria é cantora e o João também é. [cantor]

Em (21a), assim como em (20a), a sentença é aceitável com o masculino no antecedente e o feminino na elipse. Por outro lado, (21b), com o feminino no antecedente e o masculino na elipse, é ainda pior que (20b).

Conforme as flexões ficam menos regulares, pior é a aceitabilidade das sentenças com gêneros diferentes no NP do antecedente e da elipse. Em (22), com o par *ator/atriz*, mesmo o masculino no antecedente e o feminino na elipse, como em (22a), já causam estranhamento. O exemplo em (22b), por sua vez, é claramente pior que os exemplos em (20b) e (21b), e (23a) é ainda pior que (22a).

(22) a. \*O Tarcísio Meira é ator e a Regina Duarte também é. [atriz]

b. \*A Regina Duarte é atriz e o Tarcísio Meira também é. [ator]

(23) a. \*Aquele senhor é barão e aquela senhora também é. [baronesa]

b. \*Aquela senhora é baronesa e aquele senhor também é. [barão]

No caso de formas totalmente diferentes no feminino e no masculino, como o par *pai/mãe*, nenhuma das duas ordens, feminino no antecedente e masculino na elipse ou masculino no antecedente e feminino na elipse resulta em uma sentença aceitável. (24a-b) são totalmente inaceitáveis para todos os falantes, sendo difícil até mesmo lhes atribuir uma possível interpretação.

- (24) a. \*O João já é pai e a Maria também já é. [mãe]  
 b. \*A Maria já é mãe e o João também já é. [pai]  
 c. \*O João é cavaleiro e a Maria também é. [amazona]  
 d. \*A Maria é amazona e o João também é. [cavaleiro]  
 e. \*Aquele rapaz é meu genro e aquela moça também é. [minha nora]  
 f. \*Aquela moça é minha nora e aquele rapaz também é. [meu genro]

Em inglês, a mesma alternância pode ser verificada. A diferença de número no antecedente e na elipse, como em (25), não afeta a aceitabilidade das sentenças. Já a diferença de gênero, como em (26), causa mais estranhamento quando o antecedente é feminino e a elipse masculina. (27) mostra que com formas totalmente diferentes, é igualmente inaceitável ter o feminino no antecedente ou na elipse.

- (25) a. Mickey is a mouse, but Donald and Daisy aren't. [mice]  
 b. John and Mary are children, but Peter isn't. [a child]
- (26) a. ??John is an actor and Mary is too. [an actress]  
 b. \*Mary is an actress and John is too. [an actor]
- (27) a. \*John is my nephew and Mary is too. [my niece]  
 b. \*Mary is my niece and John is too. [my nephew]

Os quadros abaixo resumem as possibilidades de interação entre as flexões do

antecedente e da elipse apresentadas acima. O símbolo ✓ indica uma sentença possível.

(28) Número

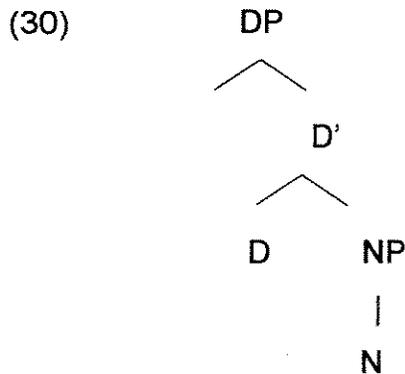
ANTECEDENTE	ELIPSE	JULGAMENTO
singular	plural	✓
plural	singular	✓

(29) Gênero

TIPO DE ALTERNÂNCIA	ANTECEDENTE	ELIPSE	JULGAMENTO
médico/médica	masculino	feminino	✓
	feminino	masculino	%
cantor/cantora	masculino	feminino	✓
	feminino	masculino	?%
ator/atriz	masculino	feminino	??
	feminino	masculino	*
barão/baronesa	masculino	feminino	*
	feminino	masculino	*
pai/mãe	masculino	feminino	*
	feminino	masculino	*

O quadro em (28) mostra que as diferenças de número no antecedente e na elipse não influem nos julgamentos. Por outro lado, o quadro em (29) deixa claro que quanto mais irregular é o paradigma, pior é a aceitação das diferenças, sendo que sentenças com o masculino no antecedente e feminino na elipse são mais aceitas que sentenças com o feminino no antecedente e o masculino na elipse.

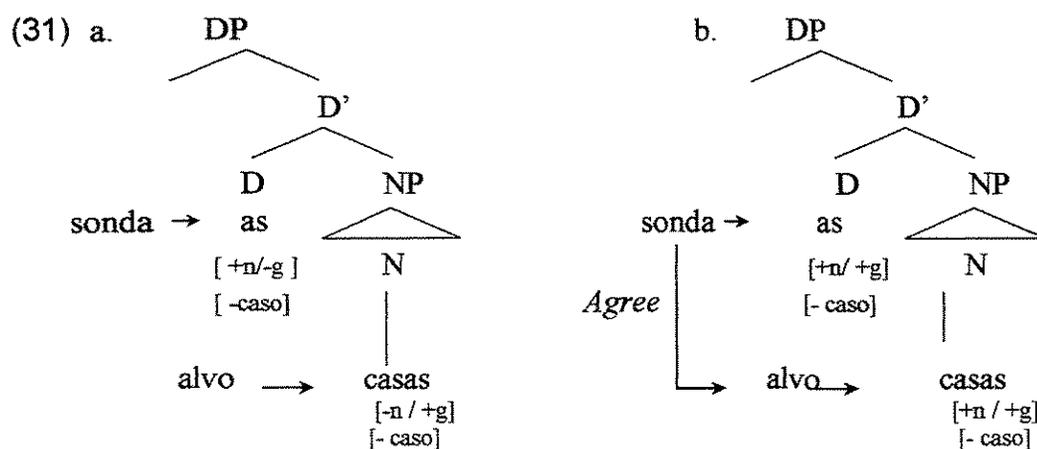
Uma hipótese morfossintática para explicar a diferença de aceitabilidade envolvendo gênero e número diz respeito à distribuição de traços interpretáveis e não-interpretáveis entre a sonda e o alvo dentro do DP. Abaixo está um modelo de um DP.



Magalhães (2002) assume, baseando-se na proposta e em evidências apresentadas por Abney (1987), que D possui traços de número interpretáveis e de gênero não-interpretáveis, enquanto que o nome possui traços de gênero interpretáveis e de número não-interpretáveis. Tomando por base a valoração de traços formais em construções participiais proposta por Chomsky (1999), a autora propõe que a checagem dos traços internos a DP se dá em duas etapas, sendo que na primeira os

traços- $\phi$  são valorados e na segunda o Caso é valorado.<sup>8</sup>

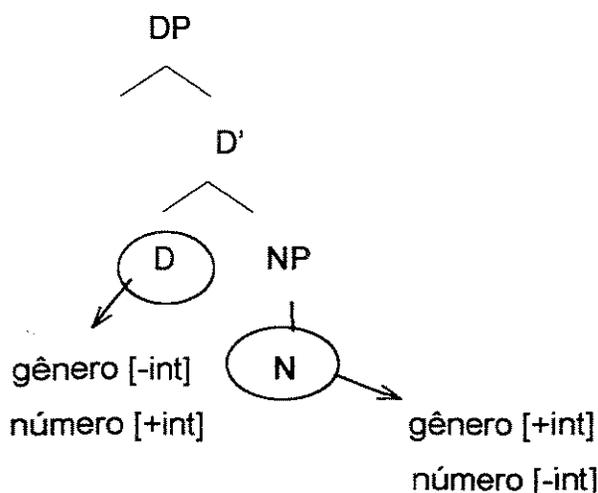
Na etapa de valoração dos traços- $\phi$ , D, que funciona como sonda, concorda com o nome e, através da operação *Agree*, valora seu próprio traço de gênero. Ao mesmo tempo, o traço de número do nome também é valorado. Abaixo está um esquema de como ocorre essa etapa (Magalhães 2002), sendo que *n* é o traço de número e *g* o traço de gênero.



A consequência desta hipótese é que o valor do afixo de número do nome é determinado no curso da derivação, enquanto que o valor do afixo de gênero já vem determinado. Ao entrar na derivação, um nome como *médicos* tem a configuração mostrada em (32), com um afixo com traço de masculino já especificado e um afixo de número não valorado.

<sup>8</sup> Para a presente discussão, apenas a valoração dos traços- $\phi$  será relevante. Para a valoração dos traços de Caso, ver Magalhães (2002).

(32) médicos = *médic-* + masc. + affNum



Assim, essa análise prevê que diferenças de número entre o antecedente e a elipse não resultem em sentenças inaceitáveis, pois tanto o antecedente quanto a elipse terão um nome com afixo de número não valorado ao entrar na derivação. Já quanto ao gênero, as diferenças aparecem porque o nome entra na derivação com o afixo já valorado.

Há mais um contraste ligado a gênero nas elipses. Uma forma masculina no antecedente licencia uma elipse com uma forma feminina, mas o inverso não é verdadeiro, ou seja, uma forma feminina no antecedente não licencia uma forma masculina na elipse, como mostra o contraste em (21), repetido abaixo como (33).

- (33) a. O João é cantor e a Maria também é. [cantora]  
 b. ?%A Maria é cantora e o João também é. [cantor]

Uma hipótese para explicar essa diferença está ligada a problemas de processamento. A forma masculina pode ser considerada a forma neutra da língua, e

por isso é mais facilmente resgatada na elipse em (33a). Já em (33b), a forma feminina já é marcada, e é mais difícil resgatá-la na elipse. Tal hipótese pode ser reforçada através dos exemplos em (34a-b), que melhoram consideravelmente suas contrapartes em (21b) e (22b) através da adição de mais uma elipse que não necessariamente identifique o gênero do falante. Através dessa adição, os nomes femininos *cantora* e *atriz* ficam mais distantes das elipses masculinas, melhorando a aceitabilidade das sentenças.

(34) a. Aquela mulher é cantora, eu também sou, e o Pedro também é.

b. ?Aquela moça é atriz, eu também sou e o Pedro também é.

No entanto, tal estratégia não melhora sentenças com flexão de gênero bastante irregular, como em (35).

(36) a. \*O João já é pai, eu também sou e a Maria também é.

b. \*A Maria já é mãe, eu também sou e o João também é.

Em pares irregulares, como *pai/mãe* ou *genro/nora*, não há uma forma neutra, e por isso a variação de gênero no antecedente e na elipse nunca é aceita.

### **5.2.2. Caso em lacunas parasitas e construções ATB em polonês**

Outra evidência para a análise de elipses através de *Agree* está nas construções com lacunas parasitas e *across-the-board* (ATB) em polonês.<sup>9</sup> Bondaruk (a sair) apresenta a proposta de Dyla (1984) sobre os requerimentos que construções com lacunas parasitas e ATB precisam ter, reproduzidos abaixo em (37) (de Bondaruk a sair, tradução minha).

- (37) (i) é preciso que seja atribuído o mesmo Caso abstrato às lacunas  
(ii) a forma morfológica do(s) caso(s) superficiais que instancia(m) o Caso atribuído às lacunas precisa ser a mesma.

A autora também menciona a análise de Franks (1993, 1995) que diz que a noção de Caso abstrato é irrelevante, sendo que a identidade deve ser com o caso morfológico. O exemplo em (38) contém uma diferença de Caso que torna as sentenças inaceitáveis.

- (38) a. \* Komu wysłałeś list *t* zanim spotkałeś *e* na ulicy?  
who you-sent letter DAT before you-met ACC in street

'Who did you send a letter to before you met in the street?'

- b. \* Komu najpierw wysłałeś list*f* *0* a potem spotkałeś *t* na ulicy?  
who first you-sent letter DAT and then you-met ACC in street

'Who did you first send a letter to and then met in the street?'

---

<sup>9</sup> Agradeço a Jairo Nunes (c.p.) por ter me chamado a atenção para esse fato.

Já em (39) (de Bondaruk a sair), as duas lacunas são instâncias de Caso Objetivo, satisfazendo a condição (37i). O pronome *kogo* ('quem') representa a forma sincrética de Acusativo e Genitivo do pronome *kto* ('quem'), satisfazendo a condição (37ii).

(39) *Kogo Janek lubi t a Jerzy nienawidzi t?*  
 who John likes and George hates

'Who does John like and George hate?'

No entanto, Bondaruk aponta que nem sempre construções com lacunas parasitas e ATB respeitam esse requerimento de identidade de caso. Os exemplos abaixo, de Bondaruk (a sair), mostram que as lacunas possuem casos diferentes, e mesmo assim as sentenças são aceitáveis.

(40) a. *Którą książkę obejrzał t nie zabierając e?*  
 which book he-looked-through ACC not taking GEN

'Which book did he look through without taking?'

b. *Którą książkę obejrzał t a nie zabrał t?*  
 which book he-looked-through ACC but not took GEN

'Which book did he look through and didn't take?'

(41) a. *Którego artykułu Piotr nie odłożył t żeby móc  
 which paper Peter not put-away GEN so-as to-be-able  
 dokładnie przeanalizować e?  
 thoroughly to-analyse ACC*

'Which paper did Peter not put away so as to be able to analyse thoroughly?'

b. Którego artykułu Piotr nie odłożył *t* a dokładnie  
which paper Peter not put-away GEN but thoroughly

przeanalizował *t*?  
analysed ACC

'Which paper did Peter not put away but analysed thoroughly?'

Tanto em (40) quanto em (41), o Caso da lacuna real é diferente do Caso da lacuna parasita, e mesmo assim as sentenças são aceitáveis em polonês, contrariando Dyla (1984) e Franks (1995). Por outro lado, Bondaruk aponta que essa possibilidade de diferença de Caso só é possível com acusativo e genitivo de negação. Ela propõe que no nível do Caso abstrato, o acusativo e o genitivo de negação sejam o mesmo Caso e suas diferenças sejam no nível da morfologia.<sup>10</sup>

Em polonês, assim como em outras línguas eslavas, o objeto de um verbo aparece no acusativo em uma sentença declarativa e com marca de genitivo em sentenças negativas. Esse fenômeno está exemplificado em (42), reproduzido de Przepiórkowski (1997:309).

(42) a. Janek wspiera Mariê.  
John<sub>nom</sub> supports Mary<sub>acc</sub>

'John supports Mary.'

---

<sup>10</sup> Bondaruk explica que o genitivo das sentenças em (40) decorre da negação presente na oração subordinada e não é efeito das propriedades de subcategorização do verbo *zabrać* ("levar"), que tipicamente requer Caso acusativo.

b. Janek nie wspiera Marii.  
John<sub>nom</sub> not supports Mary<sub>gen</sub>

‘John doesn’t support Mary.’

Essa alternância só se dá entre acusativo e genitivo da negação, não ocorrendo com outros Casos, como mostrado por Przepiórkowski (1997:309) e reproduzido em (43) com complementos com Caso dativo.

(43) a. Janek pomaga Tomkowi.  
John<sub>nom</sub> helps Tom<sub>dat</sub>

‘John helps Tom.’

b. Janek nie pomaga Tomkowi.  
John<sub>nom</sub> not helps Tom<sub>dat</sub>

‘John doesn’t help Tom.’

Se considerarmos que os traços de Caso entram na derivação não valorados, podemos dizer que através de *Agree* o contexto de afirmação valoriza o caso do objeto como acusativo e o da negação o valoriza como genitivo. Ao entrar na derivação, a sentença em (42a) tem a estrutura resumida em (44), em que CASO significa caso não-valorado.

(44) [TP [TT [DP Jan-CASO]] [VP [v wspiera [DP Mari-CASO]]]]

Depois de *Agree*, T valoriza o caso do sujeito como nominativo e v valoriza o caso do objeto como acusativo. Uma vez valorados os casos, a morfologia os lê como os afixos

de caso relevantes, resultando na sentença em (45).

- (45) Janek wspiera Mariê.  
John<sub>nom</sub> supports Mary<sub>acc</sub>  
'John supports Mary.'

Já na presença da negação, o caso que v valoraria como acusativo é valorado como genitivo, como mostra o exemplo em (46).

- (46) Janek nie wspiera Marii.  
John<sub>nom</sub> not helps Tom<sub>dat</sub>  
'John doesn't help Tom.'

Assim, as alternâncias verificadas nos casos de lacunas parasitas e construções ATB também podem ser explicadas através de *Agree*: na afirmação, a lacuna tem seu Caso valorado como acusativo, e na negação como genitivo. Já que os outros Casos não apresentam essa alternância em contextos abertos, pois não dependem de a sentença ser afirmativa ou negativa também não a apresentam em contextos de lacunas parasitas e construções ATB.

### 5.2.3. Itens de Polaridade Negativa e Positiva

Esta seção analisa os contrastes em (47) e (48).

(47) a. O João não tem nenhum dinheiro, mas a Maria tem.

b. \*A Maria tem nenhum dinheiro.

(48) a. \*O João não tem um tostão furado, mas a Maria tem.

b. \*O João tem um tostão furado.

Em (47b) a sentença afirmativa não é possível com o quantificador universal *nenhum*, mas é possível com o VP elidido, como em (47a). Por outro lado, nem mesmo a elipse em (48a) licencia a presença do item de polaridade negativa *um tostão furado* em contexto afirmativo. Tais contrastes podem ser explicados através da proposta envolvendo *Agree* apresentada no capítulo anterior.

#### 5.2.3.1. Realização morfológica de alguns quantificadores

Em primeiro lugar, apresentarei uma proposta envolvendo *Agree* para a realização morfológica de quantificadores como *algum* e *nenhum*.

Em sua análise sobre negação, Klima (1964) faz um paralelo entre sentenças interrogativas e negativas. Para as interrogativas, propõe que tenham dois

componentes em Estrutura-D: um constituinte *wh* pré-sentencial e um constituinte indefinido que corresponde a *something*. Movimento-Wh, para Klima (1964:253), é o movimento desse constituinte indefinido para o *wh*, como no esquema abaixo.

(49) *wh* – somebody – Predicate  $\Rightarrow$  *wh*+somebody – Predicate

*wh* – Nominal – Aux – Verb – something  $\Rightarrow$  *wh*+something – Nominal – Aux – Verb

Em (49), os indefinidos *somebody* e *something* movem-se para o constituinte *wh*, resultando nas formas *who* e *what* respectivamente. Haegeman (1995:84) aponta que na terminologia atual, o constituinte *wh* de Klima pode ser reinterpretado como um núcleo funcional com um traço *wh*.

Klima (1964:296-297) propõe que a negação também tenha dois componentes: um constituinte pré-sentencial *neg* e um constituinte indefinido c-comandado por *neg*.<sup>11</sup> Os seguintes exemplos mostram como a estrutura de constituinte de *neg* é relacionada à de *wh*.

(50) a. *Who* (*wh* + someone) will accept suggestions?

b. *No one* (*neg* + anyone) will accept suggestions.

c. *When* (*wh* + sometime) will he marry again?

d. *Never* (*neg* + ever) will he marry again.

Klima (1964:313) também propõe que tanto *neg* quanto *wh* contêm um traço

---

<sup>11</sup> Na verdade, Klima usa a relação “em construção com” (*in construction with*), que é o inverso da relação de c-comando. Assim, se  $\beta$  está em construção com  $\alpha$ , quer dizer que  $\alpha$  c-comanda  $\beta$ . Para detalhes sobre o conceito “em construção com” ver Klima (1964:297).

gramático-semântico em comum, que ele chama de *Affect(ive)*. O autor completa que qualquer quantificador em construção com, ou seja, c-comandado por um constituinte que contenha o traço *Affect* vai aparecer como um indefinido. Além de *neg* e *wh*, Klima (1964:314) aponta outros elementos que se comportam como *wh* e *neg*, que ele chama de *adversativos*, como por exemplo *it is absurd to*, *it is difficult to*, *to refuse* e *to deny*. Segundo Haegeman (1995:90), esses elementos afetivos opõem-se a elementos factivos como *regret*. Elementos factivos pressupõem a verdade de seus complementos, enquanto que verbos afetivos não. Abaixo estão exemplos (Klima 1964:314) contrastando elementos afetivos e factivos. Note que elementos afetivos licenciam quantificadores indefinidos, enquanto que os factivos não.

(51) a. I am *surprised* that he *ever* speaks to her.

b. I am *sure* that he *\*ever/sometimes* speaks to her.

(52) a. He was *reluctant* to see *any* more patients.

b. He was *anxious* to see *some* more patients.

A análise de Klima pode ser reinterpretada dentro de um modelo usando *Agree*, se considerarmos que elementos afetivos funcionam como sonda e indefinidos funcionam como alvo. Uma relação de concordância é estabelecida através de *Agree*, e alguns dos indefinidos podem ser realizados como elementos negativos, como por exemplo *neg* + *anyone* que é realizado como *no one*.

Em uma análise que também pressupõe um elemento indefinido sob escopo da

negação, Uriagereka (1994:4) propõe que os quantificadores *some* e *any* podem ser realizações fonológicas do mesmo quantificador existencial usado em contextos diferentes. Para ilustrar sua hipótese, usa o caso de elipse em (53).

- (53) a. John doesn't have any money, but Bill does.  
b. \* John doesn't have any money, but Bill does have any money.

O autor mostra que quando não há elipse, como em (53), a sentença afirmativa não licencia *any*. Portanto, em (53), que é possível, não pode haver *any* no local da elipse.<sup>12</sup> O quantificador presente na elipse, então, deve ser interpretado como *some*. O mesmo exemplo tem seu correspondente em português, como mostrado em (54).

- (54) a. O João não tem nenhum dinheiro, mas a Maria tem.  
b. \*O João não tem nenhum dinheiro, mas a Maria tem nenhum dinheiro.

A sentença sem a elipse tampouco é possível em casos em que o antecedente é afirmativo e a elipse negativa, como ilustrado em (55).

- (55) a. O João tem algum dinheiro, mas a Maria não tem.  
b. \*O João tem algum dinheiro, mas a Maria não tem algum dinheiro.

A aceitabilidade da sentença com o quantificador elidido é para Uriagereka um

---

<sup>12</sup> A elipse em (53a) é um caso de anáfora superficial, por ser elipse de VP, o que significa que tal elipse tem conteúdo sintático.

indício de que o tanto o antecedente quanto a elipse têm o mesmo quantificador, um 'arquideterminante' SOME que é realizado diferentemente na presença da negação.

A hipótese de que tanto *some* quanto *any* sejam um 'arquideterminante' é compatível com a presente análise se interpretarmos *any* e *some* como um mesmo quantificador existencial não valorado que é realizado como *any* em contextos negativos e como *some* em contextos afirmativos. Assim, tanto no local da elipse quanto em seu antecedente haverá um quantificador idêntico e, por haver identidade, a elipse é licenciada. Um esquema da derivação está em (56) e (57), sendo que *Quant* significa um quantificador existencial não valorado.

(56) a. John doesn't have [*Quant*] money, but Bill does have [*Quant*] money.

b. John doesn't have [any] money, but Bill does have [some] money.

(57) a. O João não tem [*Quant*] dinheiro, mas a Maria tem [*Quant*] dinheiro.

b. O João não tem [nenhum] dinheiro, mas a Maria tem [algum] dinheiro.

Assim como nas elipses verbais, essa análise é compatível com a Morfologia Distribuída, já que pressupõe que não haja traços fonológicos nos quantificadores existenciais e que esses traços sejam inseridos no momento da inserção de itens de vocabulário, depois de *Spell-Out*.

Em português, é possível notar um paradigma morfológico com relação a esses quantificadores, como nos exemplos abaixo.

- (58) a. O João tem algo.  
b. O João não tem nada.

- (59) a. O João tem algum problema.  
b. O João não tem nenhum problema.

- (60) a. O João falou com alguém.  
b. O João não falou com ninguém.

Em (58) a (60), nota-se que em contexto afirmativo, o quantificador existencial toma a forma de *a/-* e em contexto negativo toma a forma de *n-*. Esse paradigma pode ainda ser observado nas formas hoje em desuso *alhures* e *nenhures*.

Além disso, o mesmo tipo de contraste de *some* e *any* nas elipses pode ser observado com os advérbios *already* e *yet*, como nos exemplos em (61).

- (61) a. John hasn't done it yet, but Mary has.  
b. \*Mary has done it yet.  
c. Mary has done it already.

- (62) a. John has already done it, but Mary hasn't.  
b. \*Mary hasn't done it already.  
c. Mary hasn't done it yet.

Assim como nos casos com *some* e *any*, o advérbio no local da elipse não pode ser *yet*, pois a sentença afirmativa não licencia *yet*, que requer contexto negativo, como mostrado em (61b). Portanto, em contextos afirmativos, o advérbio é realizado como *already*, como em (61c). Do mesmo modo, (62b) mostra que *already* não é possível em contexto negativo, sendo que o advérbio deve ser realizado como *yet*, como em (62c).

### 5.2.3.2. Itens de polaridade negativa

Esta seção mostra como itens de polaridade negativa são licenciados, introduzindo a discussão do contraste entre (47) e (48), repetidos abaixo como (63) e (64) respectivamente.

(63) a. O João não tem nenhum dinheiro, mas a Maria tem.

b. \*A Maria tem nenhum dinheiro.

(64) a. \*O João não tem um tostão furado, mas a Maria tem.

b. \*O João tem um tostão furado.

O principal licenciador de concordância negativa e itens de polaridade negativa é a negação, como nos exemplos em (65), mas não é o único.

(65) a. O João não tem nenhum amigo.

b. A Maria não tem um tostão furado.

Ladusaw (1980:7) propõe que uma expressão de polaridade negativa só é aceitável se for interpretada no escopo de uma expressão de acarretamento descendente (*downward entailing*). Os exemplos (66)-(77), de Larson (1990:35-36), ilustram casos de acarretamento descendente e ascendente. Os exemplos com a letra *b* são sempre uma inferência dos exemplos com a letra *a*. O símbolo # indica uma inferência inválida.

Analisemos primeiramente os casos envolvendo *every*.

(66) a. Every man runs.

b. Every tall man runs.

(67) a. Every tall man runs.

b. #Every man runs.

(68) a. Every man likes a green vegetable.

b. #Every man likes spinach.

(69) a. Every man likes spinach.

b. Every man likes a green vegetable.

(66) e (67) envolvem o primeiro argumento do quantificador, o sujeito, enquanto que (68) e (69) envolvem o segundo argumento, ou seja, o VP. Em (66) e (67), a inferência

é válida para o primeiro argumento (o sujeito) quando um elemento mais específico (*tall man*) substitui um elemento menos específico (*man*), ou seja, quando um elemento é substituído por um subconjunto seu. Já para o segundo argumento, o VP, a generalização é inversa, ou seja, não é possível inferir um elemento mais específico (*spinach*) a partir de um menos específico (*a green vegetable*), como em (68), mas é possível inferir um elemento menos específico a partir de um mais específico, como em (69). Em outras palavras, *every* traz acarretamento descendente ao primeiro argumento do verbo, mas ascendente em seu segundo argumento.

Os exemplos (70)-(73) mostram que *few* resulta em acarretamento descendente em ambos os argumentos.

(70) a. Few men run.

b. Few tall men run.

(71) a. Few tall men run.

b. #Few men run.

(72) a. Few men like a green vegetable.

b. Few men like spinach.

(73) a. Few men like spinach.

b. #Few men like a green vegetable.

Tanto no primeiro quanto no segundo argumento do verbo, só são possíveis as inferências que substituem um elemento menos específico (*men, a green vegetable*) por um mais específico (*tall men, spinach*).

*Some*, por sua vez, ao contrário de *few*, causa sempre acarretamento ascendente, como mostram os exemplos (74)-(77).

(74) a. *Some man runs.*

b. *#Some tall man runs.*

(75) a. *Some tall man runs.*

b. *Some man runs.*

(76) a. *Some man likes a green vegetable.*

b. *#Some man likes spinach.*

(77) a. *Some man likes spinach.*

b. *Some man likes a green vegetable.*

Tanto no primeiro quanto no segundo argumento, só são possíveis as inferências que substituem um elemento mais específico (*tall men, spinach*) por um menos específico (*men, a green vegetable*).

Os exemplos em (78) a (80), de Larson (1990:37), mostram a interação de *every*, *few* e *some* com itens de polaridade negativa.

(78) a. Every [person who has ever visited Boston] has returned to it.

b. \*Every [person who has visited Boston] has ever returned to it.

(79) a. Few [persons who have ever visited Boston] have returned to it.

b. Few [persons who have visited Boston] have ever returned to it.

(80) a. \*Some [person who has ever visited Boston] has returned to it.

b. \*Some [person who has visited Boston] has ever returned to it.

Como mostrado em (66), *every* causa acarretamento descendente no primeiro argumento, mas ascendente no segundo argumento. Como mencionado acima, acarretamento descendente significa que um elemento mais específico pode substituir um elemento menos específico e resultar numa inferência adequada. Assim, (78a) é possível, enquanto que (78b) é inaceitável. Já *few* causa acarretamento descendente em ambos os argumentos, como mostrado em (70), e por isso tanto (79a) quanto (79b) são possíveis. Por outro lado, *some* causa sempre acarretamento ascendente, como mostrado em (74), e por isso nem (80a) nem (80b) são possíveis.

### **5.2.3.3. Expressões inerentemente negativas**

Como Uriagereka (1994:4) aponta, expressões idiomáticas não permitem elipses correspondentes aos casos com *some* e *any* mostrados em (53), repetidos abaixo

como (81).

(81) a. John doesn't have any money, but Bill does.

b. \* John doesn't have any money, but Bill does have any money.

Abaixo está um exemplo (Uriagereka 1994:4) com uma expressão idiomática.

(82) a. \*John doesn't have a red cent, but Bill does.

b. \* John doesn't have a red cent, but Bill does have a red cent.

c. \*John has a red cent.

O mesmo efeito pode ser observado em outras expressões inerentemente negativas tanto em português quanto em inglês, como nos exemplos (83)-(89) abaixo.

(83) a. \*O João não tem um tostão furado, mas a Maria tem.

b. \*O João tem um tostão furado.

(84) a. \*Esse livro não deu nem pro cheiro, mas aquele outro deu.

b. \*Aquele outro deu pro cheiro.

(85) a. \*Aquele lanche não deu nem pra encher o buraco do dente, mas a feijoadá deu.

b. \*A feijoadá deu pra encher o buraco do dente.

(86) a. \*Ele não dá a mínima, mas ela dá.

b. \*Ela dá a mínima.

(87) a. \*Rhett doesn't give a damn, but Scarlett does.

b. \*Scarlett gives a damn.

(88) a. \*John didn't lift a finger, but Mary did.

b. \*Mary lifted a finger.

(89) a. \*John didn't budge an inch, but Mary did.

b. \*Mary budged an inch.

Em todos esses exemplos, a elipse nos exemplos de letra a corresponde às sentenças de letra b, e por isso as sentenças são todas inaceitáveis.<sup>13</sup>

Expressões inerentemente negativas, como as expressões idiomáticas em (83)-(89), funcionam como os itens de polaridade negativa mostrados na seção 5.2.3.2, ou seja, são licenciadas em contexto de acarretamento descendente. Por exemplo, (90) mostra que a expressão *ter um tostão furado* não é licenciada em uma sentença afirmativa, mas é possível em uma sentença condicional.

---

<sup>13</sup> As sentenças (83)-(89) são inaceitáveis em seu sentido idiomático, mas são possíveis se tomadas literalmente. Por exemplo, (83) é possível se significar que o João não tem uma moeda com um furo e a Maria tem uma moeda com um furo.

(90) a. \*A Maria tem um tostão furado.

b. Se a Maria tivesse um tostão furado, teria ajudado o mendigo.

Sentenças condicionais afirmativas são contextos de acarretamento descendente, como mostram os exemplos em (91) e (92).

(91) a. Se a Maria tivesse comido verdura, estaria melhor.

b. Se a Maria tivesse comido espinafre, estaria melhor.

(92) a. Se a Maria tivesse comido espinafre, estaria melhor.

b. #Se a Maria tivesse comido uma verdura, estaria melhor.

A sentença em (91b) pode ser inferida da sentença em (91a), mas a sentença em (92b) não é uma inferência válida de (92a). Em outras palavras, ao substituir um conjunto por um subconjunto obtém-se uma inferência válida, mas não vice-versa. Isso mostra que sentenças condicionais são casos de contexto de acarretamento descendente.

As sentenças nos exemplos de (82)-(89) são todas possíveis com condicionais, como nos exemplos (93)-(100).

(93) John doesn't have a red cent, but if he did ~~have a red cent~~, he would have helped you.

(94) O João não tem um tostão furado, mas mesmo que ele tivesse um tostão furado, ele não daria gorjeta.

(95) Esse livro não deu pro cheiro, mas mesmo se tivesse dado ~~pro cheiro~~, eu não teria ficado com ele.

(96) Aquele lanche não deu nem pra encher o buraco do dente, mas eu na verdade me surpreenderia se tivesse dado ~~pra encher o buraco do dente~~.

(97) Ele não dá a mínima, mas se desse ~~a mínima~~, não iria adiantar.

(98) Rhett doesn't give a damn, but if Scarlett did ~~give a damn~~ he might have stayed.

(99) John didn't lift a finger, but even if he had ~~lifted a finger~~, it wouldn't have made a difference.

(100) John didn't budge an inch, but if he had ~~budded an inch~~, his wife would have been happier.

Em suma, expressões inerentemente negativas são licenciadas nos mesmos contextos que outros itens de polaridade negativa. No entanto, sentenças afirmativas que não licenciam itens de polaridade negativa podem conter elipses que tenham *any* ou *nenhum* como antecedente, e isso não é possível com expressões inerentemente negativas. Com essas expressões, mesmo as sentenças com elipses precisam licenciar itens de polaridade negativa. Portanto, é preciso explicar por que as elipses

que não licenciam itens de polaridade negativa são possíveis com *any* ou *nenhum*, mas não são possíveis com expressões inerentemente negativas.

A derivação de elipses envolvendo *any* e *nenhum* foi apresentada em (56) e (57), e está repetida em (101) e (102).

(101) a. John doesn't have [*Quant*] money, but Bill does have [*Quant*] money.

b. John doesn't have [any] money, but Bill does have [some] money.

(102) a. O João não tem [*Quant*] dinheiro, mas a Maria tem [*Quant*] dinheiro.

b. O João não tem [nenhum] dinheiro, mas a Maria tem [algum] dinheiro.

Para essa análise, é necessário que o elemento que virá a ser realizado como *any* ou *nenhum* esteja valorado, mas ainda não tenha sido realizado morfológicamente, no ponto da derivação em que a identidade é computada para o licenciamento das elipses. Portanto o que está tanto no antecedente quanto no local da elipse não é *any* ou *nenhum*, mas sim um quantificador sem traços morfofonológicos, que mais tarde a morfologia realiza como *any* ou *nenhum*.

Expressões inerentemente negativas, por outro lado, presumivelmente já entram na derivação com valor negativo, e por isso são sempre negativas, não havendo nenhum ponto da derivação em que não tenham valor. Segundo Chomsky (1999), se um traço é interpretável, significa que já está valorado. Nos casos de expressões inerentemente negativas, os traços negativos já estão valorados. Assim, não há nenhum momento da derivação em que possam aparecer em um contexto afirmativo.

O fato de expressões idiomáticas inerentemente negativas entrarem na derivação com traços negativos já valorados e mesmo assim funcionarem como alvo de *Agree* por uma sonda com valor negativo parece ser redundante. Em outras palavras, se uma expressão já é inerentemente negativa, parece não haver a necessidade de ela ser valorada por *Agree*. Jairo Nunes (c.p.) sugere que além de não serem interpretadas composicionalmente, expressões idiomáticas são também marcadas com respeito à correlação entre interpretabilidade e valoração. Em outras palavras, itens com polaridade inerentemente especificada são valorados para efeito da morfologia, mas possuem traços não-interpretáveis em relação a LF. A operação *Agree*, nesse caso, apenas eliminaria esses traços não-interpretáveis da computação sintática. Consideremos a sentença em (103).

(103) O João não tem um tostão furado.

O DP *um tostão furado* tem um traço negativo inerentemente valorado em termos morfológicos, mas não-interpretável para LF. A operação *Agree* elimina esse traço não-interpretável, o que é possível devido ao fato de a expressão estar em um contexto de acarretamento descendente. Já em (104), onde *um tostão furado* não está em contexto de acarretamento descendente, *Agree* não elimina o traço não-interpretável do DP, e a derivação fracassa em LF.

(104) \*A Maria tem um tostão furado.

Um aparente contra-exemplo para a análise que prevê que expressões inerentemente negativas não podem aparecer em sentenças afirmativas está no uso do *sim* no local da elipse, exemplificado no contraste em (105).

- (105) a. \*O João não deu nenhum pio, mas a Maria deu.  
b. O João não deu nenhum pio, mas a Maria sim.

Na verdade, todos os exemplos inaceitáveis em português de (83) a (86) melhoram consideravelmente com *sim*, como mostrado em (106) a (108).

- (106) a. \*Esse livro não deu nem pro cheiro, mas aquele outro deu.  
b. Esse livro não deu nem pro cheiro, mas aquele outro sim.

- (107) a. \*Aquele lanche não deu nem pra encher o buraco do dente, mas a feijoada deu.  
b. Aquele lanche não deu nem pra encher o buraco do dente, mas a feijoada sim.

- (108) a. \*Ele não dá a mínima, mas ela dá.  
b. Ele não dá a mínima, mas ela sim.

A primeira hipótese a ser levantada é a de que o *sim* seja um caso de anáfora profunda, e por isso as sentenças são aceitáveis. No entanto, a possibilidade de haver

um antecedente ausente nas anáforas indica que são casos de anáforas superficiais (cf. seção 2.1), como mostra (109).

- (109) a. O João nunca andou de camelo, mas o Pedro sim ~~andou de camelo~~, e disse que ele fedia muito.
- b. A Maria nunca fez uma lição, mas a Joana sim ~~fez uma lição~~, e achou ela muito difícil.

Em (109a), *ele* pode ter seu antecedente em *camelo* da oração anterior. Em (109b), *ela* pode ter seu antecedente em *uma lição* da oração anterior. Esses fatos mostram que as elipses com *sim* são casos de anáforas superficiais, ou seja, têm conteúdo sintático.

O tipo de elipse das sentenças (105)-(108), denominado *pseudostripping* por Depiante (2000, 2001), é analisado por ela como apagamento de IP com um núcleo  $\Sigma$  para apoiar um afixo que ficaria órfão. A projeção  $\Sigma P$ <sup>14</sup> foi proposta por Laka (1990) como uma projeção funcional que pode ser instanciada como um sintagma negativo, em sentenças negativas, ou afirmativo, em sentenças afirmativas com ênfase. Depiante (2000, 2001) assume que  $\Sigma P$  domina IP em espanhol. A seguir estão exemplos de Depiante (2000:124-125, 127) envolvendo *pseudostripping* em espanhol, seguidos de sua análise.

- (110) a. Ana leyó El Quijote pero María no  
b. Ana no leyó El Quijote pero María sí

---

<sup>14</sup> O nome  $\Sigma$  segue da noção de Atos de Fala (*Speech Acts*), pois está relacionada ao valor de verdade da sentença.

A derivação proposta é a seguinte: em primeiro lugar, o remanescente do segundo conjunto (no caso o sujeito *María*) se move para um núcleo funcional mais alto F, codificando foco contrastivo acima de IP e de  $\Sigma P$ , como no esquema abaixo.

- (111) a. Ana leyó El Quijote pero [<sub>FP</sub> María<sub>i</sub> [ <sub>$\Sigma P$</sub>   $\Sigma$  [<sub>IP</sub> t<sub>i</sub> leyó el Quijote ] ] ]  
 b. Ana no leyó El Quijote pero [<sub>FP</sub> María<sub>i</sub> [ <sub>$\Sigma P$</sub>   $\Sigma$  [<sub>IP</sub> t<sub>i</sub> leyó el Quijote ] ] ]

Em seguida, o IP todo, e não só o VP, é apagado, como no esquema abaixo.

- (112) a. Ana leyó El Quijote pero [<sub>FP</sub> María<sub>i</sub> [ <sub>$\Sigma P$</sub>   $\Sigma$  [~~IP t<sub>i</sub> leyó el Quijote~~ ] ] ]  
 b. Ana no leyó El Quijote pero [<sub>FP</sub> María<sub>i</sub> [ <sub>$\Sigma P$</sub>   $\Sigma$  [~~IP t<sub>i</sub> leyó el Quijote~~ ] ] ]

Depiante considera  $\Sigma$  um afixo. Com o apagamento de IP,  $\Sigma$  fica órfão, violando o Filtro do Afixo Órfão de Lasnik (1981) (cf. seção 3.1). Por isso, *no* ou *sí* precisam ser inseridos para apoiar  $\Sigma$ , como mostrado abaixo.

- (113) a. Ana leyó El Quijote pero [<sub>FP</sub> María<sub>i</sub> [ <sub>$\Sigma P$</sub>  no [~~IP t<sub>i</sub> leyó el Quijote~~ ] ] ]  
 b. Ana no leyó El Quijote pero [<sub>FP</sub> María<sub>i</sub> [ <sub>$\Sigma P$</sub>  sí [~~IP t<sub>i</sub> leyó el Quijote~~ ] ] ]

Martins (1994) assume que no português europeu, assim como no espanhol,  $\Sigma P$  está acima de IP. Portanto, assumo aqui que a análise de Depiante para *pseudostripping* em espanhol é a mesma para o português brasileiro, ou seja, movimento do elemento remanescente para FP e apagamento do IP. As sentenças

contrastadas em (105), repetidas abaixo em (114), têm a estrutura em (115).

(114) a. \*O João não deu nenhum pio, mas a Maria deu.

b. O João não deu nenhum pio, mas a Maria sim.

(115) a. \*o João não deu um pio mas [<sub>IP</sub> a Maria<sub>i</sub> deu<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> deu um pio ] ]

b. o João não deu um pio mas [<sub>FP</sub> A Maria<sub>i</sub> [<sub>ΣP</sub> sim [<sub>IP</sub> t<sub>i</sub> deu um pio- ] ] ]

As sentenças com *pseudostripping* são contextos de acarretamento descendente, como mostram os exemplos abaixo.

(116) a. O João não gosta de verdura, mas a Maria sim.

b. A Maria gosta de espinafre.

(117) a. O João não gosta de espinafre, mas a Maria sim.

b. #A Maria gosta de verdura.

(116b) pode ser inferido de (116a), ou seja, um elemento mais específico pode ser inferido de um mais geral. Já (117b) não pode ser inferido de (117a), ou seja, um elemento mais geral não pode ser inferido de um mais específico. Por serem contextos de acarretamento descendente, as sentenças com *pseudostripping* podem licenciar itens de polaridade negativa.

O uso do *sim* também licencia sentenças afirmativas com expressões

inerentemente negativas em contextos de negação metalingüística. Horn (1995:134), seguindo Ducrot (1972), define negação metalingüística como “a means for objecting to a previous utterance on any grounds whatever, including (...) the way it is pronounced.” Nos exemplos (118)-(121), o falante B usa negação metalingüística.

(118) A: \_\_\_ O João não deu um pio.

B: \_\_\_ Ele deu um pio sim. / Ele deu sim. / Deu sim.

(119) A: \_\_\_ Esse livro não deu nem pro cheiro.

B: \_\_\_ Ele deu pro cheiro sim. / Ele deu sim. / Deu sim.

(120) A: \_\_\_ Aquele lanche não deu nem pra encher o buraco do dente.

B: \_\_\_ Ele deu pra encher o buraco do dente sim./Ele deu sim./Deu sim.

(121) A: \_\_\_ Ele não dá a mínima.

B: \_\_\_ Ele dá a mínima sim. / Ele dá sim. / Dá sim.

Nesses contextos de negação metalingüística, as respostas com *sim* são aceitáveis, enquanto que as respostas que repetem o verbo na forma afirmativa não são possíveis.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> As respostas que repetem o verbo na forma afirmativa são aceitáveis quando a vogal do verbo é alongada, como em (i).

(i) A: O João não deu um pio.  
B: De::u.

(122) A: \_\_\_ O João não deu um pio.

B: \_\_\_ Ele deu um pio sim. / Ele deu sim. / Deu sim.

B: \_\_\_ \*Ele deu um pio. / \*Ele deu. / \*Deu.

(123) A: \_\_\_ Esse livro não deu nem pro cheiro.

B: \_\_\_ Ele deu pro cheiro sim. / Ele deu sim. / Deu sim.

B: \_\_\_ \*Ele deu pro cheiro. / \*Ele deu. / \*Deu.

(124) A: \_\_\_ Aquele lanche não deu nem pra encher o buraco do dente.

B: \_\_\_ Ele deu pra encher o buraco do dente sim. / Ele deu sim. / Deu sim.

B: \_\_\_ \*Ele deu pra encher o buraco do dente. / \*Ele deu. / \*Deu.

(125) A: \_\_\_ Ele não dá a mínima.

B: \_\_\_ Ele dá a mínima sim. / Ele dá sim. / Dá sim.

B: \_\_\_ \*Ele dá a mínima. / \*Ele dá. / \*Dá.

Negação metalingüística com *sim*, assim como outros contextos que licenciam itens de polaridade negativa, resultam em acarretamento descendente, como mostram os exemplos (126) e (127). A sentença entre parênteses é uma inferência da resposta do falante B, e o símbolo # representa uma inferência inválida.

---

Considerarei tal alongamento correspondente a uma afirmação com ênfase, ou seja, que instancia a presença do  $\Sigma$ . Assim, a resposta do falante B pode ser analisada como os casos de *pseudostripping* discutidos acima.

(126) A: \_\_\_ O João não gosta de verdura.

B: \_\_\_ Gosta sim. (O João gosta de espinafre.)

(127) A: \_\_\_ O João não gosta de espinafre.

B: \_\_\_ Gosta sim. (#O João gosta de verdura.)

Em (126) e (127), a resposta de B só tem como inferência válida um elemento mais específico (*espinafre*) do que o elemento mencionado pelo falante A (*verdura*). Isso mostra que negação metalingüística envolvendo *sim* é um contexto de acarretamento descendente.

#### 5.2.3.4. Itens de polaridade positiva

Itens de polaridade positiva, assim como os de polaridade negativa, precisam ser licenciados em contextos específicos, por exemplo, sentenças afirmativas. (128)-(132)<sup>16</sup> mostram que itens de polaridade positiva não podem aparecer com a negação.<sup>17</sup>

(128) a. O João está com um problema danado.

b. \*O João não está com um problema danado.

---

<sup>16</sup> Os exemplos (128) a (130) são de Nunes (2001b).

<sup>17</sup> Mais à frente serão discutidos contextos em que as sentenças com itens de polaridade positiva são aceitáveis com a negação.

- (129) a. O João está com um senhor problema.  
b. \*O João não está com um senhor problema.

- (130) a. O João estuda pacas.  
b. \*O João não estuda pacas.

- (131) a. John has a hell of a problem.  
b. \*John doesn't have a hell of a problem.  
c. \*John has no hell of a problem.

- (132) a. John is dancing like crazy.  
b. \*John isn't dancing like crazy.

Como mostrado na seção anterior, itens de polaridade negativa são licenciados em contexto de acarretamento descendente. Já itens de polaridade positiva são licenciados em contextos de acarretamento ascendente. Os itens de polaridade positiva em (128)-(132) são todos subconjuntos de uma ação mais geral. Por exemplo, a expressão *estudar pacas* é um subconjunto de *estudar*. Os exemplos (133) e (134) mostram que tais itens de polaridade positiva existem em contexto de acarretamento ascendente.

- (133) a. O João estuda.  
b. #O João estuda pacas.

(134) a. O João estuda pacas.

b. O João estuda.

Em (133), não é válido inferir que se João estuda (ação mais geral), ele estuda pacas (ação mais específica). Já em (134), é válido inferir que se João estuda pacas, ele estuda. Assim, nota-se que itens de polaridade positiva existem em contexto de acarretamento ascendente.

Um dos contextos de acarretamento descendente que licencia itens de polaridade negativa são sentenças condicionais afirmativas. Analogamente, itens de polaridade positiva são possíveis em sentenças condicionais negativas, como mostram os exemplos (142)-(146) abaixo.

(135) a. \*O João não está com um problema danado.

b. Se o João não estivesse com um problema danado teria me ajudado.

(136) a. \*O João não está com um senhor problema.

b. Se o João não estivesse com um senhor problema teria me ajudado.

(137) a. \*O João não estuda pacas.

b. Se o João não estudasse pacas não teria boas notas.

(138) a. \*John doesn't have a hell of a problem.

b. If John didn't have a hell of a problem, he would be glad to help you.

(139) a. \*John isn't dancing like crazy.

b. If John wasn't dancing like crazy, Mary wouldn't even look at him.

Sentenças condicionais negativas são contextos de acarretamento ascendente, como mostram os exemplos abaixo, com b uma inferência de a, e # apontando uma inferência inválida.

(140) a. Se a Maria não tivesse comido verdura, estaria doente.

b. #Se a Maria não tivesse comido espinafre, estaria doente.

(141) a. Se a Maria não tivesse comido espinafre, estaria doente.

b. Se a Maria não tivesse comido verdura, estaria doente.

Em (140), a inferência não é válida ao colocar-se um elemento mais específico (*espinafre*) no lugar de um mais geral (*verdura*). Já em (141), em que um elemento menos específico substitui um mais específico, a inferência é válida. Isso mostra que sentenças condicionais negativas são contextos de acarretamento ascendente.

Itens de polaridade positiva são possíveis também em elipses de sentenças condicionais negativas, como nos exemplos (142)-(146).

(142) O João está com um problema danado, mas se não estivesse ~~com um~~  
~~problema danado~~ teria me ajudado.

(143) O João está com um senhor problema, mas se não estivesse ~~com um~~  
senhor problema teria me ajudado.

(144) O João estuda pacas, mas se não estudasse ~~pacas~~ não teria boas notas.

(145) John has a hell of a problem, but if he didn't ~~have a hell of a problem~~, he  
would be glad to help you.

(146) John is dancing like crazy, but if he wasn't ~~dancing like crazy~~, Mary  
wouldn't look even look at him.

Os itens de polaridade positiva mostrados nesta seção são todos casos de expressões inerentemente positivas. Assim, em um contexto neutro, não são possíveis em contextos negativos, como no exemplo abaixo.

(147) \*O João não estuda pacas.

Na seção anterior, mostrei que itens de polaridade negativa eram possíveis em elipses em contextos afirmativos com o uso de *sim*, em casos de *pseudostripping*, como no contraste em (108), repetido abaixo em (148).

(148) a. \*Ele não dá a mínima, mas ela dá.

b. Ele não dá a mínima, mas ela *sim*.

A aceitabilidade da sentença com *sim* existe também em contextos de negação metalingüística, como mostra o contraste em (125), repetido abaixo como (149).

(149) A: \_\_\_ Ele não dá a mínima.

B: \_\_\_ Ele dá a mínima sim. / Ele dá sim. / Dá sim.

B: \_\_\_ \*Ele dá a mínima. / \*Ele dá. / \*Dá.

Em casos de negação metalingüística, assim como nas elipses, não é possível usar um item de polaridade negativa em um contexto afirmativo com a repetição do VP ou do verbo, sendo o *sim* sempre necessário.

Por outro lado, negação metalingüística de itens de polaridade positiva é possível, mesmo sem a adição de um *não* extra no final da sentença.

(150) A: \_\_\_ O João estuda pacas.

B: \_\_\_ Ele não estuda pacas não. / Ele não estuda não. / Não estuda não.

B: \_\_\_ Ele não estuda pacas. / Ele não estuda. / Não estuda.

Como apontado acima, *estudar pacas* é um subconjunto de *estudar*. Aparentemente, quando o falante B nega o falante A em (150), está negando apenas o subconjunto *estudar pacas*, mas não a forma mais geral *estudar*.

O mesmo que ocorre em casos de negação metalingüística ocorre em elipses de itens de polaridade positiva em contextos negativos. No exemplo em (151), a elipse é possível se o que estiver sendo negado a respeito de Maria seja o subconjunto *estudar*

*pacas, mas não a forma mais geral estudar.*

- (151) a. \*João estuda pacas, mas a Maria não. (= A Maria não estuda nada.)  
b. João estuda pacas, mas a Maria não. (= A Maria estuda, mas não tanto quanto o João.)

Os outros exemplos com elipses causam o mesmo efeito de sentido, como mostrado em abaixo.

- (152) a. \*O João está com um problema danado, mas a Maria não. (= A Maria não tem problema nenhum).  
b. O João está com um problema danado, mas a Maria não. (= A Maria está com um problema, mas não tão grande quanto o do João.)

- (153) a. \*O João está com um senhor problema, mas a Maria não. (= A Maria não tem problema nenhum.)  
b. O João está com um senhor problema, mas a Maria não. (= A Maria tem um problema, mas não tão grande quanto o do João.)

- (154) a. \*John has a hell of a problem, but Mary doesn't. (= Mary doesn't have any problem.)  
b. John has a hell of a problem, but Mary doesn't. (= Mary has a problem, but it's not as big as John's.)

- (155) a. \*John is dancing like crazy, but Mary isn't. (= Mary isn't dancing at all.)  
 b. John is dancing like crazy, but Mary isn't. (= Mary is dancing, but not as much as John.)

Como pôde ser notado acima, itens de polaridade positiva não são agramaticais em contextos negativos, mas necessariamente resultam em acarretamento ascendente. Na seção anterior, foi mostrado que itens de polaridade negativa são agramaticais em sentenças afirmativas, a não ser que haja uma projeção de  $\Sigma P$ , instanciada pela presença do *sim* ou pelo alongamento da vogal do verbo. O contraste em (115), repetido em (156), mostra a sentença sem  $\Sigma P$ , (156a), e com  $\Sigma P$ , (156b).

- (156) a. \*o João não deu um pio mas [<sub>IP</sub> a Maria<sub>i</sub> deu<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> um pio] ]  
 b. o João não deu um pio mas [<sub>FP</sub> A Maria<sub>i</sub> [ <sub>$\Sigma P$</sub>  sim [<sub>IP</sub> t<sub>i</sub> deu um pio] ] ]

Sentenças negativas sempre têm a projeção de  $\Sigma P$ . Portanto, são sempre possíveis, como mostra a estrutura em (157).

- (157) o João estudou pacas mas [<sub>FP</sub> A Maria<sub>i</sub> [ <sub>$\Sigma P$</sub>  não [<sub>IP</sub> t<sub>i</sub> estudou pacas] ] ]

Sentenças como (157) são sempre possíveis, mas necessariamente resultam em uma leitura com acarretamento ascendente, ou seja, negam o subconjunto, no caso estudar muito, mas não o conjunto, no caso estudar. Em outras palavras, como já mencionado, (157) significa que a Maria estudou, mas não estudou muito.

Assim como as expressões inerentemente negativas entram na derivação já

com valor negativo, as expressões inerentemente positivas entram na derivação com valor intrinsecamente positivo, sempre resultando acarretamento ascendente. Não há ponto na derivação em que não tenham valor, e por isso não podem aparecer em contextos de acarretamento descendente.

### **5.3. Outras Possibilidades de Análise**

Nesta seção, analiso se os dados apresentados neste capítulo podem também ser explicados através de apagamento em PF com *Move F* ou através de reconstrução em LF.

#### **5.3.1. *Move F* com apagamento em PF**

Apresento aqui uma possibilidade de análise para os dados deste capítulo assumindo *Move F* e apagamento em PF. A sentença em (158) servirá de modelo para as análises aqui apresentadas.

(158) O João dormiu e a Maria também vai.

Para explicar a possibilidade de elipses com um elemento diferente do antecedente, é preciso primeiramente assumir uma hipótese não lexicalista, ou seja, assumir que as formas verbais não entram na derivação já flexionadas, mas sim como o radical do verbo mais os afixos de pessoa e tempo. Numa hipótese lexicalista, as formas verbais já entram flexionadas na derivação, e não haveria momento algum em que haveria identidade entre o antecedente e a elipse em um exemplo como (158).

Assim como na implementação com *Agree*, em uma abordagem não lexicalista com *Move F* o que vai haver tanto no antecedente quanto no local da elipse é um

radical mais afixos. A diferença é que, no modelo com *Move F*, os afixos já têm valor ao entrar na derivação, e devem estar checados em LF. Um esquema da sentença antes de LF está em (159).

(159) [<sub>TP</sub> o João [<sub>VP</sub> [*dorm-*+pass.+3psg]]] e [<sub>IP</sub> a Maria também [<sub>I</sub> vai [<sub>VP</sub> [*dorm-*+inf.]]]]

Depois de *Spell-Out*, no caminho para PF, o radical do local da elipse pode ser apagado por ser igual ao antecedente, como mostrado em (160).

(160) [<sub>TP</sub> o João [<sub>VP</sub> [*dorm-*+pass.+3psg]]] e [<sub>TP</sub> a Maria também [<sub>T</sub> vai [<sub>VP</sub> [~~*dorm-*~~+inf.]]]]

Como pode ser observado em (160), há identidade apenas no radical; os afixos são diferentes no antecedente e no local da elipse. Na elipse, há apenas o afixo de infinitivo. Como a morfologia não pode lidar com afixos soltos, uma hipótese para explicar o apagamento do afixo de infinitivo na elipse poderia ser que esse afixo precisa ser apagado por razões de convergência. No entanto, tal hipótese poderia permitir sentenças que não são possíveis. Por exemplo, Lasnik (1999:98) mostra que a sentença em (161a) não é possível porque o apagamento do verbo sob identidade deixa o afixo *-ing* órfão, como em (161b), o que viola o Filtro do Afixo Órfão (cf. seção 3.1).

(161) a. \*Mary won't leave, but John is.

b. \*Mary will not leave, but John is -ING leave.

Se fosse possível apagar afixos no local da elipse por razões de convergência, deveria ser possível apagar o *-ing* de (161b), e a sentença deveria ser possível. Portanto, não é possível apagar afixos em PF por razões de convergência. Assim, a hipótese de que em (160) o afixo pode ser apagado não se confirma. Por sua vez, o VP não pode ser apagado porque não há identidade com o VP antecedente.

Concluindo, uma análise através de *Move F* e apagamento em PF não pode explicar a possibilidade de formas diferentes no antecedente e na elipse.

### **5.3.2. Reconstrução em LF**

Nesta seção, testarei se é possível dar conta dos dados apresentados neste trabalho assumindo reconstrução em LF. Em primeiro lugar, considerarei *Agree* e em seguida *Move F*.

Para testar a aplicação de *Agree* com reconstrução em LF, analisemos primeiro o exemplo em (158), repetido em (162) com e representando a elipse.

(162) O João dormiu e a Maria também vai e.

Antes de *Spell-Out*, o antecedente tem T com traço de tempo valorado e o verbo com afixos de tempo não valorados. Na elipse, há T com traço de tempo valorado e uma categoria vazia, como em (163). Para maior clareza de exposição, apenas o afixo de tempo está sendo considerado.

(163) [<sub>TP</sub> [T + pass.] [<sub>VP</sub> o João [<sub>VP</sub> *dorm-* + aff T]]] e [<sub>TP</sub> vai [T + inf.] [<sub>VP</sub> a Maria e]]

Em seguida, *Agree* valora o afixo de tempo, eliminando seu traço não-interpretável de tempo, como em (164).

(164) [<sub>TP</sub> [T + pass.] [<sub>VP</sub> o João [<sub>VP</sub> *dorm-* + aff T]]] e [<sub>TP</sub> vai [T + inf.] [<sub>VP</sub> a Maria e]]  
[aff =passado]

O próximo passo são as operações de movimento aberto, como esquematizado em

(165) [<sub>TP</sub> o João [T + pass.]] [<sub>VP</sub> o João [<sub>VP</sub> *dorm-* + aff]] e [<sub>TP</sub> a Maria vai [T + inf.]] [<sub>VP</sub> a Maria e]]

Depois de *Spell-Out*, os traços não-interpretáveis de tempo já foram eliminados. O afixo do verbo é puramente morfológico, e portanto não é enviado para LF. O que será reconstruído em LF é, portanto, o VP contendo apenas o radical do verbo. A estrutura depois da reconstrução está esquematizada em (166).

(166) [<sub>TP</sub> o João [T + pass.]] [<sub>VP</sub> o João [<sub>VP</sub> *dorm-*]] e [<sub>TP</sub> a Maria vai [T + inf.]] [<sub>VP</sub> a Maria [<sub>VP</sub> *dorm-*]]

É então possível analisar a sentença em (162) através de *Agree* e reconstrução em LF.

Quanto à análise de (162) através de *Move F* e reconstrução, a estrutura antes de *Spell-Out* está esquematizada em (167).

(167) [TP o João[3p.sg.] [T T[pass.] [VP [dorm-+pass.+3p.sg.]]] e [TP a Maria[3p.sg.]  
também [TP vai [TP T[inf.] e]]]]

Antes de LF, os traços de passado e terceira pessoa do singular do verbo precisam ser checados, ou seja, eliminados. Assim, o que vai ser reconstruído no local da elipse é apenas o VP contendo o radical *dorm-*, como esquematizado em (168).

(168) [TP o João[3p.sg.] [T T[pass.] [VP [dorm-]]]] e [TP a Maria[3p.sg.] também [TP vai  
[TP T[inf.] [VP [dorm-]]]]]]

É possível, portanto, dar conta de (162) também através de uma análise envolvendo *Move F* e reconstrução.

Entretanto, Aoun e Nunes (2002, nota 6) apontam que qualquer análise pressupondo reconstrução em um modelo que assume sujeito interno a *vP* não explica como o argumento externo do *vP* é reconstruído. Nos esquemas em (163)-(168), não considerei o movimento do sujeito de *vP* para TP, nem de V para *v*. Se esses movimentos forem considerados, no momento da reconstrução a estrutura será como em (169).

(169) [TP o João[3p.sg.] [T T[pass.] [VP o João[3p.sg.] [V *dorm-* [VP [V *dorm-*+pass.+3p.sg.]]]]]  
e [TP a Maria[3p.sg.] também [TP vai [TP T[inf.] [VP a Maria[3p.sg.] e]]]]

Segundo Aoun e Nunes, o argumento externo do segundo conjunto tem que

funcionar como argumento externo do predicado reconstruído, e não é claro como conectar esse argumento externo ao vP reconstruído. Os autores assumem que o que é reconstruído é v'. No entanto, como apontado por Jairo Nunes (c. p.), assumir que é o v' que é reconstruído não resolve o problema em uma sentença como (170).

(170) [<sub>IP</sub> o João [<sub>I'</sub> foi [<sub>VP</sub> o João [<sub>V</sub> [<sub>VP</sub> aprovado [<sub>DP</sub> o João]]]]]] e a Maria também foi e

Nesse caso, mesmo que apenas o v' seja reconstruído, o DP *o João* está incluso, e a sentença após a reconstrução ficaria como em (171), com o *João* em posição de objeto.

(171) ... e a Maria também foi [<sub>V</sub> [<sub>VP</sub> aprovado [<sub>DP</sub> o João]]]

Em uma análise envolvendo apagamento em PF, como a proposta da seção 5.1, esse problema não aparece. Nessa proposta, as cópias resultantes de movimento são apagadas antes do licenciamento das elipses. Assim, as cópias não interferem na computação de identidade.

Sentenças com verbo *ser/estar* também não podem ser explicadas por um modelo envolvendo reconstrução. (172) é inaceitável em português.

(172) \*O João era famoso e o filho dele também vai e.

Seguindo o mesmo raciocínio da análise de (162), *Agree* elimina os traços de pessoa e

tempo de *era*, fazendo com que o que chega em LF seja uma forma correspondente a *era*, mas sem os traços de pessoa e tempo. Sendo assim, a reconstrução esquematizada em (173) deveria ser possível, o que não se confirma.

(173) o João era famoso e o filho dele também vai era  
(era = verbo *ser*, sem tempo ou pessoa)

Para que LF exclua (173), seria necessário assumir que existem operações morfológicas também em LF, o que não é claro.

Uma análise com *Move F* teria o mesmo problema, pois no momento da reconstrução, os traços de *era* já estariam checados, e a reconstrução não deveria resultar em uma sentença inaceitável.

Concluindo, a hipótese de que elipses ocorram por reconstrução em LF não dá conta dos fenômenos apresentados nesta seção.

## 5.7. Conclusão

Neste capítulo, apresentei uma proposta de análise para casos de elipse em que aparentemente não há identidade total entre o antecedente e a elipse. Para isso, considerei as possibilidades de análise através das combinações em (174).

- (174) a. *Agree* com apagamento em PF;
- b. *Agree* com reconstrução em LF;
- c. *Move F* com apagamento em PF;
- d. *Move F* com reconstrução em LF.

Mostrei que apenas (174a), como implementado na seção 5.1, dá conta dos dados apresentados, tanto nos casos de elipses verbais como de outros constituintes. Além disso, (174a) encaixa-se dentro dos pressupostos teóricos apresentados no Capítulo 4 desta dissertação em quase todos os seus aspectos. Uma diferença é que pressuponho, diferentemente de Chomsky (1998, 1999), que a projeção T tenha traços interpretáveis de tempo que valoram os traços não-interpretáveis do verbo.

## 6. Os Verbos *Ser* e *Estar*

---

A análise proposta nesta dissertação parece não dar conta de exemplos envolvendo os verbos *ser* e *estar*, como nos exemplos (1) e (2).

(1) \*O João era famoso, e o filho dele também vai.    [ser famoso]

(2) \*O João esteve aqui e a Maria também vai.    [estar aqui]

No inglês, o mesmo ocorre, como apontado por Lasnik (1999) nos exemplos abaixo.

(3) a. \*John was here, and Mary will too.    [be here]

b. \*John is here, and Mary will too.    [be here]

O fato de o verbo *be* ser altamente supletivo, podendo ter várias formas, como *be*, *was*, *been*, *is*, *are*, poderia ser uma explicação para a impossibilidade das elipses no exemplos acima. No entanto, um verbo como *go*, que também é supletivo, permite elipses com formas diferentes, como em (4).

(4) a. Armstrong went to the moon in 1969, and Lovell was going to [go] in 1970.

b. When Mary went home, John already had. [gone home]

Não é, portanto, apenas devido ao seu caráter altamente supletivo que o verbo *be* tem comportamento diferente dos verbos principais nas elipses.

Neste capítulo, discutirei três propostas para explicar o comportamento diferente dos verbos *be/ser/estar* nas elipses e como essas propostas se encaixam com a análise através de *Agree* apresentada no capítulo 5.

## 6.1. Potsdam (1997)

Potsdam (1997:358) considera a análise de Lasnik (1995a) para as elipses muito restritiva e aponta as seguintes violações do Filtro do Afixo Órfão que resultam em sentenças aceitáveis em inglês.

(5) a. I didn't touch the TV, but Percy might have *touch*ed the TV.

b. Would you mind washing the dog if you haven't *wash*ed the dog already.

c. I don't like you. Never have *like*d you.

(6) a. Why don't you sit quietly? I am *sit*ting quietly.

b. "I must see you alone," she said. "You are *see*ing me alone," his uncle said.

c. John said that he would never take money on the side but I knew he was *take*ing money on the side.

Nos exemplos em (5), o afixo *-en* ficaria órfão quando ocorresse o apagamento do verbo no local da elipse, enquanto que em (6) é o afixo *-ing* que ficaria órfão. Lasnik comenta sobre casos como (5), justificando-os como dependentes de propriedades específicas de formas com o sufixo *-en* (ver capítulo 3, nota 1). No entanto, não faz menção a exemplos como (6).

Ao mesmo tempo, Potsdam também mostra situações em que, como mostrado por Lasnik, o Filtro do Afixo Órfão se aplica. Ele então propõe a generalização

descritiva em (7).

### (7) Comportamento de Auxiliares em Elipses

Em casos de elipse de um VP com um verbo auxiliar como núcleo, se o auxiliar antecedente

- i) tem a mesma forma morfológica, a elipse é totalmente aceitável
- ii) é não-finito e é diferente na forma morfológica, a elipse é inconsistentemente permitida
- iii) é finito, a elipse é impossível

(Potsdam 1997: 360, tradução minha)

Exemplos de (ii) estão reproduzidos em (8) e de (iii) em (9), todos de Potsdam (1997:360).

(8) a. John is being examined but Jack really should ~~be examined~~ also.

b. He might be attending AA sessions, I know his mother has ~~been attending AA sessions~~.

c. John may be questioning our motives but Peter hasn't ~~been questioning our motives~~.

d. [Snoopy talking to Woodstock, *Peanuts* cartoon]

You and I are a lot alike... Just a common bird and a common dog.

Of course, If we had wanted ~~to be great~~, we could have [<sub>VP</sub> been great]...

But we didn't need to ~~be great~~.

- (9) a. \*I am confused about ellipsis and, after reading this paper, you will be ~~confused about ellipsis~~ too.
- b. \*Mary is an auto mechanic and her daughter wants to be ~~an auto mechanic~~ also.
- c. \*Chris has been to Rome and his wife might have ~~been to Rome~~ as well.
- d. \*Some of the election results have been announced but the winner can't ~~have been announced~~ yet.

O autor aponta que há controvérsias entre os falantes com relação à aceitação dos exemplos em (8), ou seja, com verbos não finitos diferentes morfologicamente. Segundo ele, isso é porque as sentenças não são mal-formadas sintaticamente, mas a diferença entre a forma do antecedente e a do local da elipse gera dificuldade de processamento. Quando a identidade é total, o processamento é facilitado, já que tanto a informação morfossintática quanto a informação semântica são idênticas nos dois VPs.

No entanto, a melhor aceitação das sentenças em (8) pode ser devida a outros fatores. Em primeiro lugar, Potsdam não menciona que (8b) e (8c) são preferencialmente interpretadas com o verbo principal e não com o verbo *be*, sendo que a interpretação com *be* é considerada marginal. Além disso, as sentenças em (8a) e (8d) são, na verdade, casos de anáforas profundas. Usando o teste do antecedente pragmático, é possível achar contextos que licenciem casos similares, como mostrado em (10a), que corresponde a (8a), e (10b), que corresponde a (8d).

(10) a. [observando alguém sendo examinado ou fazendo um *check-up*]

Jack really should too.

b. [vendo alguém andando de cabeça para baixo]

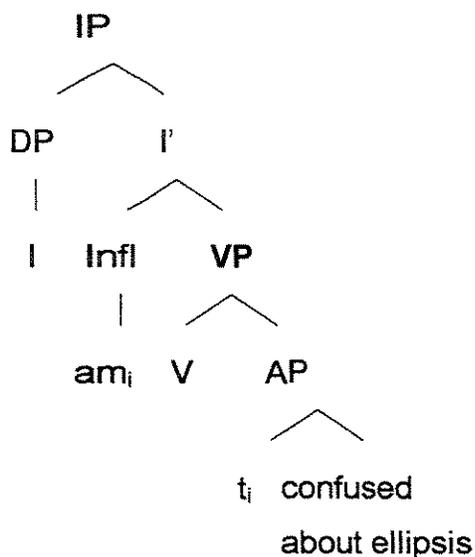
If I wanted, I could too. But I don't need to.

Como tratado no capítulo 2, anáforas profundas não têm conteúdo sintático. Portanto, o fato de não haver identidade entre o antecedente e a elipse é irrelevante nesses casos, porque não houve um elemento cujo apagamento precisou ser licenciado. Nos casos relevantes, ou seja, de anáforas de superfície, a aceitabilidade de exemplos com verbo *be* não-finito em elipses com contextos morfológicos diferentes dos antecedentes é bastante questionável.

Já no caso dos exemplos em (9), ou seja, com verbos finitos e morfológicamente diferentes, o autor sugere que as sentenças sejam sintaticamente mal formadas, e por isso a não aceitação é unânime entre os falantes.

Para Potsdam, a principal razão para que as sentenças sejam mal formadas é haver movimento de  $V^0$  para  $I^0$  do auxiliar finito. Segundo o autor, o VP com o vestígio desse movimento não é um antecedente lícito para a elipse, e portanto a sentença é bloqueada. Abaixo está um esquema da derivação de (9a).

(11)



Para explicar por que elipses de verbos principais são diferentes de elipses de auxiliares como *be*, Potsdam considera essencial considerar que vestígios de  $X^0$  tenham comportamento diferente dos vestígios de XP quanto a licenciarem elipses, ou seja, vestígios de XP podem licenciar elipses, enquanto que vestígios de  $X^0$  não podem. Isso porque em inglês verbos principais não sobem para I. Não havendo movimento de núcleo, não há vestígio de  $X^0$ .

Nas sentenças em (9), repetidas abaixo em (12), o verbo *be* se move para I e deixa um vestígio no VP, que é diferente no antecedente e na elipse.

- (12) a. \*I am confused about ellipsis and, after reading this paper, you will ~~be confused about ellipsis~~ too.
- b. \*Mary is an auto mechanic and her daughter wants to ~~be an auto mechanic~~ also.

- c. \*Chris has been to Rome and his wife might ~~have been to Rome~~ as well.
- d. \*Some of the election results have been announced but the winner can't ~~have been announced~~ yet.

No entanto, línguas com movimento de verbos principais para INFL contradizem a análise de Potsdam.<sup>1</sup> Um exemplo de como essa configuração viola essa análise está em (13). O vestígio de *correu* do antecedente não deveria poder licenciar a elipse, e no entanto a sentença é possível.

(13) A Maria [<sub>IP</sub> [<sub>correu</sub><sub>i</sub> [<sub>VP</sub> *t<sub>i</sub>*]] e amanhã o João também vai ~~effer~~.

Stjepanović (1997) mostra que o servo-croata também é uma língua que permite movimento de verbos principais, como mostram os exemplos em (14), nos quais o advérbio *mudro* pode aparecer tanto antes quanto depois do verbo *savjetuje*.

- (14) a. Marko mudro savjetuje Mariju.  
Marko wisely advises Marija  
  
'Marko is advising Marija in a wise manner.'
- b. Marko savjetuje mudro Mariju.  
Marko advises wisely Marija  
  
'Marko is advising Marija in a wise manner.'

---

<sup>1</sup> Agradeço a Željko Bošković (c.p.) por chamar minha atenção para esses contra-exemplos à análise de Potsdam (1997).

Nas elipses em servo-croata exemplificadas em (15), a posição do advérbio indica que houve movimento do verbo. Assim, o que antecede a elipse é o vestígio do movimento do verbo, ou seja, de movimento de  $X^0$ . O fato de as sentenças serem possíveis invalida o sistema de Potsdam (1997).

- (15) a. **Marija savjetuje mudro Marka danas, iako juče nij mudro**  
**Marija advises wisely Marko today, although yesterday isn't wisely**  
~~savjetovala Marka.~~  
advised<sub>3sgf</sub> Marko.

'Marija is advising Marko wisely today, although she didn't yesterday.'

- b. **Marija savjetuje mudro Marka danas, ali sutra n će mudro**  
**Marija advises wisely Marko today, but tomorrow won't wisely**  
~~savjetovala Marka.~~  
advise<sub>inf</sub> Marko.

'Marija is advising Marko wisely today, but she won't tomorrow.'

Em suma, a hipótese de Potsdam (1997) de que vestígios de  $V^0$  não licenciam elipses não dá conta da diferença entre os casos de elipse dos verbos *be*, *ser* e *estar* e de verbos principais em línguas com movimento de verbos principais.

## 6.2. Lightfoot (2000)

Lightfoot (2000) aceita a abordagem híbrida de Lasnik (1999), apresentada na seção 3.1, segundo a qual no inglês moderno os verbos *be* e *have* entram na derivação já flexionados e checam seus traços com um Infl de traços, enquanto que os verbos principais entram nus e recebem suas flexões de um Infl afixal através de salto de afixo. Lasnik associa a distinção entre verbos afixais e de traços ao fato de o verbo se mover ou não. Lightfoot (2000:13) discorda desse critério, pois elementos modais são de traços e são gerados em I, enquanto que *be* se move para essa posição. O exemplo em (16) mostra que *be* pode não se mover quando aparece junto com um modal.

(16) Kim might still be reading that chapter.

Para explicar por que *be* se comporta diferentemente de verbos principais, Lightfoot propõe que as diversas formas de *be* são armazenadas atômicamente no léxico no inglês moderno. Uma evidência é o fato de que diferentes formas de *be* podem selecionar complementos diferentes. Por exemplo, a forma de *be* seguida de *to* + infinitivo só existe com as formas *am*, *is*, *are*, *was* e *were*, como em (17); e apenas *been* pode ocorrer com um PP direcional, como mostrado em (18).

(17) a. Kim was to go to Paris.

b. \*Kim will be to go to Paris.

(18) a. Kim has been to Paris.

b. \*Kim was to Paris.

(19) a. I regretted Kim reading that chapter.

b. I regretted that Kim was reading that chapter.

c. \*I regretted Kim being reading that chapter.<sup>2</sup>

Para mostrar que existe diferença entre mover-se para Infl e ser armazenado atômicamente no léxico, Lightfoot aponta que, até o século XVIII, *be* também se movia para um Infl de traços, mas suas diferentes formas não eram armazenadas atômicamente no léxico. Assim, as formas em (17), (18) e (19) eram possíveis no inglês, como nos exemplos reproduzidos em (20).

(20) a. You will *be* to visit me in prison with a basket of provisions; ... 1814 Jane

Austen, *Mansfield Park*, ed. by J. Lucas, Oxford University Press, 1970: 122.

b. I was this morning *to* buy silk. 1762 Oliver Goldsmith, *Cit W*: 158  
(meaning “I went to...”, not “I had to...”).

c. Two large wax candles were also set on another table, the ladies being going to cards. 1762 Daniel Defoe, *The Political History of the Devil*, Talboys, Oxford: 1840: 336.

d. ... He being now going to end all with the Queene ... 1661 Samuel Pepys, *Diary* II 129.1 (30 June).

---

<sup>2</sup> A impossibilidade de (19c) poderia ser devida à presença de dois elementos adjacentes com o sufixo *-ing*. No entanto, Lightfoot mostra que dois elementos com *-ing* já foram possíveis no inglês (cf. exemplos (20c) e (20d)).

e. One day being discoursing with her upon the extremities they suffered ...

1791 Daniel Defoe, *Robinson Crusoe*, vol. 2: 218.

Lightfoot mostra também que elipses com *be* que não são possíveis atualmente existiam nessa época, como nos exemplos abaixo.

(21) a. I wish our opinions were the same. But in time they will [sc. be the same].

1816 Jane Austen, *Emma*, ed. by R. W. Chapman, London: OUP, 1933: 471)

b. And Lady Middleton, is she angry?

I cannot suppose that she should [sc. be angry]. 1811 Jane Austen, *Sense and Sensibility*, ed. by C. Lamont, London: OUP, 1970: 237.

c. I think, added he, all the Charges attending it, and the Trouble you had, were defray'd by my Attorney: I ordered that they should [sc. be defrayed]. 1740-1 Samuel Richardson, *Pamela*, London: 3<sup>rd</sup> edition 1741, vol. 2: 129.

d. That bettre loved is noon, ne never schal. c1370 Chaucer, *A Complaint to his Lady*, 80.

'So that no one is better loved, or ever shall [sc. be].'

O autor conclui que em uma época em que as formas de *be* não eram listadas separadamente no léxico, as elipses com *be* funcionavam do mesmo modo que as elipses com verbos principais.

Essa mudança se deu no inglês primeiramente através da perda do movimento de V para I, que ocorria também com verbos principais até o século XVIII. Assim, verbos finitos deixaram de se mover para o início da sentença em perguntas, como em (22a), sendo substituídos pelo auxiliar *do* nessa posição, como em (22c). A negação também passou a requerer o auxiliar, passando de (22b) para (22d). Além disso, não foi mais possível, como (22e), que advérbios ocorressem entre o verbo finito e o complemento. Por outro lado, as formas de *be*, assim como os verbos modais, continuaram ocorrendo do mesmo modo, ou seja, com o verbo se movendo para o início e a negação sem auxiliar, como em (23). (22) e (23) são de Lightfoot (2000:15).

- (22) a. Understands Kim this chapter?  
b. Kim understands not this chapter.  
c. Does Kim understand this chapter?  
d. Kim doesn't understand this chapter.  
e. Kim reads always the newspapers.

- (23) a. Is she happy?  
b. She is not happy.

Outra mudança no século XVIII foi a perda da flexão de segunda pessoa *-(e)st* com o pronome *thou*, o que removeu a última propriedade que separava verbos modais de verbos principais. Nenhuma das duas mudanças afetou o verbo *be*, o que fez com que ele se diferenciasse dos outros verbos e passasse a parecer cada vez menos um

verbo. Assim, as crianças tratavam *be* diferentemente, não atribuindo a ele a estrutura de um verbo principal.

O português também tem restrições de seleção com relação a formas diferentes dos verbos *ser* e *estar*, como mostrado nos exemplos abaixo.

(24) a. O João estava para sair quando a Maria chegou.

b. \*O João vai estar para sair quando a Maria chegar.

(25) a. Era para o João fazer isso.

b. \*Tinha sido para o João fazer isso.

c. \*Será para o João fazer isso.

Outra restrição de uso da cópula em português ocorre nas construções de topicalização de VP, estudadas em Bastos (2001). Como mostrado no contraste entre (26) e (27), o mesmo tipo de topicalização é possível com verbos principais, mas não com *ser* e *estar*.

(26) a. Vender, o João vendeu as sementes de girassol.

b. Vender as sementes de girassol, o João vendeu.

(Bastos 2001: 40-41)

(27) a. \*Ser, o João é inteligente.

b. \*Ser inteligente, o João é.

c. \*Estar, o João está bêbado.

d. \*Estar bêbado, o João está.

(Bastos 2001:42-43)

Com base nas propostas e nas evidências de Lightfoot para o inglês moderno, é possível propor que as diferentes formas dos verbos *ser* e *estar* do português também são armazenadas atômicamente no léxico, e assim funcionam como as expressões inerentemente negativas e positivas apresentadas no capítulo 5. Na seção 6.4, apresento uma análise mais detalhada de sentenças com elipses de verbos *be*, *ser* e *estar*.

### 6.3. Stjepanović (1997)

Stjepanović (1997) propõe que no servo-croata os verbos são tirados do léxico flexionados e que a identidade de formas verbais não é necessária para elipses. Esse é um padrão similar ao que já foi apresentado nesta dissertação, ou seja, a elipse pode ser licenciada mesmo tendo forma distinta do antecedente, que a autora ilustra através dos seguintes exemplos.

- (28) a. Ivan je pročitao knjigu, a Marija nij pročitala knjigu.  
Ivan is read<sub>3sgm</sub> book, and Marija isn't read<sub>3sgf</sub> book

'Ivan read a book, but Marija didn't.'

- b. Ivan je već pročitao knjigu, a Marija n će nikad pročitati knjigu.  
Ivan is already read<sub>3sgm</sub> book, and Marija won't never read<sub>inf</sub> book

'Ivan has already read a book, but Marija will never.'

- c. Marija savjetuje mudro Marka danas, iako juče nij mudre  
Marija advises wisely Marko today, although yesterday isn't wisely  
savjetovala Marka.  
advised<sub>3sgf</sub> Marko.

'Marija is advising Marko wisely today, although she didn't yesterday.'

A possibilidade de formas morfológicamente diferentes na elipse e no antecedente pode ser explicada através da análise com *Agree* apresentada na seção 5. Em outras palavras, tanto no antecedente quanto no local da elipse existe uma forma não valorada do verbo; por haver identidade entre as duas formas, a elipse é possível.

No entanto, assim como no inglês e no português, o verbo *biti* "ser/estar" tem comportamento diferente e exige identidade morfológica estrita, como atestam os

exemplos em (29), de Stjepanović (1997).

(29) a. \*Marko je danas ovdje, ali sutra n će biti—ovdj.  
Marko is today here, but tomorrow won't be<sub>inf</sub> here

'Marko is here today, but he won't be here tomorrow.'

b. Marija je dobar student, ali Petar nije.  
Marija is good student, but Petar isn't.

'Marija is a good student, but Petar isn't.'

Em (29a), a forma *je* não licencia a elipse com a forma *biti*. Já em (29b), as duas formas de *biti* são iguais, e portanto a elipse é possível.

O que diferencia o comportamento de *biti* em servo-croata de *be*, *ser* e *estar* é que existem formas de *biti* que seguem o padrão regular de conjugação da língua. Do mesmo modo que verbos principais, essas formas regulares podem anteceder elipses de formas diferentes, como mostra (30), em que uma forma de *biti* no imperfeito (*beše*) pode anteceder a elipse de uma forma infinitiva.

(30) Marko beše jutros ovdje, ali sutra n će.  
Marko was<sub>imperf.</sub> morning here, but tomorrow won't.

'Marko was here this morning, but tomorrow he won't be here.'

Do mesmo modo, todas as formas não-finitas de *biti* podem anteceder elipses de qualquer outra forma de *biti*, como mostrado em (31), com as formas não-finitas *bio* e *biti*.

(31) a. On je bio ovdje danas, ali sutra n'će.  
he is been here today, but tomorrow won't

'He has been here today, but he won't be here tomorrow.'

b. On će biti ovdje sutra, jer ju će nije.  
he will be here tomorrow, because yesterday isn't.

'He will be here tomorrow, because he wasn't yesterday.'

Stjepanović então usa a proposta de Lasnik (1995, 1999) da seguinte forma: em casos em que os verbos não se movem abertamente, os verbos do servo-croata são tirados do léxico nus e seus afixos flexionais são introduzidos na estrutura como itens lexicais separados; nos casos em que os verbos se movem abertamente, eles são tirados do léxico flexionados. No entanto, para Lasnik é necessário haver identidade total com o antecedente para que uma elipse seja licenciada, e isso contradiz os casos com *biti* no presente. Stjepanović faz então uma adaptação para acomodar todos os casos do servo-croata. Sua proposta é a seguinte: no servo-croata, assim como no inglês, formas finitas e não-finitas de verbos, com exceção de *biti*, são introduzidas nuas do léxico e devem se concatenar a afixos que foram introduzidos independentemente na estrutura. Além disso, T finito em servo-croata pode opcionalmente ter um traço que cause movimento aberto, como mostravam os exemplos em (14), repetidos abaixo em (32).

(32) a. Marko mudro savjetuje Mariju.  
Marko wisely advises Marija

'Marko is advising Marija in a wise manner.'

- b. Marko savjetuje mudro Mariju.  
Marko advises wisely Marija

‘Marko is advising Marija in a wise manner.’

Por fim, segundo Stjepanović, nas elipses podem ser ignoradas as diferenças entre afixos flexionais introduzidos do léxico independentemente de suas raízes, mas não a falta de identidade nos verbos em si.

O sistema baseado em *Agree* proposto neste trabalho é compatível com a proposta de Stjepanović para elipses. As diferenças que podem ser ignoradas em seu sistema são na verdade casos de afixos não valorados que mostram identidade antes de *Agree* ocorrer, como mostrado no capítulo 5. Assim, pode-se manter o requisito de identidade estrita entre a elipse e seu antecedente. Já nos casos do verbo *biti* com formas irregulares, sua proposta é compatível com a análise em Lightfoot (2000), cuja hipótese era de que as formas do verbo *be* fossem armazenadas atômicamente no léxico.

Essa hipótese é reforçada pelos casos em servo-croata em que o verbo *biti* segue o padrão regular de conjugação verbal da língua e admite elipses em que não há identidade total. Nesses casos, o verbo *biti* funciona como outros verbos principais, provavelmente porque não é armazenado atômicamente no léxico. Na próxima seção está uma análise mais detalhada para esses casos.

#### 6.4. A cópula na proposta com Agree

As propostas de Lightfoot (2000) e Stjepanović (1997) têm em comum assumir que as diferentes formas de *ser* e *estar* entram na derivação já flexionadas. Dentro da proposta apresentada no capítulo 5, isso significa dizer que já entram na derivação inerentemente especificadas e não dependem de *Agree* para valorar seus traços morfológicos. Vejamos um contraste entre uma sentença com verbo principal, em (33), e uma com *ser*, em (34).

- (33) a. o João [*dorm-* +afixos] e a Maria também vai [*dorm-* + afixos]  
b. O João dormiu e a Maria também vai.

- (34) a. O João [*era*] famoso e o filho dele também vai [*ser*] famoso  
b. \*O João era famoso e o filho dele também vai.

Em (33a), tanto no antecedente quanto na elipse, as formas verbais são o radical *dorm-* mais afixos de tempo e concordância. Sendo idênticas as formas, o segundo VP pode ser apagado, resultando na sentença com elipse em (33b). Já em (34a), as formas *era* e *ser* são diferentes, e portanto o segundo VP não pode ser apagado, e a sentença com elipse em (34b) é inaceitável.

Assim como as expressões inerentemente negativas e positivas discutidas na seção 5.2.3, as formas de *be*, *ser* e *estar* já entram na derivação inerentemente especificadas quanto a seus traços morfológicos de tempo e concordância. Não há

portanto, nenhum momento da derivação em que as formas de *be*, *ser* e *estar* sejam um radical mais afixos de tempo e concordância.

Mary Kato (c. p.) sugere a hipótese de que a cópula seja na verdade um afixo puro. A identidade entre a elipse de VP e seu antecedente, nos casos em que são diferentes em termos de tempo e concordância, depende crucialmente do radical verbal. Se a cópula for realmente um afixo puro, nunca haverá um radical que garanta a identidade requerida para o licenciamento de elipses dos verbos *be*, *ser*, *estar* ou *biti* irregular em que o antecedente tenha tempo ou pessoa diferente da elipse. Portanto, as formas devem ser idênticas.

Apesar de os traços de tempo e concordância da cópula já entrarem na derivação valorados quanto à morfologia, têm traços de tempo e concordância não-interpretáveis para LF. A operação *Agree* então elimina esses traços, caso sejam compatíveis entre a sonda e o alvo. Isso permite explicar a inaceitabilidade da sentença em (35).

(35) \*Ele éramos rico.

Nessa sentença, os traços de concordância do alvo *éramos* (primeira pessoa do plural) não são compatíveis com os da sonda *ele* (terceira pessoa do singular). A relação sonda-alvo não pode ser estabelecida e a operação *Agree* não elimina os traços não-interpretáveis de *éramos*. Assim, a derivação fracassa em LF.

## 6.5. Conclusão

Neste capítulo, explorei algumas hipóteses para explicar por que os verbos *ser* e *estar* têm comportamento diferente de outros verbos principais em elipses.

A hipótese adotada foi a de que as diferentes formas da cópula, tanto em português quanto em inglês e no servo-croata, não envolvem um radical mais afixos de tempo e concordância, sendo formas atômicas, que podem na verdade ser afixos puros. Assim, tais formas dependem de *Agree* apenas para eliminar seus traços formais não-interpretáveis, e não para valorar seus traços morfológicos.

Nos termos da Morfologia Distribuída, podemos dizer que as formas de *be*, *ser*, *estar* e o presente de *biti* correspondem a apenas um morfema. Por isso, apenas um Item de Vocabulário específico será inserido em cada um, e não um Item para o radical e outros para tempo e concordância.

## **7. Considerações Finais**

---

Na introdução desta dissertação, apresentei as principais questões que guiaram esta pesquisa. Repito abaixo essas questões.

- (1) a. Por que às vezes é possível haver elipses com formas diferentes no antecedente e na elipse?
- b. Qual é a relação entre sintaxe e morfologia que resulta nos contrastes em (1)-(12) do capítulo 1?

Nas seções que seguem, retomo como cada uma foi tratada. Por fim, discuto que contribuição esta dissertação traz para a teoria da gramática.

## 7.1. Identidade entre a Elipse e seu Antecedente

Neste trabalho, mostrei primeiramente a distinção de Hankamer e Sag (1976) entre anáforas profundas, que não têm conteúdo sintático, e anáforas de superfície, que têm conteúdo sintático. A questão da identidade é irrelevante em anáforas profundas. Já em casos de anáfora de superfície envolvendo elipse de VP onde aparentemente não há identidade entre o elemento elidido e seu antecedente, na verdade tal identidade existe em um ponto da derivação antes de a morfologia atribuir traços morfofonológicos ao radical e aos afixos de tempo e concordância. Essa identidade depende da proposta de que afixos como Caso, tempo e concordância entrem na derivação não valorados e recebam seus valores através da operação *Agree*. Mais tarde, segundo o modelo da Morfologia Distribuída, a morfologia atribui itens de Vocabulário específicos aos morfemas raízes e aos afixos valorados, formando assim os itens lexicais que aparecem em PF.

Um aparente contra-exemplo para a análise envolvendo *Agree* são os casos envolvendo os verbos *ser* e *estar*. Mostrei que esses verbos já entram totalmente flexionados na derivação, ou em termos de Morfologia Distribuída, correspondem a apenas um morfema, e não um radical mais afixos. Assim, já são totalmente valorados para a morfologia, e não há nesse caso momento algum na derivação em que o antecedente e a elipse sejam iguais. A operação *Agree* apenas elimina os traços que são não-interpretáveis para LF.

## **7.2. Relação entre Sintaxe e Morfologia**

O licenciamento de elipses revela uma estreita relação entre sintaxe e morfologia. A aplicação da operação *Agree* para valorar afixos que entraram na derivação não valorados mostra que uma operação sintática terá efeitos morfológicos. Tais afixos serão realizados morfológicamente de acordo com o valor que receberam. Por exemplo, a forma *comprávamos* envolve, além do radical, um afixo de tempo que foi valorado como pretérito imperfeito e um afixo de pessoa que foi valorado como primeira pessoa do plural. A realização morfológica do afixo de tempo é *-va* e do afixo de pessoa é *-mos*.

Através da mesma análise usada para explicar elipses verbais, pode dar conta também de casos de elipses envolvendo quantificadores existenciais, itens de polaridade negativa e positiva, diferenças de gênero, NPs predicativos e da alternância entre acusativo e genitivo em construções de lacuna parasita e *across-the-board* em polonês.

Nessas categorias, um fato análogo à diferença entre elipses de verbos principais e verbos *ser* e *estar* pôde ser observado: elementos que já são retirados do léxico morfológicamente valorados, sejam eles inerentemente afirmativos, negativos, masculinos ou femininos. Estes elementos precisam de *Agree* para eliminar seus traços formais não-interpretáveis, mas não para receber seu valor morfológico. Não há nenhum momento da derivação em que se constituam de um radical mais afixos, e portanto é sempre necessária identidade morfológica total entre a elipse e seu antecedente.

### **7.3. Contribuições para a Teoria da Gramática**

A análise apresentada nesta dissertação pôde prover evidência empírica para a operação *Agree*. Como mencionado na seção 4.2, as vantagens que Chomsky (1999, 2000) apresenta como suporte para *Agree* em lugar do movimento coberto de traços são técnicas, e não empíricas, sendo que a maioria delas podia ser capturada através de variações na implementação de *Move F*. Além disso, *Agree* tinha alguns dos mesmos problemas conceituais que *Move F*, como por exemplo resultar em uma derivação acíclica. Neste trabalho, a análise dos dados só pode ser feita com base em *Agree*, o que faz com que os casos de elipses aqui discutidos constituam evidência empírica para essa operação.

Além disso, os dados aqui apresentados não podem ser analisados através de uma abordagem de elipses como reconstrução em LF. Apenas uma visão de elipses como apagamento em PF dá conta dos dados assim apresentados. Portanto, esta dissertação também pôde prover evidência para esse processo.

Por fim, a análise proposta nesta dissertação depende de que a identidade entre o antecedente e a elipse seja computada em um momento específico da derivação. Assim, não há como implementá-la representacionalmente, o que faz com que possa prover evidência também para uma abordagem derivacional da gramática.

## 8. Referências Bibliográficas

---

- ABNEY, S. 1987. *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. Tese de doutorado, MIT.
- AOUN, J. e J. NUNES. 2002. *Vehicle Change Effects: an argument for Move-F*. Ms., University of Southern California, Universidade Estadual de Campinas.
- BASTOS, A.C. 2001. *Fazer, eu Faço! Topicalização de constituintes verbais em português brasileiro*. Dissertação de mestrado, Unicamp.
- BONDARUK, A. a sair. Parasitic Gaps and ATB in Polish. A sair no *Journal of Slavic Linguistics*.
- BRESNAN, J. 1971. A Note on the Notion "Identity of Sense Anaphora". *Linguistic Inquiry* 2: 589-597.
- BRUCART, J. M. 1987. *La Elisión Sintáctica en Español*. Barcelona: Bellaterra.
- CHAO, W. 1988. *On Ellipsis*. Tese de doutorado, University of Massachusetts, Amherst.
- CHOMSKY, N. 1957. *Syntactic Structures*. Paris: Mouton.
- CHOMSKY, N. 1981. *Lectures on Government and Binding – The Pisa Lectures*. Dordrecht: Foris.
- CHOMSKY, N. 1982. *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- CHOMSKY, N. 1986a. *Barriers*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- CHOMSKY, N. 1986b. *Knowledge of Language*. New York: Praeger.
- CHOMSKY, N. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- CHOMSKY, N. 1999. *Derivation by Phase*. Manuscrito, MIT.
- CHOMSKY, N. 2000. *Minimalist Inquiries: The Framework*. In Martin, R., D. Michaels e J. Uriagereka (eds.) *Step by Step – Essays in Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, Mass.: MIT Press. 89-155.

- CHOSMKY, N e H. LASNIK. 1995. The Theory of Principles and Parameters. In Chomsky, N. *The Minimalist Program*, 13-127. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- CYRINO, S. 2001. On the Licensing of VP Ellipsis. Trabalho apresentado no *Workshop on Ellipsis and Empty Categories*, IEL-Unicamp, Campinas.
- DEPIANTE, M. 2000. *The Syntax of Deep and Surface Anaphora: A Study of Null Complement Anaphora and Stripping/Bare Argument Ellipsis*. Tese de doutorado, University of Connecticut.
- DEPIANTE, M. 2001. Ellipsis in Spanish and the Stranded Affix Filter. In *Proceedings of North Eastern Linguistic Society 31*. GLSA, University of Massachusetts, Amherst.
- DUCROT, O. 1972. *Dire et ne pas dire*. Paris: Hermann.
- DYLA, S. 1984. Across-the-Board Dependencies and Case in Polish. *Linguistic Inquiry* 15: 701-705.
- EMONDS, J. 1978. The Verbal Complex V'-V in French. *Linguistic Inquiry* 9: 151-175.
- FIENGO, R e R. MAY. 1994. *Indices and Identity*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- FIGUEIREDO SILVA, M.C. 1996. *A Posição Sujeito no Português Brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da Unicamp.
- FRANKS, S. 1993. On Parallelism in Across-the-Board Dependencies. *Linguistic Inquiry* 24: 509-529.
- FRANKS, S. 1995. *Parameters of Slavic Morphosyntax*. New York and Oxford: Oxford University Press.
- GRINDER, J. e P. POSTAL. 1971. Missing Antecedents. *Linguistic Inquiry* 2: 269-313.
- HAEGEMAN, L. 1995. *The Syntax of Negation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HALLE, M. e A. MARANTZ. 1993. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: Hale, K. & S. J. Keyser. *The View from Building 20*, 111-176. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- HANKAMER, J. and I. SAG. 1976. Deep and Surface Anaphora. *Linguistic Inquiry* 7: 391-428.
- HARDT, D. 1993. *Verb Phrase Ellipsis: Form, meaning and processing*. Tese de doutorado, University of Pennsylvania.

- HARLEY, H. e R. NOYER. 1999. Distributed Morphology. *Glott International* 4.4: 3-9.
- HORN, L. 1985. Metalinguistic Negation and Pragmatic Ambiguity. *Language* 61: 121-174.
- HORNSTEIN, N. 1990. *As Time Goes By – Tense and Universal Grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- JACKENDOFF, R. 1972. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- KATO, M. 1981. Restrições à Regra da Elipse Verbal. In M. C. Magro e R. Dutra. 1981. *Ensaio de Lingüística - Cadernos de lingüística e teoria da literatura*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. 93-101.
- KAYNE, R. 1994. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- KLIMA, E. 1964. Negation in English. In J. Fodor e J. Katz. 1964. *The Structure of Language*. Englewood Cliffs: Prentice Hall. 246-323.
- LADUSAW, W. 1980. On the Notion "Affective" in the Analysis of Negative Polarity Items. In *Journal of Linguistic Research* 1: 1-16.
- LAKA, I. 1990. Negation in Syntax: on the nature of functional categories and projections. Tese de doutorado, MIT.
- LARSON, R. 1988. On the Double Object Construction. *Linguistic Inquiry* 19: 335-391.
- LARSON, R. 1990. Semantics. In Osherson, D. e H. Lasnik (eds.) *Language – An Invitation to Cognitive Science*, Volume 1: 23-42. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- LASNIK, H. 1981. Restricting the Theory of Transformations: A Case Study. In Hornstein, N. e D. Lightfoot (eds.). *Explanations in Linguistics*, 152-173. London: Longman.
- LASNIK, H. 1995. Verbal Morphology: *Syntactic Structures* Meets the Minimalist Program. In P. Kempchinsky e H. Campos. *Evolution and Revolution in Linguistic Theory: Essays in Honor of Carlos Otero*. Washington, DC: Georgetown University Press. Republicado como capítulo 5 de Lasnik (1999).
- LASNIK, H. 1999. Verbal Morphology: *Syntactic Structures* Meets the Minimalist Program. In *Minimalist Analysis*, 97-119. Malden, Mass.: Blackwell.
- LIGHTFOOT, D. 2000. Ellipses as Clitics. In Schwabe, K. e N. Zhang (eds.) *Ellipsis in Conjunction*. Tuebingen: Niemeyer.

- LIGHTFOOT, D. 2002. The Form of Innateness Claims. Apresentado na conferência *Innateness and the Structure of the Mind*, Sheffield.
- LOBECK, A. 1995. *Ellipsis: Functional Heads, Licensing and Identification*. New York: Oxford University Press.
- LÓPEZ, L. 1999. VP-Ellipsis in Spanish and English and the Features of Aux. *Probus* 11, 263-297.
- MAGALHÃES, T. 2002. Valorando Traços de Concordância Dentro do DP. Ms., Unicamp.
- MARTINS, A. M. 1994. Enclisis, VP-Deletion and the Nature of Sigma. *Probus* 6: 173-205.
- MATOS, G. 1992. *Construções de Elipse do Predicado em Português – SV Nulo e Despojamento*. Tese de doutorado, Universidade de Lisboa.
- MERCHANT, J. 1999. *The Syntax of Silence: Sluicing, Islands, and Identity in Ellipsis*. Tese de doutorado, University of California, Santa Cruz.
- MERCHANT, J. 2001. *The Syntax of Silence: Sluicing, Islands, and the Theory of Ellipsis*. Oxford: Oxford University Press.
- NUNES, J. 2001a. Sideward Movement. In *Linguistic Inquiry* 32:303-344.
- NUNES, J. 2001b. Horizontes de uma Análise Minimalista em Andamento. Apresentado na mesa redonda "Horizontes das Pesquisas em Lingüística". VII Seminário de Teses em Andamento. Unicamp.
- NUNES, J. a sair. *Linearization of Chains and Sideward Movement*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- OKU, S. 1998. A Theory of Selection and Reconstruction in the Minimalist Perspective. Tese de doutorado, University of Connecticut.
- POLLOCK, J-Y. 1989. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20: 365-424.
- POTSDAM, E. 1997. English Verbal Morphology and VP Ellipsis. In *Proceedings of North Eastern Linguistic Society* 27, 353-368. GLSA, University of Massachusetts, Amherst.
- PRZEPIÓRKOWSKI, A. 1996. Case assignment in Polish: Towards an HPSG analysis. In: Grover, C. and E. Vallduví (eds.) *Edinburgh Working Papers in Cognitive*

*Science: Studies in HPSG*, 195–233. Edinburgh: Centre for Cognitive Science, University of Edinburgh.

- PRZEPIÓRKOWSKI, A. 1997. Case assignment in Polish: Towards an HPSG analysis. In: Junghanns, Uwe and Gerhild Zybatow (eds), *Formale Slavistik (= Leipziger Schriften zur Kultur-, Literatur-, Sprach- und Uebersetzungswissenschaft;7)*, 317-319. Frankfurt am Main: Vervuert Verlag. Versão simplificada de Przepiórkowski (1996).
- REICHENBACH, H. 1947. *Elements of Symbolic Logic*. Reimpresso em 1966 por Free Press.
- ROSS, J.R. 1969. Guess Who? In Binnick, R. et al. (ed.) *Papers from the Fifth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, 252-286. Chicago Linguistic Society, University of Chicago, Chicago, Ill.
- SAG, I. 1976. Deletion and Logical Form. Tese de doutorado, MIT.
- STJEPANOVIĆ, S. 1997. VP Ellipsis in a Verb Raising Language: Implications for Verbal Morphology. In Austin, J. e A. Lawson (eds.) *Proceedings of the Eastern States Conference in Linguistics 1997*. Ithaca, NY: CLC Publications.
- STJEPANOVIĆ, S. 1999a. Multiple sluicing and superiority in Serbo-Croatian. *Proceedings of North Eastern Linguistic Society 29*, 145-159. GLSA, University of Massachusetts, Amherst.
- STJEPANOVIĆ, S. 1999b. What do second position cliticization, scrambling, and multiple wh-fronting have in common. Tese de doutorado, University of Connecticut, Storrs.
- TANCREDI, C. 1992. *Deletion, deaccenting, and presupposition*. Tese de doutorado, MIT.
- THOMPSON, E. 1996. *The Syntax of Tense*. Tese de doutorado, Universidade de Maryland.
- URIAGEREKA, J. 1994. A Note on Obviation. Ms., University of Maryland at College Park.
- WILLIAMS, E. 1977. Discourse and Logical Form. *Linguistic Inquiry* 8: 101-139.
- XIMENES, C. 2002. Contração de Preposição em Estruturas Coordenadas. Dissertação de mestrado, Unicamp.
- ZAGONA, K. 1988. *Verb Phrase Syntax. A Parametric Study of English and Spanish*. Dordrecht: Kluwer.